

# **A Invasao do Mar**

Julio Verne

Título original: L'INVASION DE LA MER

Autor: Júlio Verne

Tradução: Luís Leitão

Revisão: Carla Oliveira

Capa: Ricardo Tadeu Barros

Paginação: Leonel Matias

Concepção de Carla da Silva Pereira

Impressão: Guide – Artes Gráficas

Copyright de publicação

2005 Antígona para esta tradução

Novembro de 2005

Antígona editores refractários

Rua da Trindade, nº 5 – 2º fte.- 467

Lisboa – Portugal

Tel 213244170

fax 213244171

[www.antigona.pt](http://www.antigona.pt)

[info@antigona.pt](mailto:info@antigona.pt)

## Nota do editor

As observações feitas desde o fim do século XIX demonstram de forma peremptória que nunca pode ter existido um mar que cobrisse toda a região das sebkha e dos chotts, pois em certos pontos a altitude de uma parte destas depressões ultrapassa em quinze a vinte metros o nível do golfo de Gabes, e nunca esse mar, pelo menos durante os tempos históricos, poderia ter a extensão de cem léguas como afirmavam os espíritos mais imaginativos. Contudo, reduzindo-o às dimensões permitidas pela natureza destas terras de chotts e de sebkha, não era impossível realizar o projeto de um Mar Saariano alimentado pelas águas do golfo de Gabes. E foi em 1874 que Roudaire, audacioso capitão do Estado—Maior, estudou este projeto de mar interior, ao qual iria consagrar tantos esforços. Mas poderia ele prever os inúmeros obstáculos com que iria se deparar, como as tribos hostis do deserto, e que porventura não conseguiria superar? Agrupada em torno da Sociedade do Mar Saariano, a equipe do engenheiro de Schaller prometia ser bem sucedida onde todos haviam fracassado e levar até o fim tão grandioso e extraordinário empreendimento.

Romance que não se encontra certamente entre os mais conhecidos, *A Invasão do Mar*, de 1905, é, no entanto, a última obra que o escritor reviu antes de morrer, no dia 24 de março do mesmo ano. Na realidade, o manuscrito se chamava O Mar Saariano, e o título pelo qual Verne premonitoriamente optou evoca a catástrofe, a devastação, a morte, colocando assim a narrativa sob o

signo de uma fatalidade anunciada. Numa primeira abordagem, o que despertará o interesse do leitor é o fato de ser um exótico romance “tunisino”, e consagrado a um sonho, ou a uma utopia, que deve tanto aos sortilégios da mitologia quanto aos cálculos dos geógrafos e dos economistas. Trata-se, por um lado, de um romance dúplice, na medida em que o herói da liberdade, Hadjar, e o campeão dos empreendimentos tecnológicos audaciosos, De Schaller, são colocados no mesmo plano, e, por outro, de um romance trágico, pois a tragédia, pelo menos segundo Pierre Corneille, reside na encenação de um dilema cuja insolubilidade só pode ser resolvida através do sofrimento e da morte do herói.

Este pode ser considerado um texto-testamento, um texto-confissão, onde, através do subterfúgio da ironia, Verne põe em causa a presunção do capitalismo e do colonialismo em mudar o mundo, impondo as suas leis aos povos cujo direito à terra usurpam, em nome do bem futuro deles, e no qual é notório que Verne viveu dividido entre a sua admiração pelos heróis modernos da ciência e da tecnologia ocidentais, e a sua vocação sempre juvenil e irreprimível de tomar parte no heroísmo libertário.

# Mapas



*Traçado do canal de acordo com o projeto de Roudaire, que inspirou Júlio Verne a escrever o romance A Invasão do Mar*



## Quem foi

ROUDAIRE, François Élie: Oficial e cientista francês; nasceu e morreu em Guéret (1830-1885). Aluno da escola de Saint-Cyr e da escola do Estado—Maior, ascendeu ao posto de capitão em 1861 e, em 1873, foi encarregado de efetuar trabalhos geodésicos relativos ao meridiano de Biskra.

Chegou à conclusão de que, tempos atrás, o mar havia coberto uma parte do Saara Argelino, uma vez que esta tinha secado e ficado separada do Mediterrâneo por um acúmulo de areia. Propôs então a ressuscitação deste mar interior pelo corte do cordão de dunas que separam o chott Fedjedj do golfo de Gabes. Este projeto foi rejeitado em 1882, por ter sido considerado irrealizável.

(Extraído do *Dicionário Larousse*, edição de 1920.)

# I

## O OÁSIS DE GABES

- Sabes alguma coisa?
- Sei o que ouvi no porto.
- Falavam do navio que vem buscar... que vai levar Hadjar?
- Sim, para Tunes, onde será julgado.
- E condenado?
- Condenado.
- Alá não o irá permitir, Sohar! Não! Ele não o permitirá!

– Silêncio – diz bruscamente Sohar, pondo-se à escuta como se ouvisse um ruído de passos na areia.

Sem se levantar, rastejou até à entrada do marabuto abandonado onde tinha lugar esta conversa. Ainda fazia dia, mas o sol não tardaria a desaparecer por detrás das dunas que bordejam deste lado o litoral do Sirte Menor. No paralelo trinta e quatro do hemisfério setentrional, os crepúsculos não são longos no início de Março. Aqui, o astro radiante não se aproxima do horizonte numa descida oblíqua. Parece que cai na vertical como um corpo sujeito às leis da gravidade.

Sohar estacou, e depois deu alguns passos para lá da soleira calcinada pelo ardor dos raios solares. Percorreu brevemente com o olhar a planície circundante.

Para norte, os topos verdejantes de um oásis que se espraiava à distância de quilómetro e meio. Para sul, a área sem fim das praias amarelentas franjadas de

espuma na ressaca da enchente da maré. Para oeste, um amontoado de dunas que se

perfilavam no céu. Para leste, um grande espaço de mar que forma o golfo de Gabes e banha o litoral tunisino ao inflectir-se em direção à Tripolitânia.

A ligeira brisa de oeste que havia refrescado a atmosfera durante o dia abrandara ao entardecer. Aos ouvidos de Sohar não chegava nenhum ruído. Parecera-lhe sentir passos junto àquele vetusto cubo de alvenaria branca resguardado por uma velha palmeira, mas reconheceu que se tinha enganado. Ninguém, nem do lado das dunas, nem do lado da praia. Deu a volta ao pequeno monumento. Não se via viva alma ou quaisquer vestígios na areia, para além dos que ele próprio e a sua mãe haviam deixado à entrada.

Não pasSaara um minuto após a saída de Sohar, quando Djemma surgiu na soleira, inquieta com a ausência do filho. Este, que nesse momento virava a esquina do marabuto, tranquilizou-a com um gesto.

Djemma era uma africana de raça tuaregue, já com mais de sessenta anos, grande, forte, porte direito e atitude enérgica. Dos seus olhos azuis, como os das mulheres da mesma origem, emanava um olhar com tanto de ardor quanto de orgulho. De pele branca, tinha uma cor amarela devido à tinta de ocre que lhe cobria a testa e as faces. Estava vestida com um tecido escuro, um amplo haik\* daquele tipo de lã que as manadas dos Hammâma, que vivem nas imediações das sebkhâ ou chotts da baixa Tunísia, fornecem tão abundantemente. A cabeça, cuja espessa cabeleira revelava apenas os primeiros fios brancos, estava coberta por um grande capuz.

Djemma permaneceu imóvel no mesmo lugar até o filho ir ter com ela. Este não tinha encontrado nada de suspeito por perto e o silêncio era apenas perturbado pelo canto lamentoso do bou-habibi, o pardal do Djerid, de que havia numerosos pares a esvoaçar para o lado das dunas.

*\*Haik: peça de lã ou de algodão que dissimula as formas do corpo e esconde os traços do rosto. (N. T)*

Djemma e Sohar voltaram a entrar no marabuto para esperarem a noite, que lhes permitiria chegar a Gabes sem despertar a atenção.

A conversa prosseguiu nos seguintes termos:

– O navio deixou a Goulette?

– Sim, mãe, e esta manhã tinha dobrado o cabo Bom. E o cruzador Chanzy.

– Chega esta noite?

– Sim, esta noite. A menos que arribe a Sfax. Mas é mais provável que venha fundear diante de Gabes, onde lhe será entregue o teu filho e meu irmão.

– Hadjar, Hadjar! – murmurou a velha mãe. E, agora fremente de cólera e dor:

– Meu filho... meu filho! – exclamou. – Aqueles rumis\* vão matá-lo e não voltarei a vê-lo. Já não estará aqui para conduzir os tuaregues à guerra santa! Não, não! Alá não o permitirá.

*\*Rumi: nos antigos livros orientais, palavra para designar o europeu. (N. T.)*

Depois, como se esta crise lhe houvesse esgotado as forças, Djemma caiu de joelhos ao canto da sala estreita e permaneceu em silêncio.

Sohar voltara a pôr-se na soleira, encostado à ombreira da porta, tão imóvel que parecia de pedra,

como uma daquelas estátuas que ornaram por vezes a entrada dos marabutos. Nenhum ruído inquietante o tirou da sua imobilidade. A sombra das dunas ia-se alongando pouco a pouco para leste, à medida que o sol baixava sobre o horizonte do lado oposto. A oriente do Sirte Menor elevavam-se as primeiras constelações. A estreita fatia do disco lunar, no início do primeiro quarto, acabava de se introduzir por detrás das neblinas mais longínquas do poente. Perspectivava-se uma noite tranquila, mas escura, pois uma cortina de brumas ligeiras vinha esconder as estrelas.

Pouco depois das sete horas, Sohar voltou para junto da mãe e disse-lhe: – Está na altura.

– Sim – respondeu Djemma —, está na altura de arrancar Hadjar das mãos desses rumis. Ele tem de estar fora da prisão de Gabes antes do nascer do sol. Amanhã será demasiado tarde.

– Está tudo pronto, mãe – afirmou Sohar. – Os nossos companheiros esperam-nos. Os de Gabes prepararam a fuga. Os do Djerid servirão de escolta a Hadjar, e quando voltar a ser dia já eles estarão longe no deserto.

– E eu com eles – declarou Djemma. – Não vou deixar o meu filho.

– E eu irei consigo – acrescentou Sohar. – Não abandonarei o meu irmão nem a minha mãe!

Djemma puxou-o para junto de si e estreitou-o nos braços. Depois, compôs o capuz do hdik e transpôs a soleira.

Sohar precedia-a de alguns passos enquanto se dirigiam para Gabes. Em vez de caminharem pela orla litoral, ao longo da área de algas marinhas deixada a descoberto pela última maré sobre a praia, seguiam a

base das dunas, esperando passar mais despercebidos durante aquele trajeto de quilômetro e meio. No local onde se encontrava o oásis, a massa das árvores, que se confundia na obscuridade crescente, quase parecia indistinguível ao olhar. Nenhuma luz brilhava na escuridão. Nestas casas árabes, desprovidas de janelas, o dia só penetra nos pátios interiores e, quando a noite chega, nenhuma claridade transparece para fora.

Contudo, pouco depois tornou-se visível um ponto luminoso acima dos contornos nebulosos da cidade. O raio luminoso, aliás bastante intenso, devia provir da parte alta de Gabes, porventura do minarete de uma mesquita, ou possivelmente do castelo que dominava a cidade.

Sohar não teve dúvidas e, apontando com o dedo aquela claridade, disse:

- O bordj.
- E é ali que ele está, Sohar?
- É ali que o têm prisioneiro, mãe!

A velha tinha parado. Parecia que esta luz estabelecera uma espécie de comunicação entre ela e o filho. Certamente que, se a luz não vinha do cárcere onde ele devia estar cativo, provinha pelo menos do forte para onde Hadjar fora conduzido. Desde que o temível chefe caíra nas mãos dos soldados franceses que Djemma não via o filho, e nunca mais voltaria a vê-lo, a menos que, nesta mesma noite, ele escapasse, pela fuga, ao destino que lhe reservava a justiça militar. Eis porque ela tinha ficado como que imobilizada neste local, e foi preciso Sohar chamá-la duas vezes:

- Venha, mãe, venha!

A caminhada prosseguiu junto às dunas que se estendiam até ao oásis de Gabes, que alberga o conjunto de povoados e de casas mais importante na margem continental do Sirte Menor. Sohar dirigiu-se para a aglomeração a que os soldados chamam Coquinville. É um amontoado de cabanas de madeira onde reside toda uma população de mercantis\*, o que lhe valeu aquela designação mais do que justificada. A povoação está situada junto à entrada do wadi, ribeiro que serpenteia caprichosamente através do oásis sob a sombra das palmeiras. É aí que se eleva o bordj, ou Forte-Novo, de onde Hadjar só saíria para ser transferido para a prisão de Tunes.

*\*Mercanti. Comerciante nos bazares do Norte da África. Tem também a acepção de comerciante desonesto, daí Coquinville, ou cidade dos patifes. (N. T.)*

Era deste bordj que os seus companheiros, depois de tomadas todas as precauções e de efetuados todos os preparativos para a evasão, esperavam libertá-lo nesta mesma noite. Reunidos numa das cabanas de Coquinville, aguardavam a vinda de Djemma e do filho. Mas impunha-se a maior prudência, e era melhor não ser visto nas imediações do povoado.

Aliás, era com grande inquietação que todos os olhares se viravam para o lado do mar! O que temiam, era a chegada nessa mesma noite, do cruzador e a transferência do prisioneiro para bordo do navio, antes da fuga se ter podido realizar. Procuravam ver se alguma luz branca surgia no golfo do Sirte Menor, ouvir os relinchos de vapor, os gemidos estridentes de sirene que assinalam o fundear de uma embarcação. Não, apenas

as lanternas dos barcos de pesca se refletiam nas águas tunisinas e nenhum silvo cortava o ar.

Ainda não eram oito horas quando Djemma e o filho atingiram a margem do wadi. Mais dez minutos e compareceriam ao encontro.

No momento em que os dois iam começar a caminhar pela margem direita, um homem, agachado por detrás dos cactos da riba, soergueu-se e pronunciou este nome:

– Sohar?

– És tu, Ahmet?

– Sim, e a tua mãe?

– Vem atrás de mim.

– E nós seguimos-te – disse Djemma.

– Há novidades? – perguntou Sohar.

– Nenhuma – respondeu Ahmet.

– Os nossos companheiros estão cá?

– Estão à vossa espera.

– Ninguém foi alertado no bordj.

– Ninguém.

– Hadjar está pronto?

– Sim.

– E como o souberam?

– Através de Harrig, posto em liberdade esta manhã e que agora se encontra com os companheiros.

– Vamos – disse a velha.

E os três retomaram o caminho seguindo pela margem do wadi.

A direção em que caminhavam agora já não lhes permitia avistar a massa sombria do bordj através da folhagem espessa. Este oásis de Gabes não é mais do que um extenso palmar.

Ahmet não podia enganar-se no caminho e seguia com um passo seguro. Primeiro era preciso atravessar Djara, que ocupa ambas as margens do wadi. É neste povoado, outrora fortificado, que foi sucessivamente cartaginês, romano, bizantino e árabe, que tem lugar o principal mercado de Gabes. A esta hora, a população ainda não estaria recolhida, e provavelmente Djemma e o filho teriam dificuldade em passar sem despertar as atenções. É verdade que as ruas dos oásis tunisinos não eram ainda iluminadas a electricidade, nem sequer a gás, e, salvo nas imediações de alguns cafés, estariam mergulhadas na mais profunda escuridão.

No entanto, Ahmet, muito cauteloso, muito circunspecto, não parava de repetir a Sohar que todas as precauções não seriam demasiadas. Não era impossível que a mãe do prisioneiro fosse conhecida em Gabes, onde a sua presença teria podido provocar um redobrar da vigilância em torno do forte. A fuga apresentava já dificuldades suficientes, embora tivesse sido preparada há muito tempo, e importava não alertar os guardas. Assim, Ahmet escolheu os caminhos que levavam até às imediações do bordj.

De resto, nesta noite, a parte central do oásis não deixava de estar bastante animada. Era um domingo que chegava ao fim. Este último dia da semana é geralmente festejado em todas as cidades que possuem guarnições militares e sobretudo guarnições francesas, tanto em África como na Europa. Os soldados estão de licença, ocupam os cafés, e só regressam aos quartéis à noite. Os nativos associam-se a esta animação, principalmente no bairro dos mercantis, onde se misturam em profusão

italianos e judeus. A agitação prolonga-se até uma hora avançada da noite.

Podia acontecer – como já se disse – que Djemma não fosse desconhecida das autoridades de Gabes. Com efeito, desde a captura do filho que ela já por mais de uma vez se aventurara a rondar o bordj. Era certamente um risco, não só para a sua liberdade como talvez mesmo para a própria vida.

Era conhecida a influência que exercera sobre Hadjar, uma influência de mãe, tão poderosa na raça tuaregue. Depois de o ter impellido à revolta, era bem capaz de provocar uma nova rebelião, quer para libertar o prisioneiro, quer para se vingar, no caso do conselho de guerra o condenar à morte. Sim, era de temer que todas as tribos se levantassem a uma ordem sua e a seguissem no caminho da guerra santa. Foram vãs as buscas efetuadas para a capturar. Foram vãs as múltiplas expedições enviadas através deste país das sebkha e dos chotts. Protegida pela devoção pública, Djemma escapara até agora a todas as tentativas efetuadas para prender a mãe depois do filho!

E no entanto, ei-la no meio deste oásis, onde tantos perigos a ameaçavam. Quisera juntar-se aos seus companheiros, que o projeto da evasão reunira em Gabes. Se Hadjar pudesse iludir a vigilância dos guardas, se conseguisse transpor os muros do bordj, a mãe retomaria com ele o caminho do marabuto, e, a um quilômetro de distância daí, nas profundezas mais cerradas de um bosque de palmeiras, o foragido encontraria cavalos preparados para a fuga. Seria então a liberdade reconquistada e, quem sabe, talvez outra tentativa de levantamento contra o domínio francês.

A caminhada prosseguiu nestas circunstâncias. Entre os grupos de franceses e de árabes que por vezes se encontravam, ninguém teria podido adivinhar a presença da mãe de Hadjar sob o haik que a cobria. Aliás, Ahmet não cessava de preveni-los dos perigos que corriam e, nessas alturas, agachavam-se os três em qualquer canto mergulhado na obscuridade, por detrás de uma cabana isolada ou a coberto das árvores, só retomando a marcha depois dos passantes se terem afastado.

Finalmente, estavam já a três ou quatro passos do local de encontro, quando um targui, que parecia espiar a sua passagem, lhes saltou ao caminho.

A rua, ou melhor, a vereda que obliquava para o bordj estava deserta naquele momento, e, seguindo por ela durante alguns minutos, bastaria subir uma estreita ruela lateral para chegar ao gurbi onde se deviam encontrar Djemma e os seus companheiros.

O homem dirigiu-se diretamente a Ahmet e, juntando o gesto à palavra, parou e disse: – Não avances mais.

– Que se passa, Horeb? – perguntou Ahmet, que acabava de reconhecer um dos tuaregues da sua tribo.

– Os companheiros já não estão no gurbi.

A velha mãe suspendera a marcha e interrogou Horeb com uma voz ao mesmo tempo plena de inquietação e de cólera:

– Esses cães dos rumis foram alertados? – perguntou ela.

– Não, Djemma – respondeu Horeb —, e os guardas do bordj não suspeitam de nada.

– Então por que razão os nossos companheiros já não se encontram no gurbi? – retorquiu Djemma.

– Porque alguns soldados de licença foram lá pedir de beber e nós não quisemos ficar com eles. No grupo estava o sargento-chefe dos spahis\*1, Nicol, que a conhece, Djemma.

*\*Spahis: soldados de cavalaria nativa organizados pelo exército francês no Norte de África. (N. T.)*

– Sim – murmurou esta. – Viu-me no aduar quando o meu filho caiu nas mãos do seu capitão. Ah! esse capitão, se o apanhar!

E do peito desta mulher, da mãe do prisioneiro Hadjar, soltou-se aquilo que mais parecia um rugido de fera.

– Onde vamos ter com os companheiros? – perguntou Ahmet.

– Vinde – retorquiu Horeb.

E, colocando-se à cabeça do grupo, esgueirou-se através de um pequeno palmar em direção ao forte.

Este bosque, deserto àquela hora, só tinha movimento nos dias em que havia o grande mercado de Gabes. Era pois provável que não se encontrasse mais ninguém na área junto ao bordj, no qual seria aliás impossível penetrar. Não era por alguns membros da guarnição estarem a gozar de licença neste domingo que se podia concluir que as sentinelas estivessem ausentes. A verdade é que se impunha uma vigilância severa do rebelde Hadjar durante a sua permanência no forte, enquanto não fosse transferido para bordo do cruzador para ser entregue à justiça militar.

Assim, o pequeno grupo seguiu o caminho ao abrigo das árvores e chegou à entrada do palmar.

Neste local amontoava-se uma vintena de cabanas, e viam-se algumas luzes filtradas através das suas

aberturas estreitas. O local de encontro estava agora à mera distância de um tiro de espingarda.

Mas, tinha Horeb acabado de penetrar numa ruela tortuosa, quando um ruído de passos e de vozes o obrigou a parar. Uma dezena de soldados, spahis, vinha ao seu encontro, a gritar e a cantar, sob a influência de libações porventura demasiado prolongadas nas tabernas da vizinhança.

Ahmed achou prudente evitar cruzar-se com eles, pelo que, para os deixar passar, escondeu-se, juntamente com Djemma, Sohar e Horeb no fundo de um recesso escuro, perto da escola franco-árabe. Neste havia um poço em cuja abertura se erguia uma armadura de madeira que suportava o sarilho em torno do qual se enrolava a corrente dos baldes.

Num instante todos se refugiaram por detrás do poço, que, como tinha um bocal bastante alto, os ocultava completamente.

O grupo prosseguia o seu caminho quando, de repente, parou e um dos soldados exclamou:

– Com os diabos! Que sede!

– Então bebe! Está ali um poço – respondeu-lhe o sargento-chefe Nicol.

– O quê! Água... sargento? – voltou a exclamar o cabo Pistache.

– Invoca Maomé, talvez ele transforme esta água em vinho.

– Ah! se tivesse a certeza! -Tornar-te-ias maometano?

– Não, sargento, não. E aliás, já que Alá proíbe o vinho aos seus fiéis, nunca consentiria em realizar esse milagre para os infiéis.

– Bem pensado, Pistache – declarou o sargento, que acrescentou: – Vamos para o posto!

Mas, no momento em que os soldados iam começar a segui-lo, fê-los parar.

Dois homens subiam a rua e o sargento reconheceu neles um capitão e um tenente do seu regimento.

– Alto! – ordenou aos seus homens, que imediatamente levaram a mão à chechia.

– Eh! – disse o capitão – é o valente Nicol!

– Capitão Hardigan? – respondeu o sargento, num tom que denotava alguma surpresa.

– O próprio!

– Chegamos agora mesmo de Tunes – acrescentou o tenente Villette.

– E prestes a voltar a partir numa expedição de que também farás parte, Nicol.

– Estou às vossas ordens, meu capitão – respondeu o sargento —, e pronto a acompanhá-lo para todo o lado.

– Muito bem... muito bem! – disse o capitão Hardigan. – E o teu velho camarada, como vai?

– Perfeitamente... nas suas quatro patas que tenho o cuidado de não deixar enferrujar.

– Ótimo, Nicol! E o ás-de-Trunfo? Continua amigo do velho camarada?

– Continua, meu capitão, nem me espantaria que fossem gémeos.

– Seria um pouco esquisito, um cão e um cavalo! – retorquiu o oficial a rir. – Fica descansado, Nicol, que não os iremos separar quando partirmos!

– É mais que certo que morreriam se se separassem, meu capitão.

Nesse momento ressoou uma detonação do lado do mar.

– O que é isto? – perguntou o tenente Villette.

– Provavelmente um tiro de canhão do cruzador que está fundeado no golfo.

– E que vem buscar aquele patife do Hadjar – acrescentou o sargento. – Que grande captura fez, meu capitão.

– Podes dizer que a fizemos juntos – retorquiu o capitão Hardigan.

– Sim, e também o velho camarada e o Ás-de-Trunfo – declarou o sargento.

Em seguida, os dois oficiais retomaram o caminho subindo em direção ao bordj, enquanto o sargento Nicol e os seus homens desceram de novo até os bairros de Gabes.

## II

### HADJAR

Os TUAREGUES, de raça berbere, habitavam o Icham, região compreendida entre o Tuat, o grande oásis saariano situado quinhentos quilômetros a sudeste de Marrocos, Tombuctu, no sul, o Níger, a oeste, e o Fezzan, a leste. Mas, na época em que se passa esta história, tinham sido obrigados a deslocar-se para as regiões mais orientais do Saara. No início do século xx, as suas numerosas tribos, umas quase sedentárias, outras absolutamente nômades, encontravam-se então no meio destas planícies, rasas e arenosas, a que os árabes chamavam, na sua língua, outtâ, que se estendem desde o Sudão até às zonas onde o deserto argelino confina com o deserto tunisino.

Ora, desde há alguns anos, após o abandono dos trabalhos do mar interior nesta região do Arad, que se encontra a oeste de Gabes, segundo o projeto do capitão Roudaire, que o residente-geral e o beí de Tunes tinham levado alguns tuaregues a instalar-se nos oásis em torno dos chotts. Acalentavam a esperança de que, em virtude das suas qualidades guerreiras, pudessem vir a ser uma espécie de guardas do deserto. Esperança vã, já que os Imohagh tinham continuado a merecer o epíteto injurioso de “tuaregues”, ou seja, “bandidos nocturnos”, sob o qual foram respeitados e temidos em todo o Sudão. E se a criação do Mar Saariano viesse a ser retomada, iriam certamente pôr-se à cabeça das tribos absolutamente hostis à inundação dos chotts. Aliás, se, pelo menos

abertamente, o targui (singular de tuaregues) exercia a função de condutor de caravanas, e mesmo de protector, o seu instinto de pilhagem e a sua tendência natural para a pirataria fizeram com que adquirisse uma reputação demasiado funesta para não inspirar a maior desconfiança. A verdade é que, já há bastantes anos, o major Paing, quando percorria estas perigosas regiões do país negro, por pouco não se fez massacrar num ataque destes temíveis nativos. E, em 1881, numa expedição que partiu de Ouargia, sob as ordens do comandante Flatters, este corajoso oficial e os seus companheiros sucumbiram em Bir el-Gharama. As autoridades militares da Argélia e da Tunísia tinham de estar sempre na defensiva e repelir sem descanso estas tribos que constituíam uma população bastante numerosa.

Entre as tribos tuaregues, a dos Ahaggar passava justamente por ser uma das mais aguerridas. Os seus principais chefes estavam sempre envolvidos em todos os levantamentos que tornavam tão difícil a manutenção da influência francesa nestas extensas áreas do deserto. O governador da Argélia e o residente-geral da Tunísia, sempre alerta, tinham de ter em particular atenção a região dos chotts ou sebkha. Compreende-se assim a importância de um projeto cuja execução chegava ao seu termo, a invasão do mar interior, que constitui o objeto desta narrativa. Esta obra iria prejudicar em especial as tribos tuaregues, privá-las de grande parte dos seus ganhos ao reduzir o trajeto das caravanas, e sobretudo tornando estas mais raras, já que permitiria reprimir com maior facilidade todas aquelas agressões que acrescentavam ainda tantos nomes à necrologia africana.

Era precisamente a esta tribo dos Ahaggar que pertencia a família dos Hadjar, uma das mais influentes. Arrojado, valente, impiedoso, o filho de Djemma fora sempre assinalado como um dos mais temíveis chefes destes bandos em toda a zona que se estende a sul dos montes Aures. Nos últimos anos, foi ele quem dirigiu muitos ataques a caravanas e a destacamentos isolados, e o seu nome engrandeceu-se entre as tribos que recuavam pouco a pouco para o leste do Saara, termo que se aplica à imensa planície sem vegetação desta parte do continente africano.

A rapidez dos seus movimentos era desconcertante, e, embora as autoridades tivessem dado ordens aos chefes militares para o capturarem a qualquer preço, soubera sempre despistar as expedições lançadas em sua perseguição. Ao mesmo tempo que era localizado nas imediações de um oásis, aparecia de súbito na vizinhança de outro. À frente de um bando de tuaregues não menos temíveis que o seu chefe, percorria toda a região compreendida entre os chotts argelinos e o golfo do Sirte Menor. As cáfilas já não se atreviam a atravessar o deserto, ou pelo menos só se arriscavam a fazê-lo sob protecção de uma escolta numerosa, e o comércio, tão importante que se estendia até aos mercados da Tripolitânia, ressentia-se bastante com este estado de coisas.

E, no entanto, não faltavam os postos militares, nem em Nefta, nem em Gafsa, nem em Tozeur, que é a capital política desta região. Mas as expedições organizadas contra Hadjar e o seu bando nunca tinham produzido frutos, e o ousado guerreiro conseguira escapar-lhes até

ao dia – algumas semanas atrás – em que caiu nas mãos de um destacamento francês.

Esta parte do Norte de África fora teatro de uma dessas catástrofes que, infelizmente, não são raras no continente negro. Sabemos com que paixão, com que devoção, com que intrepidez, os exploradores, os sucessores dos Burton, dos Speke, dos Livingstone, dos Stanley, se lançaram desde há tantos anos na descoberta desta vasta região. Contar-se-iam às centenas, e quantos se irão acrescentar ainda a esta lista até ao dia, sem dúvida muito distante, em que esta terceira parte do Mundo Antigo revelar os seus últimos segredos! Mas também quantas destas expedições repletas de perigos se saldaram em desastres! A mais recente envolvia um corajoso belga, que se aventurara a penetrar nas regiões menos frequentadas e menos conhecidas do Tuat.

Após ter organizado uma expedição em Constantina, Carl Steinx partiu desta cidade em direção ao Sul. A caravana era pouco numerosa, com uma dezena de homens no total, composta por árabes recrutados na região. Cavalos e mearis serviam-lhes de montada, e dispunham de animais de tiro para dois carros que formavam o material da expedição.

Carl Steinx começara por ir até Ouargla, passando por Biskra, Tbuggourt e Negoussia, onde teve facilidade em se reabastecer. Nestas povoações estavam, aliás, instaladas autoridades francesas que diligenciaram toda a ajuda ao explorador

Em Ouargla, encontrava-se por assim dizer no coração do Saara, à latitude do paralelo trinta e dois.

Até então a expedição não fora submetida a grandes provações: fadigas, e bem sérias, sim, mas nada de grandes perigos. É verdade que a influência francesa se fazia sentir nestas paragens já longínquas. Os tuaregues, pelo menos aparentemente, mostravam-se submissos, e as caravanas podiam, sem demasiados riscos, responder a todas as necessidades do comércio interior

Durante a sua estada em Ouargla, Carl Steinx teve de modificar a composição do seu pessoal. Alguns dos árabes que o acompanhavam recusaram-se a continuar a viagem. Foi preciso fazer contas com eles, mas não conseguiu evitar dificuldades, reclamações insolentes e chicanas malévolas. Mais valia desembaraçar-se daquela gente que mostrava uma má vontade evidente e cuja manutenção na escolta se tornava perigosa.

Por outro lado, o viajante não poderia retomar o caminho sem substituir os elementos em falta, pelo que, nessas condições, percebe-se que não tinha alternativa. Acreditou porém que resolvera o problema ao aceitar os serviços de vários tuaregues que se ofereceram, a troco de chorudas remunerações, e se comprometeram a acompanhá-lo até ao termo da expedição, fosse este na costa ocidental ou na costa oriental do continente africano.

Como é que Carl Steinx, mesmo conservando as suas desconfianças relativamente à raça tuaregue, podia suspeitar que estava a introduzir traidores na sua caravana, que esta era espiada desde a sua partida de Biskra pelo bando de Hadjar, e que este temível chefe só estava à espera de uma ocasião para atacar? Agora, os seus apaniguados, misturados no pessoal, aceites precisamente como guias para atravessar estas regiões

desconhecidas, iam poder conduzir o explorador ao local onde Hadjar o aguardava.

Foi o que aconteceu. Ao deixar Ouargla, a caravana desceu para sul, atravessou o trópico, atingiu o país dos Ahaggar e, a partir daí, obliquando para sudeste, devia dirigir-se para o lago Chade. Mas, depois do décimo quinto dia após a partida da expedição, ninguém mais teve notícias de Carl Steinx e dos seus companheiros. O que se tinha passado? A cáfila conseguira chegar à região do Chade e percorria agora os caminhos de regresso pelo leste ou pelo oeste?

Ora, a expedição de Carl Steinx suscitara o mais vivo interesse entre as inúmeras Sociedades de Geografia que se ocupavam em especial de viagens ao interior da África. Até Ouargla, tinham-se mantido informadas do itinerário. Depois disso, durante uma centena de quilômetros, chegaram ainda diversas notícias, trazidas pelos nômades do deserto e transmitidas às autoridades francesas. Pensava-se assim que, no espaço de algumas semanas, Carl Steinx chegaria às imediações do lago Chade em circunstâncias favoráveis.

Mas passaram semanas, e depois meses, sem que se conseguisse obter qualquer informação relativa ao audacioso explorador belga. Foram enviados emissários até ao extremo sul. Os postos franceses ajudaram nas buscas que se estenderam em todas as direções. Estas tentativas não deram qualquer resultado, e havia razões para rezear que a caravana tivesse sido dizimada, quer por um ataque dos nômades do Tuat, quer pelo cansaço ou pela doença, no meio do imenso deserto saariano.

Assim, o mundo dos geógrafos não sabia o que pensar e começava a perder a esperança, não só de

voltar a ver Steinx, mas também de obter qualquer informação a seu respeito, quando, três meses depois, a chegada de um árabe a Ouargla veio esclarecer o mistério que envolvia aquela desventurada expedição.

Este árabe, que pertencia precisamente ao pessoal da caravana, conseguira fugir. Por ele ficou-se a saber que os tuaregues contratados pelo explorador para a expedição o haviam traído. Carl Steinx, que se perdera no deserto por obra destes, foi atacado por um bando de tuaregues comandado por um chefe de tribo, de nome Hadjar, que já se tornara célebre pelas suas agressões, de que muitas cáfilas já tinham sido vítimas. Carl Steinx defendera-se corajosamente em conjunto com os elementos fiéis da escolta. Durante quarenta e oito horas, entrincheirado numa kouba abandonada, conseguiu fazer frente aos assaltantes. Mas a inferioridade numérica do seu pequeno grupo não lhe permitiu continuar a resistir e caiu nas mãos dos tuaregues, que o massacraram juntamente com os seus companheiros.

Compreende-se a emoção que esta notícia suscitou. Um clamor fez-se ouvir em uníssono: vingar a morte do valente explorador, e vingá-la nesse impiedoso chefe tuaregue, cujo nome foi amaldiçoado publicamente. Além disso, quantos outros atentados contra as caravanas lhe tinham sido muito justamente atribuídos! Assim, as autoridades francesas decidiram organizar uma expedição para capturar a sua pessoa, castigá-la por tantos crimes e destruir ao mesmo tempo a influência perniciosa que exercia sobre as tribos. Sabia-se que estas tribos se iam deslocando pouco a pouco para leste no continente africano, e começavam a estabelecer o seu

habitat no sul da Tunísia e da Tripolitânia. O comércio considerável que se fazia através destas regiões corria o perigo de ser perturbado, e mesmo eliminado, se não se reduzisse os tuaregues a um estado de absoluta submissão. Foi pois decidido enviar uma expedição, e o governador-geral da Argélia, bem como o residente-geral na Tunísia, deram ordens para que ela recebesse apoio nas povoações da zona dos chotts e das sebkha onde havia postos militares. Para esta difícil missão, de que se esperavam resultados tão importantes, foi designado um esquadrão de spahis, comandado pelo capitão Hardigan.

O Chanzy transportou um destacamento de uns sessenta homens para o porto de Sfax. Alguns dias após o desembarque, com os víveres e as tendas nos dorsos dos camelos, e conduzido por guias árabes, deixou o litoral e dirigiu-se para oeste. Estava previsto que se reabastecesse em cidades e povoados do interior, Tozeur, Gafsa e outros, e os oásis não faltam na região do jerid.

O capitão tinha sob as suas ordens um segundo capitão, dois tenentes e vários oficiais inferiores, entre os quais o sargento-chefe Nicol.

Ora, se o sargento fazia parte da expedição, então o seu velho camarada Vai-Avante e o fiel Ás-de-Trunfo tinham também de lá estar integrados.

A expedição, processando-se em etapas com uma regularidade destinada a assegurar o êxito da viagem, atravessou todo o Sahel tunisino. Após ter ultrapassado Dar el-Mehalla e El-Quittar, ficou quarenta e oito horas em Gafsa, em plena região do Henmara, para repouso.

Gafsa ergue-se no meandro principal do wadi Bayoeh. A povoação ocupa um terraço enquadrado por colinas, às

quais se sucede uma imensa plataforma de montanhas à distância de alguns quilômetros. Das cidades do sul da Tunísia é a que possui a população mais numerosa, que vivia numa aglomeração de casas e cabanas. A casbá, que a domina, outrora vigiada por soldados tunisinos, está presentemente confiada à guarda de soldados franceses e nativas. Gafsa também se vangloria de ser um centro letrado e diversas escolas funcionam na cidade em prol das línguas árabe e francesa. Ao mesmo tempo, tem uma indústria muito próspera, com actividades de tecelagem, fabrico de haíks de seda, bem como de cobertores e albornozes a partir da lã fornecida pelos numerosos carneiros dos Hammama. Encontram-se ainda lá as termis, tanques construídos na época romana, e fontes termiais com temperaturas entre vinte e nove e trinta e dois graus centígrados.

Neste povoado, o capitão Hardigan obteve informações mais precisas relativas a Hadjar: o bando de tuaregues fora visto nas imediações de Farkane, cento e trinta quilômetros a oeste de Gafsa. A distância a percorrer era grande, mas os spahis, tal como desprezam o perigo, também não se assustam com a fadiga.

E, quando o destacamento ficou a saber o que os seus chefes esperavam da sua energia e da sua resistência, manifestou a vontade de partir imediatamente.

— Aliás — declarou o sargento Nicol —, consulte o velho camarada, que está pronto a redobrar as etapas se for preciso! E o Ás-de-Trunfo só quer tomar lugar à frente do pelotão!

O capitão, bem reabastecido, pôs-se a caminho com os seus homens. Inicialmente tiveram de atravessar uma

floresta, a sudoeste da cidade, que não tem menos de cem mil palmeiras e que abriga uma segunda constituída unicamente por árvores de fruto.

No percurso entre Gafsa e a fronteira argelo-tunisina, havia apenas um povoado importante. Tratava-se de Chebika, onde foram confirmadas as informações relativas à presença do chefe tuaregue. Hadjar exercia então a sua ação devastadora sobre as caravanas que frequentavam estas regiões longínquas da província de Constantina, e o seu processo, já tão carregado, crescia sem cessar com novos atentados contra a propriedade e as pessoas.

A algumas etapas de distância, o comandante, depois de atravessar a fronteira, fez todos os esforços para atingir rapidamente a povoação de Négrine, nas margens do wadi Sokhna.

Na véspera da sua chegada, os tuaregues tinham sido localizados alguns quilômetros mais para oeste, precisamente entre Négrine e Farkane, nas ribas do wadi Djerich que corre para os grandes chotts desta região. Segundo as informações recolhidas, Hadjar, acompanhado da mãe, devia ter uma centena de homens, mas, embora o capitão Hardigan dispusesse de menos de metade desse número, nem os seus spahis, nem ele, hesitariam em atacar. A proporção de um contra dois não é de molde a assustar as tropas de África, que muitas vezes se bateram em condições mais desfavoráveis.

Ora foi exatamente isso que aconteceu neste caso, quando o destacamento chegou às imediações de Farkane. Hadjar fora prevenido e parecia evidente que não tinha intenção de se envolver num combate frontal.

Era preferível deixar o esquadrão penetrar mais profundamente nesta região difícil dos grandes chotts, assediá-lo com escaramuças constantes, e pedir ajuda aos tuaregues nômades que percorrem estas paragens e que não recusariam juntar-se a Hadjar, tão conhecido de todas as tribos. Por outro lado, a partir do momento em que lhe encontrou a pista, o capitão Hardigan não a abandonaria e iria tão longe quanto fosse necessário.

Por consequência, Hadjar decidira esquivar-se e, se conseguisse cortar a retirada do esquadrão, após ter recrutado novos apaniguados, ser-lhe-ia possível dizimar a pequena brigada enviada contra ele. E isto constituiria uma nova, e mais deplorável, catástrofe a acrescentar à de Carl Steinx.

Porém, o plano de Hadjar foi frustrado quando o bando procurava subir o curso do wadi Sokhna, a fim de atingir, no norte, a base do djebel Cherchar. Um pelotão, conduzido pelo sargento-chefe Nicol, que fora alertado pelo Ás-de-Trunfo, saiu-lhe ao encontro a meio do caminho. O combate deflagrou e em breve todo o destacamento estava envolvido na luta. Soaram tiros de carabina e de espingarda, a que se vieram acrescentar as detonações dos revólveres. Houve mortos do lado dos tuaregues e feridos no campo dos spahis. Cerca de metade dos combatentes tuaregues forçou a passagem e conseguiu fugir, mas o seu chefe não estava neste grupo.

Com efeito, no momento em que Hadjar, cavalgando a sua montada a toda a brida, tentava alcançar os companheiros, o capitão Hardigan lançou-se sobre ele impetuosamente. Hadjar tentou em vão derrubá-lo da sela com um tiro de pistola, pois a bala não atingiu o seu destino. Mas, como o seu cavalo deu um violento esticção,

Hadjar perdeu os estribos e caiu. Antes de ter tempo de se levantar, um dos tenentes precipitou-se sobre ele e, com o auxílio de outros cavaleiros que acorreram, imobilizou-o apesar dos seus terríveis esforços para se libertar.

Foi nesse momento que Djemma, que se atirara para a frente, tentou ir em auxílio do filho, mas foi agarrada pelo sargento Nicol. Porém um punhado de tuaregues conseguiu libertá-la e foi em vão que o valente cão atacou os que ajudavam a velha targui a fugir a toda a pressa.

– Tinha a loba em meu poder! – exclamou o sargento.

– E ela escapou-se-me entre as mãos! Aqui, ás-de-Trunfo, aqui

– repetiu ele, chamando o animal. – De qualquer modo, o lobinho é uma bela presa.

Hadjar estava preso e bem preso, e, se os tuaregues não conseguissem libertá-lo antes da sua chegada a Gabes, o Djerid ficaria finalmente a salvo de um dos seus mais terríveis malfeitores.

E o bando tê-lo-ia sem dúvida tentado e Djemma não teria deixado o filho em poder dos franceses, se o destacamento não tivesse sido reforçado com soldados requisitados nos postos militares de Tbzeur e de Gafsa.

A expedição fez o caminho de volta para o litoral e o prisioneiro ficou encarcerado no bordj de Gabes, enquanto não era transportado para Tunes, onde seria entregue a justiça militar.

Estes foram os acontecimentos que se desenrolaram antes do início desta história. O capitão Hardigan, após uma curta viagem a Tunes, acabava de regressar a

Gabes, como vimos, na mesma noite em que o Chanzy fundeava no golfo de Sirte Menor.



## A EVASÃO

Após a partida dos dois oficiais, do sargento-chefe e dos spahis, Horeb esgueirou-se, contornando o bocal do poço, e foi reconhecer as imediações.

Quando o ruído dos passos se extinguiu, para cima e para baixo da azinhaga, o targui fez sinal aos seus companheiros para o acompanharem.

Djemma, o filho e Ahmet juntaram-se-lhe imediatamente subindo uma ruela sinuosa, ladeada de casebres vetustos e desabitados, que obliquava em direção ao bordj.

Deste lado, o oásis estava deserto e não chegavam lá os ecos da algazarra dos bairros mais populosos. A escuridão da noite era de breu sob a espessa campânula de nuvens imobilizadas nesta atmosfera calma. Mal se ouvia o murmúrio da ressaca das ondas nas praias do litoral, trazido pelas últimas brisas do mar.

Um quarto de hora foi suficiente para que Horeb atingisse o novo local de reunião, a sala baixa de uma espécie de café ou de taberna de um mercanti levantino. Este comerciante estava ao corrente do que se passava e podia-se contar com a sua fidelidade, mediante o pagamento de uma quantia importante, que seria duplicada após a missão ter sido bem sucedida. Nestas circunstâncias, a sua intervenção tinha sido útil.

Entre os tuaregues reunidos nesta taberna estava Harrig. Era um dos mais fiéis e audaciosos partidários de Hadjar.

Alguns dias antes, por ocasião de uma rixa nas ruas de Gabes, fora preso e encarcerado na prisão do bordj. Durante as horas passadas no pátio comum, não lhe foi difícil entrar em contato com o seu chefe. Nada demais natural do que dois homens da mesma raça gostarem de falar um com o outro. O que não se sabia é que este Harrig pertencia ao bando de Hadjar. Tinha conseguido escapar durante o combate e acompanhara Djemma na fuga. Depois, de regresso a Gabes, de acordo com o plano gizado com Sohar e Ahmet, aproveitou o tempo em que esteve preso para combinar a evasão de Hadjar.

No entanto, era essencial que fosse libertado antes da chegada do cruzador que viria buscar o chefe tuaregue, e agora este navio, avistado quando passou no cabo Bom, ia fundear no golfo de Gabes. Daí a necessidade de Harrig abandonar o bordj a tempo de se entender com os companheiros. A evasão tinha de ocorrer esta noite, pois quando o dia despontasse seria demasiado tarde. Ao nascer do sol, Hadjar seria levado para o Chanzy, e nesse caso tornar-se-ia impossível arrancá-lo das mãos da autoridade militar.

Foi aqui que o mercanti interveio. Este conhecia o chefe dos guardas da prisão do bordj. A pena ligeira a que Harrig fora condenado na sequência da rixa, já expirara no dia anterior, mas este, que os companheiros esperavam ansiosamente, não tinha sido libertado. Não era provável que tivesse ocorrido um agravamento de pena por uma falta qualquer ao regulamento da prisão; era preciso saber o que se passava e, sobretudo, conseguir que as portas do bordj se abrissem para Harrig antes da noite.

O mercanti resolveu então ir ter com o guarda, que, nas horas livres, era um cliente habitual do seu café. Ao cair da tarde pôs-se a caminho do forte.

Esta abordagem do guarda que, mais tarde, uma vez a evasão consumada, poderia ter parecido suspeita, não foi necessária. Quando o mercanti se aproximava da poterna, um homem atravessou-se-lhe no caminho.

Era Harrig, que reconheceu o levantino. Os dois, agora sós na vereda que desce do bordj, não tinham motivos para recear ser vistos, ouvidos, ou mesmo espiados ou seguidos. Harrig não era um prisioneiro em fuga, mas um prisioneiro que fora devolvido à liberdade uma vez cumprida a respectiva pena.

– Hadjar? – perguntou antes demais o mercanti.

– Está prevenido – respondeu Harrig.

– Para esta noite?

– Para esta noite. E Sohar, Ahmet e Horeb?

– Não tardarão.

Dez minutos depois, Harrig encontrava-se com os seus companheiros na sala baixa do café. Como medida de precaução suplementar, um deles ficou lá fora a vigiar a estrada.

Só passada uma hora a velha targui e o filho, conduzidos por Horeb, entraram no café, onde Harrig os pôs ao corrente da situação.

Durante os poucos dias que pasSaara na prisão, Harrig tinha assim comunicado com Hadjar. Não podia parecer suspeito que dois tuaregues, encerrados na mesma prisão, se relacionassem um com o outro. Aliás, o chefe tuaregue devia ser levado em breve para Tunes, ao passo que Harrig seria libertado a curto prazo.

A primeira pergunta feita a este último, quando Djemma e os seus companheiros chegaram ao café do mercanti, foi formulada por Sohar nos seguintes termos:

– E o meu irmão?

– E o meu filho? – acrescentou a velha.

– Hadjar está prevenido – respondeu Harrig. – Quando saí do bordj, ouvimos o tiro de canhão do Chanzy. Hadjar sabe que irá embarcar amanhã de manhã, e, nesta mesma noite, tentará a fuga.

– Se demorar doze horas – disse Ahmet —, já não irá a tempo.

– E se ele não conseguir? – murmurou Djemma com voz surda.

– Vai conseguir – declarou Harrig sem hesitação. – Com a nossa ajuda.

– Como? – perguntou Sohan.

Harrig explicou então qual era o plano.

A cela na qual Hadjar passava as noites ocupava uma esquina do forte, na parte da cortina que se erguia do lado do mar, cuja base era banhada pelas águas do golfo. Contígua a esta cela havia um pátio estreito, a que o preso tinha acesso livre, situado entre duas muralhas elevadas, impossíveis de transpor

Num canto deste pátio, havia uma passagem, espécie de esgoto que conduzia ao exterior da cortina. Este esgoto estava fechado por uma grade metálica e ia desembocar cerca de dez pés acima do nível do mar.

Ora, Hadjar verificara que a grade estava em mau estado e que a ferrugem corroía as suas barras oxidadas pelo ar salgado. Não seria difícil, durante a noite, arrancá-la e rastejar até à abertura exterior.

Mas como se poderia efetuar a evasão? Atirando-se ao mar, Hadjar conseguiria depois chegar à praia mais próxima após contornar a esquina do bastião? Teria a idade e a força necessárias para se aventurar nas correntes do golfo que puxavam para o largo?

O chefe tuaregue não tinha ainda quarenta anos. Era um homem de estatura elevada, pele branca, bronzeada pelo sol de fogo das zonas africanas, magro, forte, habituado a todos os exercícios físicos, destinado a permanecer válido durante muito tempo, dada a sobriedade que caracteriza os nativos da sua raça, a quem uma alimentação à base de cereais, figos e laticínios confere robustez e resistência.

Não foi por acaso que Hadjar adquirira uma real influência sobre estes tuaregues nômades do Tuat e do Saara, agora repelidos para os chotts da baixa Tunísia. Nele a audácia igualava a inteligência. Tinha herdado estas qualidades da mãe, como todos os tuaregues, cuja linhagem segue o sangue materno. Com efeito, neste povo, a mulher é igual ao homem, senão mesmo mais importante. De tal modo que um filho de pai escravo e de mãe nobre é de origem nobre, e o contrário não existe. Toda a energia de Djemma se encontrava nos filhos, que sempre permaneceram junto dela nos seus vinte anos de viuvez. Sob a sua influência, Hadjar adquirira as qualidades de um apóstolo, com o seu rosto belo, ornado de uma barba negra, os olhos ardentes e a atitude resoluta. A um apelo seu, as tribos segui-lo-iam através da imensidão do Djerid se quisesse levá-las a combater contra os estrangeiros e arrastá-las para a guerra santa.

Era pois um homem no vigor da idade, mas que não teria podido levar a bom termo a sua tentativa de evasão se não fosse ajudado do exterior. Com efeito, não bastava chegar à abertura do esgoto após ter forçado a grade de protecção. Hadjar conhecia o golfo; sabia que se formam aí correntes de grande violência, embora as marés fossem fracas, como acontece em toda a bacia do Mediterrâneo; não ignorava que um nadador não as pode vencer, e que seria impelido para o largo sem conseguir pôr o pé em qualquer das praias situadas para um ou outro lado do forte.

Assim, era preciso que estivesse uma embarcação na extremidade desta passagem, na esquina da cortina com o bastião.

Foram essas as informações que Harrig transmitiu aos seus companheiros.

Quando terminou, o mercanti limitou-se a dizer:

– Tenho lá em baixo um bote à vossa disposição.

– E levas-me? – perguntou Sohar.

– Quando chegar o momento.

– Se cumprires a tua parte, nós cumpriremos a nossa — acrescentou Harrig —, e duplicaremos a soma que te prometemos, se formos bem sucedidos.

– Sê-lo-ão — afirmou o mercanti, que, na sua qualidade de levantino, só via naquilo tudo um negócio com o qual esperava obter um lucro chorudo.

Sohar, que se levantara, perguntou: — A que horas está Hadjar à nossa espera?

– Entre as onze e a meia-noite — respondeu Harrig.

– O bote estará lá muito antes — replicou Sohar — e, uma vez o meu irmão embarcado, levamo-lo para o marabuto, onde os cavalos se encontram a postos.

– E nesse local – observou o mercanti – não correm o risco de ser vistos. Acostam à praia, que estará deserta até de manhã.

– Mas, e o bote? – observou Horeb.

– Basta puxá-lo para a areia, onde depois irei buscá-lo – respondeu o mercanti.

Só havia mais uma questão a resolver.

– Qual de nós vai buscar o Hadjar? – perguntou Ahmet.

– Eu – respondeu Sohar.

– E eu acompanho-te – disse a velha targui.

– Não, mãe, não – declarou Sohar. – Bastam dois de nós para conduzir o barco até ao bordj. No caso de haver algum encontro, a sua pessoa podia levantar suspeitas. É para o marabuto que deve ir. Horeb e Ahmet dirigir-se-ão para lá consigo. Eu e Harrig, com o bote, vamos buscar o meu irmão.

Djemma compreendeu que Sohar tinha razão e limitou-se a dizer: – Quando nos separamos?

– Imediatamente – respondeu Sohar. – Dentro de meia hora chegarão ao marabuto. Antes disso, já estaremos junto ao forte com o bote, na esquina do bastião, onde não há perigo dele ser visto. E, se o meu irmão não vier à hora combinada... tentarei... sim, tentarei entrar para ir buscá-lo.

– Sim, meu filho, sim! Porque se ele não fugir esta noite, nunca mais o veremos. Nunca mais!

Chegara o momento. Horeb e Ahmet puseram-se a caminho, descendo a estrada estreita que conduz ao mercado. Djemma ia atrás, escondendo-se na sombra quando se cruzavam com algum grupo. O acaso poderia

pô-los em presença do sargento Nicol e havia o perigo de este a reconhecer.

Para lá dos limites do oásis estariam em segurança e, seguindo pelo sopé das dunas, não encontrariam viva alma até ao marabuto.

Pouco depois, Sohar e Harrig saíram da taberna. Sabiam em que local se encontrava o bote do mercanti e preferiram que este não os acompanhasse, pois poderia ser reconhecido por qualquer passante retardatário.

Eram cerca das nove horas. Sohar e o seu companheiro subiram em direção ao forte, cuja muralha contornaram na parte orientada a sul.

O bordj parecia tranquilo, tanto no interior como no exterior, e qualquer rumor seria facilmente ouvido naquela atmosfera tão calma, onde não soprava a mais pequena brisa e ao mesmo tempo reinava a maior escuridão, pois todo o céu estava coberto, de horizonte a horizonte, por nuvens espessas e imóveis.

Foi apenas quando chegaram à praia que Sohar e Harrig se depararam com alguma animação. Havia movimento de pescadores, uns que voltavam da faina com o produto, outros que se dirigiam para os barcos que os levariam até ao meio do golfo. Aqui e ali, luzes perfuravam a noite e cruzavam-se em todos os sentidos. A quinhentos metros, o cruzador Chanzy manifestava a sua presença com potentes projetores que traçavam rastros luminosos na superfície do mar.

Os tuaregues preocuparam-se em evitar os pescadores e dirigiram-se para um molhe em construção ao fundo do porto. Junto a este molhe estava amarrado o barco do mercanti. De acordo com o combinado, Harrig tinha vindo verificar uma hora antes que o barco se

encontrava no local. Dois remos estavam depositados longitudinalmente sobre os bancos, pelo que só restava embarcarem.

No momento em que Harrig ia retirar a fateixa, Sohar agarrou-lhe o braço. Dois homens da alfândega em vigilância nessa parte da praia caminhavam na sua direção. Podia acontecer que conhecessem o proprietário do bote e ficassem admirados ao verem Sohar e o companheiro utilizá-lo. O melhor era não levantar suspeitas e rodear esta tentativa do maior secretismo possível. Estes guardas alfandegários teriam certamente perguntado a Sohar o que iam fazer com um barco que não lhes pertencia, e, sem apetrechos de pesca, os dois tuaregues teriam dificuldade em passar por pescadores.

Assim, subiram a praia e agacharam-se junto ao molhe sem serem vistos.

Não ficaram aí menos de uma longa meia hora e podemos imaginar a sua impaciência ao verem aqueles funcionários a demorarem-se no local. Será que estariam de guarda até de manhã? Mas não, acabaram por afastar-se.

Sohar deu alguns passos na areia e, quando os guardas alfandegários desapareceram na escuridão, chamou o companheiro, que se lhe reuniu.

O bote foi puxado até à praia. Harrig embarcou, seguido por Sohar, que colocou a fateixa à proa.

Os remos foram imediatamente ajustados nos toletes e, manobrados com suavidade, impeliram o bote, que ultrapassou a ponta do molhe e seguiu ao longo da base da cortina banhada pelas águas do golfo.

Um quarto de hora depois, Harrig e Sohar dobravam a esquina do bastião e paravam debaixo da abertura do

esgoto pelo qual Hadjar ia tentar a fuga.

O chefe tuaregue estava só na cela onde devia passar essa última noite. Uma hora antes, o guarda havia-o deixado, fechando com grandes ferrolhos a porta do pequeno pátio para o qual dava a referida cela. Hadjar esperava o momento de agir com essa paciência extraordinária do árabe, tão fatalista e, ao mesmo tempo, tão senhor de si em todas as circunstâncias. Tinha ouvido o tiro de canhão do Chanzy; estava ciente da chegada do cruzador; sabia que seria embarcado no dia seguinte e que nunca mais veria essas regiões das sebkha e dos chotts, essa terra do Djerid! Mas, à sua resignação caracteristicamente muçulmana, juntava-se a esperança de ter êxito na sua tentativa. Estava seguro de conseguir fugir através daquela passagem estreita, mas teriam os seus companheiros conseguido obter uma embarcação e estariam eles junto à muralha?

Passou uma hora. De vez em quando Hadjar saía da cela, colocava-se à entrada do esgoto e punha-se de ouvido à escuta. O rumor de um bote a deslizar junto à cortina chegar-lhe-ia com nitidez, mas ele não ouvia nada e retomava o seu lugar onde permanecia numa imobilidade absoluta.

Por vezes vinha também até junto da porta do pequeno pátio, procurando ouvir os passos de um guarda, receoso de que quisessem proceder ao seu embarque durante a noite. No recinto do bordj reinava o mais completo silêncio, só interrompido momentaneamente pelos passos de uma sentinela colocada na plataforma do bastião.

Entretanto, aproximava-se a meia-noite, e estava combinado com Harrig que, uma meia hora antes, Hadjar

iria colocar-se na extremidade da passagem após ter retirado a grade. Se, nesse momento, o barco se encontrasse no lugar previsto, ele embarcaria imediatamente. Se ainda não tivesse chegado, esperaria até à primeira claridade da aurora, e, quem sabe, tentaria então a fuga a nado, com o risco de se ver arrastado pela corrente através do golfo do Sirte Menor. Seria a sua última e única oportunidade de escapar à pena capital.

Hadjar saiu a fim de verificar se ninguém se dirigia para o pátio, compôs a roupa de modo a apertá-la em volta do corpo e esgueirou-se pela passagem.

Essa galeria tinha aproximadamente o comprimento de trinta pés e uma largura apenas suficiente para que um homem de estatura média nela se conseguisse introduzir. Hadjar teve de roçar nas paredes, rasgando algumas pregas do seu háik, mas, a rastejar, e à custa de múltiplos esforços, conseguiu atingir a grade.

Essa grade, como sabemos, estava em muito mau estado. As barras não se encontravam bem fixas à pedra, que se esboroava nas mãos. Só precisou de cinco ou seis puxões para a soltar, e, quando Hadjar a virou contra a parede, a passagem ficou livre.

Bastava ao chefe tuaregue rastejar dois metros para atingir a abertura exterior, e isso foi o mais penoso, pois a galeria estreitava-se na direção da extremidade. Mas Hadjar conseguiu passar e, depois, não precisou de esperar.

Quase imediatamente, ouviu as seguintes palavras: – Hadjar, estamos aqui.

Hadjar fez um derradeiro esforço e o tronco emergiu da abertura à altura de dez pés acima das águas.

Harrig e Sohar ergueram-se na sua direção e, no momento em que iam puxá-lo, ouviram um ruído de passos. Imaginaram que o barulho vinha do pequeno pátio, que haviam enviado um guarda buscar o prisioneiro, que tinham decidido proceder ao seu embarque imediato. Constatado o desaparecimento do preso, seria dado o alarme no bordj.

Felizmente, não era disso que se tratava. O ruído provinha da sentinela a andar para cá e para lá junto ao parapeito do torreão. Porventura teria sido a aproximação do bote a despertar a sua atenção, mas, do lugar em que se encontrava, não o podia avistar, nem aliás o pequeno barco seria visível na escuridão.

No entanto, foi necessário agir com prudência. Decorridos alguns instantes, Sohar e Harrig agarraram Hadjar pelos ombros, fizeram-no sair com cuidado, até que, finalmente, este tomou lugar no barco junto deles.

Com um empurrão vigoroso, afastaram o bote para o largo. Era preferível não seguir junto à muralha do bordj nem perto da praia; mais valia subir o golfo até à altura do marabuto. Por outro lado, foi preciso evitar vários barcos que saíam do porto ou nele entravam, pois a noite calma favorecia a faina dos pescadores. Quando pasSaaram em frente ao Chanzy, Hadjar levantou-se e, com os braços cruzados, lançou-lhe um longo olhar de ódio. Depois, sem pronunciar uma palavra, voltou a sentar-se à popa da embarcação.

Meia hora mais tarde estavam a desembarcar na areia. O bote foi puxado para terra e o chefe tuaregue e os seus dois companheiros dirigiram-se para o marabuto, onde chegaram sem que tivesse ocorrido qualquer encontro funesto.

Djemma avançou para o filho, estreitou-o nos braços, e disse apenas: – Vem!

De seguida, dobrou a esquina do marabuto e juntou-se a Ahmet e Horeb.

Três cavalos estavam prontos para partir a toda a brida, esporeados pelos seus cavaleiros.

Hadjar montou e Harrig e Horeb imitaram-no. “Vem”, tinha dito Djemma quando voltou a ver o filho, e, mais uma vez, pronunciou agora apenas uma palavra.

– Vai – disse ela, estendendo a mão na direção das sombrias regiões do Djerid.

Passado um instante, Hadjar, Horeb e Harrig tinham desaparecido na escuridão.

A velha targui ficou até de manhã com Sohar no marabuto. Enviara Ahmet de regresso a Gabes. A evasão do filho era conhecida? A notícia espalhava-se no oásis? As autoridades tinham enviado destacamentos em perseguição do fugitivo? E em que direção no Djerid iam procurá-lo? Iriam recomeçar a campanha que conduzira à captura do chefe tuaregue e dos seus partidários?

Eis o que Djemma queria tanto saber antes de retomar a viagem para a terra dos chotts. Mas Ahmet não conseguiu saber nada enquanto rondava a cidade. Avançou mesmo até se encontrar à vista do bordj; passou pela casa do mercanti, que assim ficou a saber que a tentativa fora bem sucedida e que Hadjar, finalmente livre, percorria a aridez do deserto.

Mas a notícia ainda não se tinha propalado, pois, de outro modo, o mercanti seria certamente um dos primeiros a sabê-lo.

No entanto, os primeiros clarões da aurora não tardariam a desanuviar o horizonte a leste do golfo.

Ahmet não quis demorar-se mais tempo. Era crucial que a velha deixasse o marabuto antes de amanhecer, pois era conhecida e, à falta do filho, constituiria uma valiosa presa.

Ahmet juntou-se-lhe ainda a escuridão era profunda, e assim, Djemma, guiada por ele, retomou o caminho das dunas.

No dia seguinte, um dos escaleres do cruzador dirigiu-se ao porto a fim de levar o prisioneiro para bordo.

Quando o guarda abriu a cela de Hadjar, constatou que o chefe tuaregue havia desaparecido. E o modo como a evasão se processara tornou-se evidente, após ter examinado o esgoto com a grade desmontada. Seria possível Hadjar ter tentado escapar a nado e, nesse caso, teria sido arrastado para o largo pelas correntes do golfo? Ou fora transportado por um barco, conduzido por cúmplices, para qualquer ponto do litoral?

Estas questões não puderam ser esclarecidas.

Foram aliás em vão as buscas efetuadas nas imediações do oásis. Não se encontrou qualquer rastro do fugitivo. Nem as planícies do Djerid, nem as águas do Sirte Menor o devolveram vivo ou morto.

## IV

### O MAR SAARIANO

Após ter endereçado os seus sinceros cumprimentos à assistência que havia respondido ao seu apelo, e depois de ter agradecido aos oficiais e aos funcionários franceses e tunisinos que, juntamente com os notáveis de Gabes, honravam a assembleia com a sua presença, o Sr. de Schaller falou nos seguintes termos:

-Temos de concordar, meus senhores, que, graças aos progressos da ciência, qualquer confusão entre história e lenda se torna cada vez menos possível. Uma acaba por fazer justiça à outra. Esta pertence aos poetas, aquela é da competência dos eruditos e cada uma delas possui uma clientela especial. Não deixando de reconhecer os méritos da lenda, hoje sou obrigado a relegá-la para o domínio da imaginação e a debruçar-me sobre as realidades comprovadas pelas observações científicas.

Difícilmente a nova sala do casino de Gabes teria reunido um público mais interessado em ouvir as cativantes demonstrações do conferencista. O auditório estava antecipadamente conquistado para o projeto de que ele lhes ia falar. Assim, as suas palavras foram desde o início acolhidas com um murmúrio de aprovação. Só alguns dos nativos, misturados neste público, pareciam guardar uma reserva prudente. Com efeito, desde há meio século que as tribos sedentárias ou nômades do Djerid não viam com bons olhos o projeto cujo histórico o Sr. de Schaller se preparava para fazer.

– Não nos será difícil admitir – continuou o Sr. de Schaller – que os antigos eram pessoas de imaginação e que os historiadores souberam habilmente ir ao encontro dos seus gostos chamando história àquilo que não passava de tradições. Nestas narrativas, eram inspirados por um sopro puramente mitológico.

“Recordemos, meus senhores, o que contam Heródoto, Pompónio Mela e Ptolomeu. O primeiro, na sua obra História dos Povos, fala de um país que se estende até ao rio Tritão, o qual desagua na baía com o mesmo nome. E conta um episódio da viagem dos Argonautas, em que o navio de Jasão, empurrado pela tempestade para as costas líbias, foi repellido para oeste até à baía do Tritão, cuja margem ocidental não se vislumbrava. Temos pois de concluir desta narrativa que a dita baía comunicava então com o mar. O mesmo, aliás, refere Scylax, no seu livro Périplo do Mediterrâneo, relativamente a este grande lago cujas margens eram habitadas por diferentes povos da Líbia e que devia ocupar a atual zona das sebkha e dos chotts, mas que estava apenas ligado ao Sirte Menor por um canal estreito.

“Depois de Heródoto, é Pompónio Mela quem, quase no início da era cristã, fala ainda da existência desse grande lago Tritão, a que se dava também o nome de lago Palas, cuja comunicação com o Sirte Menor, hoje o golfo de Gabes, desapareceu na sequência da descida das águas devido à evaporação.

“Finalmente, segundo Ptolomeu, como o nível continuou a descer, as águas ter-se-iam definitivamente fixado em quatro depressões, os lagos Tritão e Palas e os lagos da Líbia e das Tartarugas, que são os chotts

argelinos Melrir e Rharsa e os chotts tunisinos Djerid e Fedjedj, sendo estes últimos muitas vezes considerados conjuntamente com o nome de sebkha Faraoun.

“Meus senhores, há coisas a reter e a rejeitar, sobretudo a rejeitar, nestas lendas da Antiguidade que não têm nada a ver com a exatidão e a ciência contemporâneas. Não, o navio de Jasão não foi repellido para esse mar interior, que nunca comunicou com o Sirte Menor, e nunca teria podido transpor o limite do litoral a menos que estivesse equipado com as possantes asas de Ícaro, o ousado filho de Dédalo! As observações feitas desde o fim do século xix demonstram de forma peremptória que nunca pode ter existido um Mar Saariano que cobrisse toda a região das sebkha e dos chotts, pois em certos pontos a altitude de uma parte destas depressões ultrapassa por vezes em quinze a vinte metros o nível do golfo de Gabes, principalmente as que se encontram mais próximas da costa, e nunca esse mar, pelo menos durante os tempos históricos, poderia ter a extensão de cem léguas como afirmavam os espíritos mais imaginativos.

“Contudo, meus senhores, reduzindo-o às dimensões permitidas pela natureza destas terras de chotts e de sebkha, não era impossível realizar o projeto de um Mar Saariano que seria alimentado pelas águas do golfo de Gabes.

“Foi pois este projeto que engendraram alguns homens de ciência audaciosos, mas práticos, cuja execução, após inúmeras peripécias, não pôde ser levada a bom termo, e é esta história que pretendo hoje recordar-vos, assim como a das tentativas vãs e dos cruéis fracassos que se estenderam ao longo de tantos

anos. Ouviu-se um burburinho de aprovação no auditório e, como o conferencista apontava para um mapa, com vários pontos assinalados, pendurado na parede por cima do estrado, todos os olhares se dirigiram para esse lado.

O mapa mostrava a parte sul da Tunísia e da Argélia, atravessada pelo paralelo trinta e quatro, e que se estende desde os três graus de longitude Este até aos oito. Estavam assinaladas as grandes depressões a Sudeste de Biskra. Estas incluíam o conjunto dos chotts argelinos, de nível inferior ao das águas do Mediterrâneo, conhecidos pelos nomes de Melrir, Grande chott, chott Asloudje e outros, que iam até à fronteira da Tunísia. No mapa estava indicado um canal que ligava a extremidade do chott Melrir ao Sirte Menor. A norte, estendiam-se as planícies percorridas por diversas tribos; a sul, a imensa região das dunas. No mapa figuravam, na sua posição exata, as principais cidades e povoados da região: Gabes, na margem do golfo do mesmo nome, La Hammâ, ao sul, e Limagnes, Softim, Bou-Abdallah e Bechia, na língua de terra que se prolonga entre o Fedjedj e o Djerid; Seddada, Kri, Tbzeur e Nefta, no espaço entre o Djerid e o Rharsa; Chebíka a norte e Bir Klebia a oeste desta; e, finalmente, Zeribet-Am Naga, Tahir Rassou, Mráíer, Fagoussa, junto ao caminho-de-ferro trans—saariano que estava projetado para oeste dos chotts argelinos. Assim, a assistência podia ver no mapa o conjunto das depressões, entre as quais o Rharsa e o Melrir, quase completamente inundáveis, destinadas a constituir o novo mar africano.

— Mas — continuou o Sr. de Schaller —, embora a natureza tenha disposto as depressões de uma forma favorável para receber as águas do Sirte Menor, isto

implicava previamente um grande trabalho geodésico. Ora, em 1872, após uma expedição ao deserto saariano, o Sr. Pomel, senador de Orão, e o engenheiro de minas Rocard concluíram que, dada a constituição dos chotts, esse trabalho era de execução impossível. O estudo foi depois prosseguido, em condições mais seguras, em 1874, pelo capitão do Estado-maior Roudaire, que foi o primeiro a idealizar este extraordinário empreendimento.

O nome do oficial francês desencadeou os aplausos de toda a sala, sendo aclamado como já o havia sido muitas vezes e sempre o seria. A este nome, aliás, era justo associar os de Freycinet, presidente do conselho de ministros da época, e de Ferdinand de Lesseps, que, mais tarde, haviam preconizado a gigantesca obra.

– Meus senhores – prosseguiu o conferencista —, é a esta data longínqua que remonta o primeiro reconhecimento científico desta região, limitada a norte pelas montanhas de Aures, a trinta quilômetros a sul de Biskra. Com efeito, foi em 1874 que o audacioso oficial estudou este projeto de mar interior, ao qual iria consagrar tantos esforços. Mas poderia ele prever os inúmeros obstáculos com que se iria deparar, e que porventura não conseguiria superar, mau grado toda a sua energia? Seja como for, o nosso dever é prestar homenagem a este homem de coragem e de ciência, uma homenagem que lhe é devida.

Após os primeiros estudos efetuados pelo promotor deste empreendimento, o ministro da Instrução Pública encarregou oficialmente o capitão Roudaire de diversas missões científicas relacionadas com o reconhecimento desta região. Foram realizadas observações geodésicas

de grande precisão, que tiveram por resultado estabelecer o relevo desta parte do Djerid.

Foi então que a lenda foi obrigada a ceder o lugar à realidade: esta região, que se dizia ter albergado um mar que em tempos teria estado ligado ao Sirte Menor, nunca se encontrara em tais condições. Além disso, esta depressão do solo, que se dizia ser inteiramente inundável desde a soleira de Gabes até aos chotts argelinos mais longínquos, só o era numa parte relativamente restrita. Mas o fato do Mar Saariano não ter as dimensões que a crença popular lhe havia atribuído inicialmente, não implicava que o projeto tivesse de ser abandonado.

– Em princípio, caros senhores – disse o Sr. de Schaller —, parece ter-se acreditado que este novo mar se podia estender por uma área de quinze mil quilômetros quadrados. Ora, deste número foi preciso subtrair cinco mil referentes às sebkha tunisinas, cujo nível é superior ao do Mediterrâneo. Na realidade, segundo os estudos do capitão Roudaire, esta extensão inundável dos chotts Rharsa e Melrir, cuja cota será vinte e sete metros mais baixa que a superfície do golfo de Gabes, deve ser reduzida em oito mil quilômetros quadrados.

Com o auxílio de um ponteiro que deslocava sobre o mapa, o Sr. de Schaller indicava os pormenores da vista panorâmica que este proporcionava, conduzindo o auditório através desta parte da antiga Líbia.

Começando na região das sebkha, a partir do litoral, as cotas superiores ao nível do mar eram de 15,52 metros, a mais baixa, e de 31,45 metros, a mais alta, encontrando-se a altitude máxima perto da soleira de

Gabes. Dirigindo-nos para oeste, só encontramos as primeiras grandes depressões na bacia do chott Rharsa, a duzentos e vinte e sete quilômetros do mar, e numa extensão de quarenta quilômetros. A seguir, o solo eleva-se durante trinta quilômetros até à soleira de Asioudje, para descer depois durante cinquenta quilômetros até ao chott Melrir, em grande parte inundável numa extensão de cinquenta e cinco quilômetros. Este ponto, em que o meridiano de 3,40 graus de longitude se cruza com o paralelo, encontra-se a uma distância de quatrocentos e dois quilômetros do golfo de Gabes.

– Foi este, meus senhores – continuou o Sr. de Schaller —, o trabalho geodésico realizado nestas regiões. Mas, embora oito mil quilômetros quadrados, em virtude da sua cota negativa, se encontrassem seguramente em condições de receber as águas do golfo, a abertura de um canal de duzentos e vinte e sete quilômetros, e tendo em conta a natureza do solo, não seria uma empresa demasiado grande para as forças humanas?

Na sequência de numerosas sondagens, o capitão Roudaire concluiu que não. Conforme foi referido nessa época num notável artigo de Maxime Hélène, não se tratava de escavar um canal através de um deserto arenoso como em Suez, ou em montanhas calcárias como no Panamá e em Corinto. Aqui o terreno está longe de possuir essa solidez. O trabalho de escavação efetuar-se-ia numa crosta salífera, e, depois de se efetuar uma drenagem, o solo ficaria suficientemente seco para que isto pudesse ser feito. E mesmo na soleira que separa Gabes da primeira sebkha, numa extensão de vinte quilômetros, a picareta só deveria encontrar um banco

calcário com a profundidade de trinta metros. Toda a restante perfuração far-se-ia em terreno mole.

O conferencista resumiu e referiu com grande precisão as vantagens que, segundo Roudaire e os seus continuadores, deviam resultar desta obra gigantesca. Em primeiro lugar, o clima da Argélia e da Tunísia melhoraria de uma forma notável. Sob a ação dos ventos do Sul, as nuvens formadas pelos vapores do novo mar converter-se-iam em chuvas benfazejas sobre toda a região, aumentando o seu rendimento agrícola.

Além disso, estas depressões das sebkha tunisinas de Djerid e de Fedjedj, dos chotts argelinos de Rharsa e de Melrir, atualmente pantanosas, sanear-se-iam sob a camada profunda das águas permanentes. Após estas melhorias físicas, imaginem-se os benefícios comerciais que iria obter esta região transformada pela mão do homem. Finalmente, Roudaire sublinhava muito justamente ainda as seguintes razões: a região a sul do Aures e do Atlas seria dotada de novas vias de comunicação, onde a segurança das caravanas encontraria condições mais favoráveis; o comércio, através de uma frota mercante, desenvolver-se-ia em toda esta zona cujas depressões tinham mantido até agora inacessível; as tropas, ficando em condições de desembarcar a sul de Biskra, assegurariam a tranquilidade ao aumentarem a influência francesa nesta parte da África.

— E no entanto — prosseguiu o orador —, embora este projeto de um mar interior tenha sido estudado com escrupuloso cuidado, embora tenha presidido às operações geodésicas a atenção mais rigorosa,

numerosos contraditores quiseram negar as vantagens que esta grande obra traria para a região.

E o Sr. de Schaller retomou um a um os argumentos reproduzidos nos artigos de diversos jornais da época que tinham desencadeado uma guerra sem quartel contra a obra do capitão Roudaire. Em primeiro lugar, dizia-se, era tão grande o comprimento do canal que levaria as águas do golfo de Gabes ao chott Rharsa, e depois ao chott Melrir, e seria tão grande a capacidade do novo mar, ou seja, vinte e oito mil milhões de metros cúbicos, que as depressões nunca poderiam ser cheias.

Depois, pretendeu-se que, pouco a pouco, a água salgada do Mar Saariano se infiltraria através do solo dos oásis vizinhos, e, voltando à superfície por um efeito natural de capilaridade, destruiria as vastas plantações de tamareiras que constituem a riqueza do país.

A seguir, alguns críticos, ainda que sérios, asseguraram que as águas do mar não chegariam nunca às depressões, evaporando-se diariamente através do canal. Ora, no Egipto, sob os raios ardentes de um sol não menos forte do que o do Saara, o lago Menzaleth, que se dizia ser impossível encher, a verdade é que se encheu, embora a largura do canal fosse apenas de cem metros.

Depois, argumentou-se com a impossibilidade, ou pelo menos com as dificuldades assaz dispendiosas, de abrir o canal. Mas, na realidade, verificou-se que o solo, desde a zona de Gabes até às primeiras depressões, tinha uma estrutura tão mole que, por vezes, a sonda se enterrava por si só pelo mero efeito do peso.

A seguir, os detractores da obra avançaram com os prognósticos mais terríveis:

Dado as bordas dos chotts serem rasas, transformar-se-iam em pântanos, ou seja, em focos de pestilências que iriam infectar a região. Os ventos dominantes, em vez de soprarem do sul como pretendiam os autores do projeto, soprariam, sim, do norte. As chuvas produzidas pela evaporação do novo mar, em vez de caírem nos campos da Argélia e da Tunísia, iriam perder-se inutilmente sobre as imensas superfícies arenosas do grande deserto.

Estas críticas foram como que o ponto de partida de um período nefasto, em que se produziram acontecimentos propícios a evocar a ideia de fatalidade, nestas paragens onde reina o fatalismo – acontecimentos que ficaram gravados na memória de todos aqueles que viviam nessa altura na Tunísia.

Os projetos do comandante Roudaire tinham seduzido a imaginação de uns e suscitado a paixão especuladora de outros. Lesseps, um dos primeiros, levava a questão a peito, até ao momento em que desviou a sua atenção para a abertura de um canal no istmo do Panamá. Tudo isto, por pouco que fosse relativamente ao que estava em causa, não deixou de ter impacto nas imaginações dos nativos desta região, nômades ou sedentários, que viam todo o Sul argelino em poder dos rumis e o fim da sua segurança, do seu modo de vida precário e da sua independência. A invasão do mar naqueles lugares perdidos que lhes pertenciam significava o termo de um domínio mais do que secular. Assim, grassava uma agitação surda entre as tribos, receosas de um atentado aos seus privilégios, pelo menos àqueles que elas se atribuíam.

Entrementes, o capitão Roudaire, debilitado, sucumbia à decepção, mais do que à doença. E a obra sonhada por ele ficou longamente adormecida, até que, em 1904, alguns anos após a compra de Panamá pelos norte-americanos, engenheiros e capitalistas estrangeiros retomaram os seus projetos e fundaram uma sociedade que, sob o nome de Companhia Franco-estrangeira, se organizou para começar as obras e as levar rapidamente a bom termo, para bem da Tunísia e, conseqüentemente, da prosperidade argelina.

A ideia de penetração no Saara ia-se impondo a muitos espíritos, e o movimento nesse sentido, que se verificava no Oeste argelino, na Orânia, tinha-se acentuado à medida que o projeto abandonado de Roudaire caía no esquecimento. O caminho-de-ferro estatal ultrapassava já Beni-Ounif no oásis de Figuig, configurando o começo do trans—saariano.

– Não vou entrar aqui – continuou o Sr. de Schaller – em considerações retrospectivas sobre as operações desta Companhia, sobre a energia com que meteu mãos à obra e sobre os trabalhos consideráveis que desenvolveu, com mais determinação do que reflexão. Como sabeis, a Companhia exercia a sua actividade num território muito vasto e, uma vez que o êxito da tarefa não lhe suscitava qualquer dúvida, tudo tomou a seu cargo, nomeadamente o serviço florestal, que encarregou de fixar as dunas a norte dos chotts, recorrendo a meios idênticos aos que tinham sido utilizados em França, nas Landes, para proteger as costas contra a dupla invasão do mar e das areias. Ou seja, parecia-lhe necessário, e mesmo indispensável, antes da realização dos seus projetos, pôr as cidades

existentes ou a fundar, assim como os oásis, ao abrigo das surpresas de um mar futuro que não seria certamente um lago tranquilo, e de que seria prudente desconfiar antecipadamente.

“Ao mesmo tempo, impunha-se efetuar todo um sistema de trabalhos hidráulicos para o ordenamento das águas potáveis dos wadis e dos rhiss. Era preciso evitar ferir os nativos nos seus hábitos e nos seus interesses. O êxito da tarefa tinha esse preço. E era também necessário, não propriamente escavar, mas construir portos que se tornariam imediatamente rentáveis com a organização de actividades de cabotagem.

“Estas operações, iniciadas todas ao mesmo tempo, provocaram o aparecimento brusco de aglomerações de casas dos trabalhadores, verdadeiras cidades provisórias, onde, por assim dizer, na véspera o isolamento era praticamente completo. Os nômades, embora se sentissem revoltados, viam-se refreados pelo grande número de trabalhadores. Os engenheiros não se poupavam esforços e a sua ciência infatigável inspirava respeito a essa massa de homens que se encontravam sob as suas ordens, e que tinham neles uma confiança ilimitada. Nessa altura o sul tunisino começava a tornar-se uma verdadeira colmeia humana, despreocupada com o futuro, e onde os especuladores de toda a ordem, mercantis, traficantes, *etc.* se dedicavam a explorar os pioneiros, que, não podendo viver dos produtos da terra, se viam obrigados, para subsistir, a entregar-se nas mãos de fornecedores vindos sabe-se lá de onde, mas que aparecem sempre em todo o lado onde se produz esta afluência.

“E pairando acima de tudo isto, destas necessidades materiais irrecusáveis, a ideia de um perigo envolvente, mas invisível; o sentimento de uma ameaça indefinida, qualquer coisa de comparável à angústia vaga que precede todos os cataclismos atmosféricos, e que perturbava uma grande multidão, mergulhada naquele vasto ermo, um ermo onde se adivinhava qualquer coisa, não se sabia o quê, mas, certamente, algo de misterioso, naquelas cercanias por assim dizer sem limites, onde não se via um ser vivo, homem ou animal, e onde tudo parecia eximir-se ao olhar, assim como ao ouvido, dos trabalhadores.

“Meus senhores, o empreendimento fracassou, devido à imprevidência e aos cálculos errados, e a Companhia Franco-estrangeira foi obrigada a declarar falência.

– Desde então as coisas têm permanecido sem alteração, e é da retomada possível desta obra interrompida que me propus falar-vos. A Companhia pretendeu fazer tudo ao mesmo tempo, trabalhos de toda a ordem, especulações de todo o tipo, e muitos de vós recordam o triste dia em que foi obrigada a suspender os pagamentos sem ter podido terminar o seu vasto programa. Os mapas que acabei de vos mostrar indicam os trabalhos iniciados pela Companhia Franco-estrangeira.

“Mas estes trabalhos inacabados existem; o clima africano, essencialmente conservador, não os destruiu, nem sequer os deteriorou gravemente, e nada demais legítimo, para uma sociedade nova, a nossa Sociedade do Mar Saariano, do que utilizá-los para bem do nosso empreendimento e do seu êxito, mediante uma indemnização a combinar, de acordo com o estado em

que os encontrarmos. Mas é indispensável conhecê-los de vísu, saber que partido poderemos tirar deles. É por isso que me proponho inspecioná-los pormenorizadamente, primeiro sozinho e, mais tarde, acompanhado de engenheiros, e sempre sob a protecção de uma escolta suficiente para garantir a segurança dos postos e estaleiros estabelecidos recentemente ou a estabelecer, bem como a nossa durante a expedição que, podeis estar certos, abreviaremos o mais possível.

“Não é que tenha grandes apreensões com os nativas, apesar da complicação decorrente da fixação de alguns grupos de tuaregues nos territórios do Sul, fato este que poderá ter o seu aspecto favorável. Com efeito, recordemos que os beduínos do deserto foram bons colaboradores quando se fez a abertura do istmo do Suez. Por agora, parecem sossegados, mas estão atentos, e é melhor não nos fiarmos na sua aparente inércia. Com um soldado valente e experiente como o capitão Hardigan, confiante nos homens que comanda e conhecedor dos usos e costumes dos estranhos habitantes destas paragens, podeis crer que não teremos nada a temer No regresso, comunicar-vos-emos observações absolutamente precisas e estabeleceremos, com uma exatidão estrita, o orçamento para a conclusão do empreendimento. Podereis assim associar-vos à glória e, atrevo-me a dizê-lo, ao benefício de uma empresa grandiosa, tão feliz quanto patriótica, condenada na sua primeira tentativa, mas que, graças a vós, tornaremos realidade, para honra e prosperidade da pátria que nos ajudará e que, como já acontece no Sul da Orânia, saberá fazer das tribos ainda hostis os guardiães mais

fiéis e mais leais da nossa incomparável vitória sobre a natureza.

“Meus senhores, conheceis-me, e sabeis as forças que reuni para esta grande obra, forças financeiras e forças intelectuais, capazes de, em conjunto, superar todos os obstáculos. Posso garantir-vos que, agrupados em torno da Sociedade nova, seremos bem sucedidos onde fracasaram os nossos predecessores, menos bem equipados do que nós, e foi isto que fiz questão de vos dizer antes da minha partida para o Sul. Vamos fazê-lo com uma confiança total no sucesso e uma energia sem quebras, e é assim que, cem anos depois da bandeira francesa ter sido hasteada na casbá de Argel, veremos a nossa frota navegar no Mar Saariano e reabastecer os nossos postos no deserto.

# V

## A CARAVANA

Tal como havia enunciado o Sr. de Schaller na reunião do casino, os trabalhos seriam retomados com ordem e energia após o regresso da projetada expedição, e as águas do golfo finalmente conduzidas pelo novo canal através da perfuração da soleira de Gabes. Mas antes disso era indispensável verificar no local o que tinha restado dos antigos trabalhos e, assim, considerou-se conveniente percorrer toda esta parte do Djerid, seguir o traçado do primeiro canal até ao ponto onde desagua no chott Rharsa, o traçado do segundo canal desde o chott Rharsa até ao chott Melrir, passando pelos chotts de menor importância que os separam, e seguidamente contornar este último, após encontro com uma coluna de trabalhadores contratados em Biskra, e fixar a localização dos diversos portos do Mar Saariano.

Para tornar produtivos os dois milhões e quinhentos mil hectares de terras cedidas pelo Estado à Companhia Franco-estrangeira e para o resgate eventual dos trabalhos efetuados por esta Companhia, bem como do que restava de material importante no local da obra, criara-se uma grande sociedade dirigida por um conselho de administração com a sua sede em Paris. O público parecia estar a receber bem as ações e obrigações emitidas pela nova empresa. Esta tinha uma cotação elevada na bolsa, justificada pelos êxitos financeiros obtidos em grandes negócios e em obras públicas de imensa utilidade por aqueles que a dirigiam.

O futuro desta obra, uma das mais importantes em meados do século xx, parecia pois estar garantido em todos os aspectos.

O engenheiro-chefe da nova sociedade era precisamente o conferencista que tinha acabado de fazer o histórico dos primeiros trabalhos. E a expedição organizada para efetuar um reconhecimento do estado atual dos trabalhos seria igualmente dirigida por ele.

O Sr. de Schaller tinha quarenta anos e era um homem de estatura mediana, voluntarioso, ou, para utilizar a expressão mais usual, cabeçudo, cabelos cortados em escova, bigodes arruivados, boca contraída e de lábios finos, olhos vivos e de expressão extremamente firme. Os ombros largos, os membros robustos, o peito arredondado onde os pulmões funcionavam à vontade como uma máquina de alta pressão numa grande sala bem arejada, indicavam uma constituição das mais sólidas. No plano espiritual, este engenheiro não era menos dotado do que no físico. Saído num dos primeiros lugares da Escola Central de Artes e Ofícios, os seus trabalhos começaram a chamar a atenção, e foi com passo lesto que seguiu o caminho da fortuna. Nunca se viu mentalidade mais positiva do que a sua. Espírito refletido, metódico, matemático, se quisermos admitir tal epíteto, não se deixava levar por nenhuma ilusão. Dizia-se que calculava as probabilidades de sucesso e de fracasso de uma situação ou de um negócio com uma precisão “até à décima casa decimal”. Tudo era reduzido a números, tudo era inserido em equações, e se alguma vez se viu um ser humano avesso a fantasias, era precisamente este homem-número, este

homem-álgebra, que foi encarregado de levar a bom termo os trabalhos tão importantes do Mar Saariano.

Assim, a partir do momento em que o Sr. de Schaller, após ter estudado friamente e com todo o pormenor o projeto do capitão Roudaire, o declarou exequível, é porque o era de fato, e não havia dúvida de que, sob a sua direção, não ocorreria qualquer erro de cálculo, quer na parte material, quer na financeira. “Se de Schaller está metido nisso – costumavam dizer as pessoas que conheciam o engenheiro —, o empreendimento tem de ser bom!” E tudo levava a concluir que não se enganavam. O Sr. de Schaller quisera seguir o perímetro do futuro mar, constatar que nada podia impedir a passagem das águas pelo primeiro canal até ao Rharsa, e pelo segundo até ao Melrir, verificar o estado das ribas e das margens que iriam conter essa massa líquida de vinte e oito mil milhões de toneladas.

Dado que o quadro dos seus futuros colaboradores devia integrar elementos provenientes da antiga Companhia e engenheiros ou empreiteiros novos, muitos dos quais, e dos mais importantes, não podiam estar nessa altura em Gabes, o engenheiro-chefe, para evitar qualquer conflito de atribuições posterior, decidiu não levar com ele nenhum membro do pessoal ainda incompleto da Sociedade.

Mas fez-se acompanhar de um criado, ou melhor um “impedido”, pois tal seria se não fosse civil, ou, melhor ainda, “ordenança”. Pontual, metódico, por assim dizer “militarizado”, embora nunca tivesse estado no exército, o Sr. François era o homem que convinha ao seu patrão. Dotado de boa saúde, suportava sem se queixar as tarefas mais fatigantes, a que, aliás, não fora poupado

nos últimos dez anos ao serviço do engenheiro. Falava pouco, mas, se economizava nas palavras, era em benefício dos pensamentos. Um homem ponderado que o Sr. de Schaller apreciava, como um perfeito instrumento de precisão. Era sóbrio, discreto, limpo, nunca estaria mais de vinte e quatro horas sem fazer a barba e, para além de não usar suíças, nem bigode, jamais negligenciara essa operação quotidiana, nem nas circunstâncias mais difíceis.

É evidente que a expedição organizada pelo engenheiro-chefe da Sociedade Francesa do Mar Saariano não se realizaria sem a adopção prévia de algumas medidas de precaução. Se o Sr. de Schaller se tivesse aventurado pelo Djerid apenas acompanhado do criado, estaria a cometer uma verdadeira imprudência. Sabia-se que as comunicações já não eram seguras, mesmo para as caravanas, que percorriam incessantemente a região, apesar dos antigos estabelecimentos da Companhia estarem mal protegidos ou até sem protecção nenhuma, e muito disseminados, e os poucos postos de segurança que existiram numa dada época já haverem sido retirados há muito. Não se podia esquecer as agressões de Hadjar e do seu bando, e precisamente agora que este temível chefe, após ter sido capturado e encarcerado, acabava de se evadir antes que a justa condenação que o esperava libertasse o país das suas malfeitorias. Era mais do que previsível que quisesse recomeçá-las.

Aliás, as circunstâncias atuais tendiam a favorecê-lo. Os árabes do Sul da Argélia e da Tunísia e, sobretudo, os sedentários ou os nômades do Djerid, estavam longe de aceitar sem protestos a concretização do projeto do

capitão Roudaire. Isso iria acarretar a destruição de muitos oásis do Rharsa e do Melrir. É verdade que os proprietários seriam indenizados, mas, na sua opinião, de uma forma muito pouco vantajosa. É indubitável que alguns interesses tinham sido lesados, e estes proprietários sentiam um ódio profundo perante a ideia de os seus férteis tou~ais irem em breve desaparecer sob as águas vindas do Sirte Menor. E agora, entre as tribos que este novo estado de coisas iria afectar nos seus hábitos, era preciso contar com os tuaregues, sempre dispostos a retomar a sua vida de aventuras como salteadores de caravanas. Que seria deles quando desaparecessem as rotas entre as sebkha e os chotts e o comércio deixasse de ser efetuado por estas cáfilas que, desde um tempo imemorial, percorriam o deserto em direção a Biskra, Touggourt ou Gabes? Seria uma verdadeira frota de escunas, de chébels, de tartanas, de brigues e de navios de três mastros, à vela e a vapor, bem como toda uma baharia, ou marinha nativa, que transportaria as mercadorias para sul das montanhas de Aurès. E como poderiam os tuaregues atacá-los? Para as tribos que viviam da pirataria e da pilhagem seria a ruína a breve prazo.

Compreende-se assim que uma fermentação surda reinasse no seio desta população especial. Os seus imãs incitavam-na à revolta. Por diversas vezes, os trabalhadores árabes contratados para a escavação do canal foram atacados por bandos encolerizados, e foi necessário protegê-los recorrendo às tropas argelinas.

“Com que direito – pregavam os marabutos – estes estrangeiros pretendem transformar em mar os nossos oásis e as nossas planícies? Porque querem desfazer

aquilo que a natureza criou? O Mediterrâneo já é suficientemente vasto para que tentem agora acrescentar-lhe a área dos nossos chotts! Os rumis que naveguem tanto quanto lhes aprouver, mas nós, nós somos gente de terra e o destino do Djerid é ser percorrido pelas cáfilas e não por navios! É preciso dizimar estes estrangeiros antes que afoguem o país que nos pertence, o país dos nossos antepassados, com a invasão do mar!”

Esta agitação sempre crescente contribuiu para a ruína da Companhia Franco-estrangeira; depois, com o tempo, pareceu abrandar após os trabalhos terem sido suspensos; mas a invasão do deserto pelo mar permanecera como um espectro ameaçador no espírito das populações do Djerid. Cuidadosamente alimentada pelos tuaregues desde que se tinham instalado a sul do Arad, bem como pelos Hadjis, ou peregrinos regressados de Meca, que atribuíam à abertura do canal do Suez a perda da independência dos seus correligionários do Egipto, continuava a constituir para todos uma preocupação que não se coadunava com o fatalismo muçulmano. Estas instalações abandonadas, com o seu material fantástico – enormes dragas munidas de alavancas extraordinárias que pareciam braços monstruosos, e escavadoras que, muito justamente, foram comparadas a gigantescos polvos terrestres – desempenhavam um papel fabuloso nas narrativas dos improvisadores do país, de que a raça sempre se orgulhara desde os contos das Mil e Uma Noites, e em outras criações dos numerosos contadores de histórias árabes, persas ou turcos.

Estas narrativas mantinham no espírito dos nativos a obsessão da invasão do mar ao reavivar de novo as recordações dos antigos.

Ora, não é de estranhar que, por mais de uma vez, Hadjar, antes de ser preso, tenha estado envolvido, juntamente com os seus partidários, em diversas agressões ocorridas na época a que nos referimos na nossa história.

A expedição do engenheiro ia assim efetuar-se sob a protecção de uma escolta de spahis. Esta seria comandada pelo capitão Hardigan e pelo tenente Villette, e teria sido difícil fazer melhor escolha que a destes dois oficiais, que, conhecedores do Sul e após terem levado a bom termo a dura campanha contra Hadjar e o seu bando, tinham agora como missão estudar as medidas de segurança a estabelecer para o futuro.

O capitão Hardigan encontrava-se na força da idade — acabara de fazer trinta e dois anos —, era inteligente, audacioso, mas de uma audácia que não excluía a prudência, estava habituado aos rigores deste clima africano e tinha uma resistência de que dera provas incontestáveis durante as suas diversas campanhas. Era um oficial na mais completa acepção do termo, com alma de militar, e que não conseguia imaginar ter outra profissão que não a de soldado. Aliás, solteiro e sem parentes próximos, o regimento era a sua única família e via os camaradas como irmãos. Mais do que estimado no regimento, era amado, e os seus homens, por affecto mas também por reconhecimento, eram-lhe devotados até ao sacrifício. Podia esperar tudo deles, pois tudo lhes podia pedir.

No que respeita ao tenente Villette, basta dizer que era valente como o seu capitão, enérgico e resoluto como ele e de igual modo infatigável e excelente cavaleiro, tendo já dado provas disso em expedições anteriores. Era um oficial muito seguro, que pertencia a uma família de industriais abastados, e tinha à sua frente um futuro brilhante. Fez a Escola de Saumur com uma das melhores classificações e foi promovido muito pouco tempo depois.

Estava na altura do tenente Villette regressar a França quando foi decidida esta expedição através do Djerid. Ao saber que esta seria comandada por Hardigan, pediu para falar com ele e disse-lhe: – Meu capitão, gostaria muito de fazer parte da sua expedição.

– E eu gostaria muito que isso acontecesse – respondeu o capitão no mesmo tom, o tom da camaradagem genuína e franca.

– O meu regresso a França pode muito bem ser adiado por uns meses.

– Pode muito bem, meu caro Villette, e até será melhor, pois levará as informações mais frescas sobre o Mar Saariano!

– Com efeito, meu capitão, e teremos a oportunidade de ver pela última vez os chotts argelinos antes de desaparecerem sob as águas.

– Desaparecimento que, provavelmente, durará tanto quanto a velha África – respondeu Hardigan —, ou seja, tanto quanto o nosso planeta.

– Tudo leva a crer que sim, meu capitão! Bem, está combinado. Terei o prazer de vos acompanhar nesta operação. Um mero passeio, certamente.

– Um mero passeio, como diz, meu caro Villette, sobretudo depois de termos livrado o país desse danado do Hadjar.

– É uma captura que o honra, meu capitão.

– E a si também, Villette!

É evidente que esta conversa entre o capitão Hardigan e o tenente Villette ocorrera antes do chefe tuaregue ter conseguido evadir-se do bordj de Gabes. Mas, depois da sua fuga, era de temer a ocorrência de novos ataques e, aliás, nada lhe seria mais fácil do que provocar um levantamento das tribos cujas condições de existência iriam ser afectadas pelo mar interior.

Assim, a expedição teria de vigiar as suas movimentações através do Djerid, e o capitão Hardigan ia empenhar nisso todos os seus esforços.

Seria surpreendente se o sargento-chefe Nicol não integrasse a escolta. Para onde ia o capitão Hardigan, ia necessariamente o sargento-chefe. Este estivera envolvido na captura de Hadjar, pelo que faria parte da expedição que porventura levaria mais uma vez o seu capitão a lutar contra os bandos tuaregues.

O sargento, que tinha trinta e cinco anos, havia já feito diversas comissões de serviço, e sempre no mesmo regimento de spahis. As divisas de sargento-chefe tinham contentado a sua ambição. Não aspirava a mais do que viver da sua reforma bem ganha por bons serviços, mas o mais tarde possível. Soldado de extraordinária resistência, desembaraçado como poucos, Nicol só conhecia a disciplina. Para ele, essa era a grande lei da existência, e gostaria que se aplicasse tanto aos civis como aos militares. No entanto, embora admitisse que o homem foi criado para servir no exército,

considerava também que teria ficado incompleto se não tivesse encontrado no cavalo o seu complemento natural.

Tinha o hábito de dizer: – O Vai-Avante e eu somos um só. Eu sou a cabeça e ele as pernas. E, têm de admiti-lo, as pernas de cavalo são muito mais talhadas para a marcha do que as pernas de homem! Ainda se tivéssemos quatro, mas temos apenas duas, enquanto nos fazia falta meia-dúzia!

Como se vê, o sargento tinha inveja das centopeias. Mas enfim, tal como se apresentavam, o cavalo e ele eram feitos um para o outro.

Nicol, de estatura acima da média, ombros largos e peito forte, tinha sabido conservar-se magro, e estaria disposto a todos os sacrifícios para não engordar. Considerar-se-ia a mais infeliz das criaturas se pressentisse o mais ligeiro sintoma de adiposidade. Aliás, se porventura se produzisse qualquer invasão de obesidade numa constituição tão seca, ele sabê-la-ia conter apertando a fivela do seu cinturão azul e forçando os botões do dólman a entrar nas respectivas casas. Este Nicol era ruivo, de um ruivo ardente, com os cabelos cortados em escova, a barbicha cerrada, o bigode espesso, olhos cinzentos a rolar constantemente sob as órbitas, o olhar com um alcance espantoso, capaz de, como a andorinha, distinguir uma mosca a cinquenta passos, o que suscitava a profunda admiração do cabo Pistache.

Este era um espírito alegre, sempre contente, e que o seria aos sessenta anos do mesmo modo que o fora aos vinte e cinco, que não se queixava nunca de ter fome, mesmo quando o rancho se atrasava algumas horas,

nem de ter sede, mesmo quando as nascentes se faziam raras através daquelas intermináveis planícies queimadas pelo sol saariano. Era um desses sólidos meridionais da Provença, que não era dado a sentimentos de tristeza, e por quem o sargento Nicol “tinha um fraco”. Assim, era habitual vê-los juntos e, durante toda a expedição, um viria sempre atrás do outro.

Quando se referir que o destacamento compreendia um certo número de spahis, e que dois carros puxados por mulas transportavam o material de acampar e os víveres da pequena brigada, estará tudo dito sobre a escolta do engenheiro de Schaller.

Mas se não há nada de especial a descrever relativamente aos cavalos montados pelos oficiais e pelos seus homens, deve fazer-se uma menção especial ao do sargento Nicol, bem como ao cão que nunca se afastava dele mais do que o alcance da sua sombra.

Que o cavalo tenha recebido do dono o nome significativo de Vai-Avante, tem uma explicação evidente. E o animal justificava-o plenamente, pois estava sempre pronto para partir à desfilada, procurando ir à frente dos outros, e era preciso um cavaleiro tão bom como Nicol para o manter na formatura. De resto, como sabemos, o homem e o animal entendiam-se admiravelmente.

Mas se é admissível que um cavalo se chame Vai-Avante, como é possível um cão chamar-se Ás-de-Trunfo?

Será que o cão tinha os talentos de um Munito ou de outras celebridades da raça canina? Será que se exhibia nos circos das feiras? Será que jogava às cartas em público? Não, o companheiro de Nicol e de Vai-Avante não possuía nenhum destes talentos de sociedade. Era

apenas um animal valente e fiel, que honrava o regimento, de quem todos gostavam e a quem todos mimavam e afagavam, desde o chefe até aos soldados. Mas o seu verdadeiro dono era o sargento, e o seu amigo mais íntimo o Vai-Avante.

Ora, Nicol tinha uma paixão extraordinária pelo rams, um jogo de cartas que, podemos dizer, era a sua única paixão, a única a que se entregava durante os tempos de repouso no quartel; custava-lhe imaginar algo demais atraente para uso dos simples mortais; e de resto era um ás no jogo, de tal modo que as suas inúmeras vitórias lhe tinham valido a alcunha de “Sargento Rams”, da qual se mostrava orgulhoso.

Pois bem, dois anos antes, Nicol fizera uma jogada de sorte, uma jogada de última hora, que gostava de recordar. Sentado num café de Tunes, com dois dos seus camaradas, diante do pano sobre o qual se espalhava o baralho de trinta e duas cartas, depois de uma sessão bastante longa, a sua sorte e mestria habituais, para gáudio dos seus amigos, tinham virado completamente. Cada um dos três adversários ganhara três partidas, estava na hora de regressar ao quartel, e uma última partida iria decidir a vitória final. O sargento Rams sentia que esta lhe ia escapar: estava num dia de azar. Cada jogador já só tinha uma carta na mão, a sua derradeira esperança. Os seus dois adversários jogaram, um a dama de copas e o outro o rei de copas. Esperavam que o ás de copas e o último trunfo tivessem ficado entre as onze cartas do monte.

– Ás de trunfo! – gritou Nicol com voz vibrante, e deu um murro na mesa com uma violência tal que a carta voou até ao meio da sala.

Quem a foi buscar, delicadamente, e a trouxe nos dentes, foi o cão, que, até esse dia memorável, se tinha chamado Misto.

– Obrigado, obrigado, camarada – exclamou o sargento, tão orgulhoso da sua dupla vitória como se tivesse arrebatado duas bandeiras ao inimigo.

– Ás de trunfo, ouviste? Cortei com o ás de trunfo! O cão deixou escapar um grande latido de satisfação.

– Sim, ás de trunfo – repetia Nicol —, deixas de te chamar Misto, agora passas a ser o Ás-de-Trunfo! Gostas?

Sem dúvida que o novo nome agradava a este digno animal, pois, após numerosas piruetas de alegria, saltou para os joelhos do dono, de tal modo que este quase foi atirado ao chão. E Misto esqueceu rapidamente o seu antigo nome em favor do novo de Ás-de-Trunfo, pelo qual passou a ser honrosamente conhecido no regimento.

É indubitável que este projeto de uma nova expedição foi acolhido com extrema satisfação pelo sargento Nicol e pelo cabo Pistache. Mas, a acreditar no que estes dizem, não provocou menos contentamento ao Vai-Avante e ao Ás-de-Trunfo.

Na véspera da partida, o sargento, na presença do cabo, teve uma conversa com os dois inseparáveis amigos, que não devia deixar lugar para qualquer hesitação a este respeito.

– Pois é, meu velho Vai-Avante – disse Nicol, dando palmadinhas no pescoço do cavalo —, vamos então partir em campanha?

É provável que Vai-Avante compreendesse o que lhe dizia o dono, dado que produziu um relincho de alegria.

A este relincho respondeu o Ás-de-Trunfo com uma série de latidos de prazer, sobre cujo sentido era

impossível alguém enganar-se!

– Sim, lindo cão, sim... tu também vens! –  
acrescentou o sargento, enquanto o Ás-de-Trunfo pulava como se quisesse saltar para o dorso do Vai-Avante. E, de fato, por vezes conseguia montá-lo, e o cavalo não parecia ficar menos contente por transportar o cão do que o cão por ser transportado por ele!

– Amanhã partimos de Gabes – continuou o sargento –, é amanhã que rumamos aos chotts! Espero que vocês os dois estejam prontos e que não fiquem para trás!

Ouviram-se novos relinchos e novos latidos como resposta à recomendação.

– A propósito – prosseguiu Nicol –, sabem que esse grande danado do Hadjar se safou sem dar cavaco à tropa, o maldito targui que prendemos juntos!

Se o Vai-Avante e o Ás-de-Trunfo não o sabiam, ficaram agora ao corrente do que se passava! Ah! aquele patife de targui tinha fugido!

– Pois bem, camaradas – declarou o sargento –, é bem possível que o encontremos lá, o Hadjar, e vai ser preciso voltar a apanhá-lo.

O Ás-de-Trunfo estava pronto para se pôr a caminho e o Vai-Avante só esperava ser montado pelo dono para o seguir.

– Até amanhã... até amanhã! – repetia o sargento enquanto se afastava.

E certamente que, no tempo em que os animais falavam e diziam sem dúvida menos asneiras do que os homens, o Vai-Avante e o Ás-de-Trunfo teriam respondido:

– Até amanhã, sargento, até amanhã!

## VI

### DE GABES A TOZEUR

No dia 17 de março, pelas cinco da manhã, a expedição deixava Gabes, enquanto o sol, que nascia no horizonte do Sirte Menor, fazia cintilar as extensas planícies arenosas da região dos chotts.

O tempo estava bom, uma ligeira brisa do norte percorria o espaço expulsando algumas nuvens, que se dissipavam antes de atingirem o horizonte oposto.

De resto, o período invernososo estava a chegar ao fim. No clima da África Oriental, as estações sucedem-se com uma regularidade notável. O tempo das chuvas, o *echta*, ocupa quase só os meses de janeiro e fevereiro. O verão, com as suas temperaturas excessivas, vai de maio a outubro, predominando nessa altura ventos que variam do nordeste ao noroeste. Deste modo, o Sr. de Schaller e os seus companheiros partiam numa época favorável. A campanha de reconhecimento estaria certamente terminada antes dos terríveis calores que tornam tão penosas as deslocações através das *outtâ saarianas*.

Já se disse que Gabes não possuía um porto. A antiga enseada de Tnoupe, quase totalmente assoreada, só era abordável pelos navios de pequeno calado. Foi o golfo, que forma um semicírculo entre o arquipélago das Querquena e as ilhas dos Lotófagos, que recebeu o nome de Sirte Menor, e este Sirte Menor é tão temido pelos navegadores como o Maior, e com razão se tivermos em conta a quantidade de sinistros marítimos que aqui ocorrem.

O canal devia começar na embocadura do wadi Melah, onde se faziam os trabalhos preparatórios para o novo porto. Da soleira de Gabes, com vinte quilômetros de largura e de onde haviam sido retirados vinte e dois milhões de metros cúbicos de materiais, terra e areia, apenas restava um forte cordão dunar que retinha as águas do golfo. Para retirar estas dunas, bastavam alguns dias, mas, como é evidente, esta operação só teria lugar no último momento e quando todos os trabalhos de protecção, de perfuração e de aprofundamento nos chotts estivessem completamente terminados. Além disso, tinha de se prever a construção de uma ponte que permitisse o acesso a este local do prolongamento para Gabes e para a fronteira tripolitana da linha de caminho-de-ferro de Kairouan, Feriana e Gafsa.

A soleira de Gabes, a seção inicial e a mais curta do primeiro canal, envolvera imenso trabalho e grande despesa, dado que, em certos locais, esta soleira apresentava uma altura de cem metros, com excepção de duas fendas com alturas entre cinquenta e sessenta metros, e às areias misturavam-se massas rochosas de difícil extração.

A partir da embocadura do wadi Melah, o canal dirigia-se para as planícies do Djerid, e foi umas vezes ao longo da riba norte, e outras ao longo da riba sul, que o destacamento percorreu as suas primeiras etapas. A segunda seção começava no quilómetro 20, seguindo tanto quanto possível a riba setentrional para diminuir as dificuldades e os perigos inerentes à própria natureza do terreno dos chotts.

O engenheiro de Schaller e o capitão Hardigan marchavam à cabeça, escoltados por alguns spahis. Depois, sob as ordens do sargento Nicol, vinha a coluna que transportava os víveres e o material de acampamento. Na retaguarda seguia um pelotão comandado pelo tenente Villette.

Esta expedição, uma vez que tinha como única missão reconhecer o traçado do canal em toda a sua extensão, e verificar em que estado estavam as coisas, primeiro até ao chott Rharsa e, depois, até ao chott Melrir, devia avançar por etapas pequenas.

As caravanas que iam de oásis em oásis, contornando pelo sul as montanhas e os planaltos da Argélia e da Tunísia, chegam a percorrer quatrocentos quilômetros em dez ou doze dias, mas o engenheiro entendeu por bem não progredir mais de uma dúzia de quilômetros em vinte e quatro horas, pois tinha de ter em conta o mau estado em que se encontravam as pistas e as antigas estradas ao longo dos trabalhos.

– Não vamos descobrir nada – dizia o Sr. de Schaller —, mas mais exatamente tomar conhecimento do estado atual dos trabalhos que nos deixaram os nossos predecessores.

– Isso é perfeitamente claro, caro amigo – respondeu-lhe o capitão Hardigan —, e, aliás, desde há muito tempo que não existe mais nada para descobrir nesta parte do Djerid. Mas, no que me diz respeito, não me queixo por a visitar uma última vez antes de ela se transformar! Ganhará com a mudança?

– Seguramente, capitão, e se quiser cá voltar...

– Dentro de quinze anos.

– Não, estou convencido de que em breve verá de novo a animação da vida comercial em sítios em que agora só há a solidão do deserto.

– O que tinha o seu encanto, meu caro companheiro.

– Sim, admitindo que o abandono e o vazio podem encantar...

– Um espírito como o seu, não, sem dúvida – respondeu o capitão –, mas quem sabe se os velhos e fiéis admiradores da natureza não terão razões para lamentar estas transformações impostas pelo gênero humano!

– Ora, meu caro Hardigan, não se queixe demasiado, pois se todo o Saara estivesse ainda a um nível inferior ao do Mediterrâneo, pode estar certo que o transformaríamos num oceano desde o golfo de Gabes até ao litoral do Atlântico, como aliás deve ter acontecido em certos períodos geológicos.

– Decididamente – declarou, sorrindo, o oficial –, os engenheiros modernos já não respeitam nada! Se lhes déssemos carta branca, atulhariam os mares com as montanhas e o nosso globo passaria a ser uma bola lisa e polida como um ovo de avestruz, servida por uma adequada rede de caminhos-de-ferro!

E podemos estar certos de que, durante as semanas que durou a viagem através do Djerid, o engenheiro e o oficial nunca veriam as coisas na mesma perspectiva, mas não deixariam de ser bons amigos.

A travessia do oásis de Gabes fez-se no meio de uma região encantadora. É aí que se encontram os espécimes das diversas floras africanas entre as areias marítimas e as dunas do deserto. Os botânicos recolheram no local quinhentas e sessenta e três espécies de plantas. Não se

podem queixar, pois os habitantes deste oásis afortunado e a natureza não lhes regatearam ajuda. As bananeiras, as amoreiras e a cana do açúcar são raras, mas em contrapartida encontramos em abundância figueiras, amendoeiras e laranjeiras, que se multiplicam debaixo dos altos leques de inúmeras tamareiras, sem falar das encostas ricas em vinhas e dos campos de cevada que se estendem a perder de vista. Aliás, o Djerid, o país das tâmaras, conta com mais de um milhão destas árvores, de que existem cento e cinquenta variedades, e o seu fruto, nomeadamente a “tâmaraluz”, de polpa transparente, é de qualidade superior.

Após atravessar este oásis, a caravana, subindo o curso do wadi Melah, penetrou na parte árida da soleira, através da qual se escavara o novo canal. Foi aí que os trabalhos exigiram o concurso de milhares de braços. Mas, apesar de todas as complicações, acabou por não haver falta de trabalhadores, e a Companhia Franco-estrangeira, pagando um preço elevado, conseguira contratar árabes na quantidade necessária. Só as tribos tuaregues e alguns outros nômades que frequentavam as zonas próximas das sebkhas tinham recusado participar nas obras de perfuração do canal.

Durante o caminho, o Sr. de Schaller ia tomando notas. Era preciso fazer apenas algumas rectificações nos taludes das ribas e no próprio leito do canal para obter o declive calculado de modo a conseguir um débito suficiente, “tanto, como tinha determinado Roudaire, para encher as bacias, como para as manter com um nível constante, repondo a água evaporada quotidianamente”.

– Mas, em princípio – perguntou o capitão Hardigan —, qual devia ser a largura do canal?

– Apenas de vinte cinco a trinta metros em média – respondeu o Sr. de Schaller – e devia ser feito de maneira a que o alargamento pudesse ocorrer por si próprio por ação da corrente das águas. No entanto, embora isso envolvesse um maior volume de trabalho e, por consequência, um maior custo financeiro, considerou-se necessário aumentar a largura para oitenta metros, que é a que se pode ver agora.

– Isto, sem dúvida, meu caro amigo, para abreviar o tempo necessário para a inundação dos chotts Rharsa e Melrir.

– E claro que, volto a dizê-lo, contamos com a rapidez da corrente para empurrar as areias lateralmente, deixando passar uma maior quantidade de água proveniente do golfo.

– Mas, ao princípio – prosseguiu o capitão Hardigan —, não se falava em menos de dez anos para que o Mar Saariano atingisse o seu nível normal?

– Eu sei... eu sei – replicou o Sr. de Schaller. – E dizia-se mesmo que a água evaporaria durante a sua passagem pelo canal e que nem uma gota chegaria ao chott Rharsa! De igual modo, em minha opinião, teria sido melhor manter a largura fixada inicialmente e dar uma maior profundidade ao canal, pelo menos na sua primeira parte. Teria sido infinitamente mais prático e menos dispendioso, mas sabe que este não foi o único erro de cálculo dos nossos antecessores. Aliás, estudos efetuados em bases mais precisas permitiram refutar estas afirmações, e não serão certamente necessários dez anos para que as depressões argelinas fiquem

cheias. Em menos de cinco anos, os navios mercantes estarão a navegar no novo mar, desde o golfo de Gabes até ao porto mais afastado do Melrir.

As duas etapas desta primeira jornada fizeram-se em boas condições; a caravana parara as vezes necessárias para que o engenheiro pudesse examinar o estado do canal.

Estavam a cerca de quinze quilômetros de Gabes quando, por volta das cinco da tarde, o capitão Hardigan deu a ordem de fazer alto, com vista a estacionarem para passar a noite.

O acampamento foi imediatamente montado na margem norte do canal, à sombra de um pequeno bosque de tamareiras. Os cavaleiros desceram dos cavalos e conduziram os animais para uma pradaria que lhes proporcionaria erva em abundância. Um ribeiro serpenteava através do bosque e verificou-se que a sua água era fresca e límpida.

As tendas, que aliás só seriam ocupadas durante as horas de sono, foram erguidas com rapidez. Tomou-se uma refeição a coberto das árvores. O engenheiro e os dois oficiais, servidos por François, fizeram as honras às provisões trazidas de Gabes. Só em carnes e legumes de conserva, a alimentação da caravana estava garantida para várias semanas, e era sempre fácil conseguir reabastecimentos nos pequenos povoados da baixa Tunísia e da baixa Argélia, nas imediações dos chotts.

Escusado será dizer que o sargento e os seus homens, expeditos como eram, tinham armado as tendas num abrir e fechar de olhos, após terem estacionado à entrada do bosque os dois carros que completavam a coluna. Aliás, antes de pensar em si mesmo, Nicol tinha

querido “pensar” o Vai-Avante – como ele gostava de dizer por graça e que invariavelmente fazia rir Pistache. O digno cavalo parecia ter apreciado esta primeira jornada através do Djerid, e respondeu ao dono com longos relinchos aos quais se vieram juntar os latidos do Ás-de-Trunfo.

É claro que o capitão Hardigan tinha tomado todas as disposições para a vigilância do acampamento. De resto, o silêncio da noite só foi perturbado por certos gritos bem conhecidos dos nômades da região. Mas os animais ferozes mantiveram-se à distância e a caravana não recebeu nenhuma visita desagradável até ao nascer do sol.

Às cinco horas toda a gente estava a pé, e, às cinco e dez, o Sr. François já se barbeara diante de um pedaço de espelho pendurado numa estaca da tenda.

Reuniram-se os cavalos, carregaram-se os carros e o destacamento pôs-se de novo a caminho na mesma ordem da véspera.

As ribas do canal, por onde seguiam, tanto de um, como do outro lado, eram menos elevadas do que na parte da soleira de Gabes mais próxima do golfo. Sendo constituídas unicamente por terra muito mole ou por areia pouco consistente, não iriam com certeza resistir à pressão das águas se a corrente se tornasse forte. Tal como fora previsto pelos engenheiros e temido pelos nativos, o canal alargar-se-ia por si próprio, o que abreviaria o tempo necessário para a inundação completa dos dois chotts. Mas o leito do canal parecia sólido, conforme constatou o Sr. de Schaller. Era sobretudo na travessia da grande sebkha tunisina que as

camadas macias tinham permitido uma escavação mais rápida do que nos terrenos envolventes do Sirte Menor.

A região continuava a apresentar o mesmo aspecto de desolação e esterilidade que à saída do oásis de Gabes. Por vezes, passava-se por bosques de tamareiras e planícies cobertas de tufos de alfas, que constituem a verdadeira riqueza daquela terra.

A expedição caminhara desde o princípio para oeste, ao longo do canal, em direção à depressão a que se dá o nome de Fedjedj, de modo a atingir o povoado de La Hammâ. É preciso não confundir este com um outro, com o mesmo nome, situado na extremidade oriental do Rharsa, que a expedição visitaria depois da travessia completa do Fedjedj e do Djerid.

Foi a sul do canal, em La Hammâ, que o capitão Hardigan decidiu instalar o destacamento para pernoitar, após as duas etapas da jornada de 18 de Março.

Os diversos povoados desta região ocupam posições idênticas no meio de pequenos oásis. Tal como as aldeias, são rodeados de muros de terra como protecção contra os ataques dos nômades e mesmo das feras africanas de grande porte.

Eram habitados apenas por algumas centenas de nativas, a que se misturavam por vezes colonos franceses.

Um pequeno grupo de soldados nativas ocupava o bordj, uma casa pequena que dominava o centro da povoação. Os spahis, que foram bem acolhidos por esta população, distribuíram-se pelas casas árabes, enquanto o engenheiro e os oficiais foram hóspedes de um compatriota.

Quando o capitão Hardigan perguntou ao colono o que sabia sobre o chefe targui evadido da prisão de Gabes, este respondeu que nunca ouvira falar nele. Em nenhum sítio, nas imediações de La Hammâ, fora assinalada a presença de Hadjar. Por outro lado, tudo levava a crer que o fugitivo regressara à região dos chotts argelinos, contornando o Fedjedj, e encontrara refúgio entre as tribos tuaregues do Sul. No entanto, um habitante de La Hammâ, que chegara de Tozeur, ouvira dizer que Djemma tinha sido vista naquela zona, mas ignorava que direção tomara a seguir. De resto, convém recordá-lo, Hadjar, após a evasão, desembarcou na costa do Sirte Menor e esteve com a mãe um breve instante, perto do marabuto, onde os cavalos estavam a postos, fugindo com os companheiros por um caminho que não foi o mesmo seguido depois por Djemma.

No dia 19 de manhã, sob um céu ligeiramente encoberto que perspectivava um dia menos quente, o capitão Hardigan deu o sinal de partida. Tinham-se percorrido três dezenas de quilômetros entre Gabes e La Hammâ; só faltava metade disso para chegar a Fedjedj. Seria coisa para um dia de marcha e, ao cair da tarde, o pequeno grupo montaria acampamento num ponto próximo do chott.

Na última etapa que o havia conduzido a La Hammâ, o engenheiro vira-se obrigado a afastar-se um pouco do canal, e, durante a primeira parte desta jornada, voltou a aproximar-se dele junto à entrada do chott. A escavação efetuara-se portanto num percurso de cento e oitenta e cinco quilômetros através desta extensa depressão do Fedjedj, com uma cota de quinze a vinte e cinco metros

acima do nível do mar, sem oferecer dificuldades de maior.

Durante os dias de marcha que se sucederam, o destacamento pôde seguir ao longo das ribas do canal sobre um solo que não apresentava toda a firmeza que seria de desejar.

É no meio destas depressões que por vezes as sondas são engolidas e desaparecem, e o que sucedia a um instrumento podia acontecer a um homem. Esta sebkha tunisina é a mais extensa de todas. Para lá da ponta de Bou-Abdallah, o Fedjedj e o Djerid – que não se deve confundir com a parte do deserto com o mesmo nome – formam uma única depressão até à sua extremidade ocidental. Aliás, fora através do Fedjedj, a partir da aldeia de Mtocia, acima de La Hammâ, que o canal havia sido escavado, e que se ia seguir o respectivo traçado, que se dirige quase em linha recta até ao quilómetro 153, inflectindo depois para sul, paralelamente à costa, entre Tozeur e Nefta.

Não há nada demais interessante para observar que estas bacias lacustres, conhecidas por sebkha e chotts. As que têm o nome geográfico de Djerid e Fedjedj não conservaram nenhuma água, nem sequer na sua parte central. O Sr. de Schaller, enquanto seguia montado no seu cavalo, explicou o fenómeno ao capitão Hardigan e ao tenente Villette, que se lhes havia juntado, como acontecia com frequência:

– Não vemos nada do lençol líquido pelo fato de se encontrar recoberto por uma crosta salina. Mas este só está separado da superfície por esta crosta, verdadeira curiosidade geológica, e reparem como os passos dos

cavalos ressoam como se caminhassem sobre uma abóbada.

– Com efeito – respondeu o tenente. – É caso para temermos que o chão lhes falte de repente.

– Há precauções a tomar – acrescentou o capitão Hardigan – e não me canso de o repetir aos meus homens. Nalgumas partes mais baixas destas depressões, chegamos a ver a água subir de súbito até ao peitoral dos cavalos.

– Isso já aconteceu, precisamente durante o reconhecimento desta sebka pelo capitão Roudaire, e contam-se episódios de caravanas que ficaram enterradas quando se dirigiam para os diversos povoados da região.

– Uma região que, embora não seja nem mar nem lago, também não é terra no verdadeiro sentido da palavra! – observou o tenente Villette.

– O que não existe neste Djerid, encontra-se no Rharsa e no Melrir – prosseguiu o Sr. de Schaller. – Para além das águas ocultas, estes chotts contêm águas superficiais nas bacias com cota inferior ao nível do mar.

– Pois bem, meu caro senhor – disse o capitão Hardigan –, é pena que este chott não esteja nessas condições! Teria bastado um canal com umas três dezenas de quilômetros para fazer correr para lá as águas do golfo de Gabes, e há anos que já estaríamos a navegar no Mar Saariano!

– Com efeito, é lamentável – afirmou de Schaller –, e não apenas porque a duração e o volume das obras teriam diminuído numa proporção considerável, mas talvez também porque a extensão do novo mar teria por assim dizer duplicado. Em vez de sete mil e duzentos

quilômetros quadrados, ou seja, setecentos e vinte mil hectares, teria recoberto cerca de um milhão e quinhentos mil! Se examinarmos o mapa desta região, vemos que o Fedjedj e o Djerid têm uma superfície superior à do Rharsa e do Melrir, e este último, em particular, não será completamente inundado.

– Vistas bem as coisas – disse o tenente Villette –, uma vez que apenas pisamos terrenos instáveis, não poderá acontecer que, num futuro mais ou menos longínquo, o solo se afunde ainda mais, especialmente depois de ter sido penetrado durante longo tempo pelas águas do canal? Quem sabe se toda a parte meridional da Argélia e da Tunísia, na sequência de uma modificação lenta ou brusca do solo, não se tornará a bacia de um oceano... se o Mediterrâneo não a irá invadir de leste a oeste?

– Tenho a impressão de que o nosso amigo Villette se entusiasmou demais – replicou o capitão Hardigan – e que se deixou impressionar por todos os fantasmas que povoam a imaginação dos árabes nas suas histórias. Quer rivalizar em velocidade com o bravo Vai-Avante, do nosso não menos bravo Nicol!

– A verdade, meu capitão – replicou o jovem, a rir –, é que penso que tudo pode acontecer.

– E qual é a sua opinião, meu caro de Schaller?

– Só gosto de me basear em fatos bem estabelecidos, em observações precisas – concluiu o engenheiro. – Mas, na realidade, quanto mais estudo o solo desta região, mais o considero em condições anómalas, e pergunto-me que alterações ainda se poderão produzir com o tempo e com o advento de circunstâncias que não podemos prever! Mas, entretanto, enquanto o futuro não chega,

contentemo-nos com o fato de podermos realizar este magnífico projeto do Mar Saariano.

Após numerosas etapas, passando por Limagnes, Seftimi e Bou-Abdallah, aldeias situadas na faixa de terra que se prolonga entre o Fedjedj e o Djerid, a expedição concluiu a exploração do primeiro canal até Tozeur, onde fez alto na noite de 30 de março.

## VII

### TOZEUR E NEFTA

Aqui – dizia nessa noite o sargento Nicol ao cabo Pistache e ao Sr. François – estamos por excelência no país das tâmaras, um verdadeiro tamaral, como lhe chama o meu capitão, e como lhe chamariam os meus camaradas Vai-Avante e Às-de-Trunfo se tivessem sido contemplados com o dom da palavra.

– Bom – respondeu Pistache –, as tâmaras são tâmaras em todo o lado, quer as colhamos em Gabes ou em Tozeur, desde que provenham de uma tamareira. Não é verdade senhor François?

Quando alguém se dirigia a este personagem, tratava-o sempre por “senhor François”. Mesmo o seu patrão se exprimia nestes termos, e o Sr. François, na sua dignidade natural, fazia questão de que assim fosse.

– Não sei dizer – respondeu ele com voz grave, passando a mão no queixo, que escanhoaria no dia seguinte logo muito cedo. – Confesso não apreciar muito este fruto, que é bom para os árabes e não para os Normandos como eu.

– Ora, você é muito esquisito, Sr. François! – exclamou o sargento. – Bom para os árabes! Quer certamente dizer demasiado bom para eles, pois não são capazes de o apreciar como merece! Tâmaras! Daria por elas pêras, maçãs, uvas, laranjas, todos os frutos de França!

– E eles não são de deitar fora – declarou Pistache, fazendo deslizar a língua entre os lábios.

– Para falar assim – continuou Nicol – é preciso nunca ter provado as tâmaras do Djerid. Olhe, amanhã dou-lhe a comer uma “deglatennour”, colhida diretamente da árvore, rija e transparente, e que, ao amadurecer, forma uma deliciosa pasta açucarada. Depois conte-me! É simplesmente um fruto paradisíaco, e provavelmente não foi com uma maçã, mas com uma tâmara, que foi tentado o nosso guloso primeiro antepassado.

– É bem possível! – acrescentou o cabo, que estava sempre pronto a inclinar-se perante a autoridade do sargento.

– E não pense, Sr. François – continuou este –, que sou o único a ter esta opinião sobre as tâmaras do Djerid, e em particular sobre as do oásis de Tozeur! Pergunte ao capitão Hardigan e ao tenente Villette, que são especialistas na matéria! E já agora ao Vai-Avante e ao Ás-de-Trunfo.

– Como – retorquiu o Sr. François, com uma expressão de surpresa estampada no rosto –, como assim o seu cão e o seu cavalo?

– São doidos por elas, senhor François. Ainda faltavam três quilômetros para chegarmos e já as narinas de um e o nariz do outro absorviam o aroma das tamareiras. Sim, a partir de amanhã vão regalar-se os dois.

– Bem, senhor sargento – respondeu François –, se estiver de acordo, o cabo e eu próprio ficaremos encantados de fazer as honras a umas dúzias destes estimáveis produtos do Djerid!

E o sargento certamente que não exagerava. Em toda esta região, e em particular nas imediações de Tozeur, as tâmaras são de qualidade superior e, no oásis, contam-se

mais de duzentas mil palmeiras, que produzem para cima de oito milhões de quilos de tâmaras. É a grande riqueza desta zona; é isso que atrai inúmeras caravanas, que, depois de terem trazido lã, goma, cevada e trigo, levam milhares de sacos do precioso fruto.

Compreende-se assim que as populações destes oásis tenham ficado verdadeiramente apreensivas com a criação de um mar interior. Com efeito, afirmavam que, em virtude da humidade provocada pela inundação dos chotts, as tâmaras perderiam as suas excelentes qualidades. É a secura do ar do Djerid que lhes permite ocupar o primeiro lugar entre estes frutos, que constituem o principal alimento das tribos, e conservar-se indefinidamente, por assim dizer. Se o clima se alterasse, deixariam de ser mais apreciadas do que as que se colhem na vizinhança do golfo de Gabes ou junto ao Mediterrâneo.

Será que estes receios se justificavam? Como sabemos, as opiniões a este respeito dividiam-se. Mas o que é certo é que os nativos da baixa Argélia e da baixa Tunísia protestavam e indignavam-se contra a criação do Mar Saariano, antevendo os prejuízos irreparáveis que o projeto Roudaire iria acarretar.

De igual modo, para proteger a região contra a invasão progressiva das areias, tinha-se organizado nessa época um embrião de serviço florestal, que posteriormente se desenvolvera bastante, como demonstravam as inúmeras plantações de pinheiros e de eucaliptos e a construção de barreiras, semelhantes às que se vêem no departamento francês das Landes. Mas, embora os meios de contrariar o progresso da invasão sejam conhecidos e aplicados, é necessário que o

trabalho árduo seja ininterrupto, pois de outro modo não seria preciso muito tempo para que as areias ultrapassassem os obstáculos e retomassem a ação destruidora, devorando tudo à sua passagem.

Os viajantes encontravam-se então em pleno coração do Djerid tunisino, cujas principais cidades e povoados são Gafsa, Tameghza, Medas, Chebika, Nefzaoua e Tozeur. Esta última cidade, à qual é preciso associar os grandes oásis de Nefta, de Oudiane e de La Hammâ, constituía como que um centro onde a expedição podia verificar o estado dos trabalhos da Companhia Franco-estrangeira, tão bruscamente interrompidos por dificuldades financeiras que a breve prazo se revelaram insuperáveis.

Tozeur tem cerca de dez mil habitantes e perto de mil hectares de terra cultivada. A indústria limita-se ao fabrico de albornozes, cobertores e tapetes. Mas, como já dissemos, as caravanas afluem à cidade e exportam-se milhões de quilogramas de frutos da palmeira-tamareira. Pode parecer surpreendente, mas a instrução é relativamente valorizada nesta longínqua povoação do Djerid. As crianças, que são perto de seiscentas, frequentam dezoito escolas e onze zaouias. Além disso, existem no oásis numerosas ordens religiosas.

Tozeur não suscitava particularmente a curiosidade do Sr. de Schaller no plano puramente florestal ou em virtude dos seus belos oásis; o que o interessava era o canal que passava a alguns quilômetros de distância, dirigindo-se para Nefta. Em contrapartida, era a primeira vez que o capitão Hardigan e o tenente Villette visitavam a cidade. O dia que aí pasSaaram teria contentado o mais curioso dos turistas. Certas praças e ruas, ladeadas

de casas em que os tijolos de cores se dispõem em desenhos de uma originalidade surpreendente, são particularmente encantadoras. É isto que deve atrair o olhar dos artistas, mais do que os vestígios da ocupação romana, que, em Tozeur, são pouco importantes.

No dia seguinte, desde manhã cedo que os suboficiais e os soldados tinham autorização do capitão Hardigan para passearem à vontade pelos oásis, desde que toda a gente estivesse presente nas chamadas do meio-dia e do final da tarde. Além disso, ninguém devia afastar-se mais do que o faziam os soldados do posto militar instalado na povoação, comandado por um oficial superior. Mais do que nunca, era preciso ter em conta a grande excitação que o recomeço das obras e a inundação próxima dos chotts provocariam entre as tribos sedentárias ou nômades do Djerid.

É claro que o sargento Nicol e o cabo Pistache passeavam juntos desde a madrugada. O Vai-Avante ficara no estábulo, onde tinha forragem à vontade, mas o Ás-de-Trunfo saltitava ao lado deles, e certamente que não deixaria depois de comunicar as suas impressões de cão, curioso e farejador, ao seu grande amigo cavalo.

Foi precisamente no mercado de Tozeur que o engenheiro, os oficiais e os soldados tiveram ocasião de se encontrar mais vezes durante este dia. É para o Dar-el-Bey que afluí principalmente a população.

Neste souk, os vendedores abrigam-se em tendas, armadas com uma esteira ou um tecido fino apoiado sobre ramos de palmeira. Diante das tendas expõem-se as mercadorias, que foram trazidas no dorso de camelos de oásis em oásis.

O sargento e o cabo tiveram ali uma ocasião, que, para dizer a verdade, se apresentava com frequência, para ingerir alguns copos de vinho de palmeira, uma bebida nativa conhecida pelo nome de “lagmi”. Esta obtém-se da palmeira, cortando a cabeça da árvore, que, com a decapitação, morre inevitavelmente, ou efetuando apenas incisões no tronco que não deixam escapar a seiva em quantidade suscetível de provocar a sua morte.

– Pistache – recomendou o sargento ao seu subordinado —, sabes muito bem que não se deve abusar das coisas boas! E este lagmi engana muito.

– Oh, sargento, menos que o vinho de tâmaras! – respondeu o cabo, que possuía, a este respeito, ideias muito precisas.

– Menos, sem dúvida, nisso estou de acordo – continuou Nicol —, mas é preciso estarmos precavidos, pois ele ataca tanto as pernas como a cabeça!

– Esteja descansado, sargento, e, olhe, vêm ali uns árabes que seriam um mau exemplo para os nossos homens!

Com efeito, dois ou três nativas, com umas bebidas a mais, cambaleando à esquerda e à direita, passavam pelo souk, num estado de embriaguez indecoroso, sobretudo para árabes, o que fez o cabo comentar, muito justamente: – Pensava que o Maomé deles tinha proibido a todos os seus fiéis de se embebedarem.

– É verdade, Pistache – respondeu o sargento —, com todos os vinhos, quaisquer que eles sejam, menos este lagmi! Aparentemente, o Alcorão faz uma exceção para este produto do Djerid.

– Estou a ver que os árabes aproveitam isso bem! – replicou o cabo.

Parece que o lagmi não figura na lista de bebidas fermentadas proibidas aos filhos do profeta.

É certo que a palmeira é, por excelência, a árvore da região, mas o solo do oásis é de uma fertilidade maravilhosa, e os jardins embelezam-se ou enriquecem-se com os produtos vegetais mais variados. O wadi Berkouk passeia as suas águas vivificantes pelos campos vizinhos, quer através do seu leito principal, quer por uma multiplicidade de pequenos cursos de água que dele derivam. Não podemos deixar de nos extasiar com a imagem de uma grande palmeira que cobre uma oliveira de estatura média, que, por sua vez, cobre uma figueira, que abriga uma romãzeira, sob a qual serpenteia a vinha, cujos sarmentos se insinuam entre as filas de trigo, de legumes e de plantas hortícolas.

Correspondendo a um convite do comandante do posto, o Sr. de Schaller, o capitão Hardigan e o tenente Villette deslocaram-se à noite à grande sala da casbá. A conversa incidiu naturalmente no estado atual das obras, na próxima inauguração do canal e nas vantagens que adviriam para a região da inundação dos chotts tunisinos. A este propósito, o comandante referiu o seguinte:

– Não há dúvida nenhuma de que os nativos se recusam a reconhecer que o Djerid vá beneficiar muito com o Mar Saariano. Tive ocasião de falar com os chefes árabes. Com poucas exceções, mostram-se hostis ao projeto, e não consegui convencê-los! O que eles temem é uma alteração do clima, o que iria prejudicar os produtos dos oásis e principalmente as plantações de palmeiras. No entanto, tudo demonstra o contrário. Os especialistas mais autorizados estão absolutamente

certos a este respeito: o que o canal trará a esta região com as águas do mar é a riqueza. Mas estes nativos são teimosos e não querem render-se à evidência!

O capitão Hardigan perguntou então: – Essa oposição não vem mais dos nômades do que dos sedentários?

– Certamente – respondeu o comandante —, pois a vida destes nômades não poderá continuar a ser o que era até agora. Entre todos eles, os tuaregues distinguem-se pela sua violência, e isto percebe-se. O número e a importância das caravanas vão diminuir. Deixa de haver cáfilas para conduzir nos caminhos do Djerid, ou para pilhar, como ainda hoje acontece! Todo o comércio se passará a efetuar através dos barcos do novo mar; a menos que os tuaregues mudem de profissão e, em vez de ladrões, passem a ser piratas. Mas, nesse caso, dominá-los-íamos rapidamente. Não é pois de espantar que aproveitem todas as ocasiões para doutrinar as tribos sedentárias, fazendo-as perspectivar um futuro de ruína com o abandono do modo de vida dos seus antepassados. Não nos deparamos apenas com hostilidade, mas com uma espécie de fanatismo irracional.

“Tudo isto, ainda num estado quase latente, em virtude do fatalismo muçulmano, pode, num futuro indeterminado, mas breve, explodir na forma de uma efervescência violenta. É claro que esta gente não compreende as consequências de um Mar Saariano, do mesmo modo que não compreende os processos utilizados para a condução da água. Vêem nisso apenas uma obra de feiticeiros suscetível de provocar um cataclismo pavoroso.

O comandante não estava a dizer nada de novo aos seus convidados. O capitão Hardigan não ignorava que a expedição iria ter um mau acolhimento da parte das tribos do Djerid. Mas a questão era saber se a efervescência dos espíritos era de molde a fazer reear para breve uma revolta dos habitantes da região do Rharsa e do Melrir.

– Tudo o que posso responder a esse respeito – declarou o comandante – é que os tuaregues e outros nômades, à parte alguns ataques isolados, até agora nunca ameaçaram seriamente o canal. Tanto quanto sabemos, muitos deles atribuíam estas obras à inspiração de Cheytân, o diabo muçulmano, e esperavam que um poder superior ao seu viesse pôr as coisas na ordem. Aliás, como conhecer as ideias precisas de gente tão dissimulada?

Talvez aguardem que os trabalhos sejam retomados e que os operários contratados pela Sociedade nova regressem para procurarem efetuar pilhagens mais frutuosas ou tentarem um ataque!

– E que espécie de ataque? – perguntou o Sr. de Schaller.

– Poderiam reunir vários milhares de homens e obstruir o canal numa parte do seu curso, lançar sobre ele a areia das margens e impedir num dado ponto, à força de braços, a passagem das águas do golfo.

E o Sr. de Schaller respondeu: – Teriam mais dificuldade em tapá-lo do que os nossos antecessores tiveram em escavá-lo, e, bem vistas as coisas, não conseguiriam fazê-lo numa medida significativa.

– Em todo o caso, não lhes faltaria tempo! – observou o comandante. – Segundo parece, vai ser precisa uma

dezena de anos para encher os chotts.

– Não, comandante, não – afirmou o engenheiro. – Já dei a minha opinião a esse respeito, e esta não assenta em dados falsos, mas sim em cálculos exatos. Com a ajuda de um grande trabalho pela mão do homem e, sobretudo, com o concurso de poderosas máquinas como as que possuímos hoje em dia, não são dez anos, nem mesmo cinco anos, os necessários para a inundação do Rharsa e do Melrir. As águas irão simultaneamente alargar e aprofundar o leito que lhes foi aberto. Quem sabe mesmo se Tozeur, embora à distância de alguns quilômetros do chott, não será um dia porto de mar, ficando ligado a La Hammâ, no Rharsa? Aliás, é isso que explica a necessidade de certos trabalhos de defesa sobre os quais me tive de debruçar, do mesmo modo que sobre os anteprojetos de portos, a norte como a sul, que são um dos objetivos importantes desta viagem.

Dado o espírito metódico e sério do Sr. de Schaller, havia razões para acreditar que não se deixava embalar por esperanças quiméricas.

O capitão Hardigan fez então algumas perguntas relativas ao chefe tuaregue que se evadira do bordj de Gabes.

Fora assinalada a sua presença nas imediações do oásis? Havia notícias da tribo à qual pertencia? Os nativos do Djerid sabiam já que Hadjar tinha recuperado a liberdade? Não havia motivos para temer que procurasse incitar os árabes a sublevarem-se contra o projeto do Mar Saariano?

– Quanto a isso – respondeu o oficial que comandava o forte —, não vos posso dizer nada de preciso; que a notícia da evasão de Hadjar é conhecida no oásis, não há

dúvida nenhuma, e provocou tanto alvoroço como a sua captura, na qual participou, capitão. Embora ninguém me tenha referido que este chefe tenha sido visto na vizinhança de Tozeur, soube que um bando de tuaregues se dirigia para a parte do canal que une o chott Rharsa com o chott Melrir.

– Tem razões para acreditar na veracidade dessa notícia? – perguntou o capitão Hardigan.

– Sim, capitão, porque a obtive de um desses indivíduos que ficaram na região onde trabalharam e que se dizem, ou acreditam ser, vigilantes ou guardas da obra, esperando com isso, certamente, adquirir alguns direitos à boa vontade da administração.

– Obras que estão praticamente acabadas – acrescentou o Sr. de Schaller —, mas que têm de ser vigiadas de forma bastante activa. Se os tuaregues pretenderem efetuar qualquer atentado contra o canal, é justamente neste ponto que irão atacar.

– E por quê? – perguntou o comandante.

– Porque a inundação do Rharsa os incomoda menos do que a inundação do Melrir. O primeiro chott não encerra nenhum oásis com algum valor, mas o mesmo não se passa com o segundo, onde oásis muito importantes estão destinados a desaparecer sob as águas do novo mar. É pois de prever que estes ataques surjam, precisamente contra o segundo canal, que põe em comunicação os dois chotts. Deste modo, é necessário tomar algumas medidas militares na previsão de possíveis agressões.

– Seja como for – disse então o tenente Villette —, o nosso pequeno destacamento terá de estar alerta, após ter percorrido o Rharsa.

– E estará – declarou o capitão Hardigan. – Prendemos uma primeira vez esse Hadjar, saberemos capturá-lo uma segunda, e guardá-lo melhor do que o fizeram em Gabes, enquanto um conselho de guerra não o eliminar de vez da região.

– Esperemos que sim, e o mais cedo possível – acrescentou o comandante —, pois Hadjar tem uma grande influência sobre as tribos nômades e seria capaz de amotinar todo o Djerid. De qualquer modo, uma das vantagens do novo mar será fazer desaparecer do Melrir alguns destes covis de malfeitores!

Mas não todos, dado que, neste chott tão vasto, segundo as medições geodésicas do capitão Roudaire, confluem diversas zonas, como o Hinguiz e o seu principal povoado, Zenfig, que não iriam ser cobertas pelas águas.

A distância que separa Tozeur de Nefta é aproximadamente de vinte e cinco quilômetros, e o engenheiro contava percorrê-la em dois dias, acampando na noite seguinte numa das margens do canal. Nesta seção, cujo traçado não coincidia com o de Roudaire, e que levava à transformação da região de Tozeur e de Nefta, para grande satisfação dos seus habitantes, numa espécie de península entre o Djerid e o Rharsa, o trabalho estava completamente terminado e, também aqui, tudo se encontrava em bom estado.

O destacamento deixou Tozeur na manhã do dia 1º de abril, com um tempo incerto, que, em latitudes menos elevadas, teria provocado fortes chuvadas. Mas, nesta parte da Tunísia, não havia razão para temer essa precipitação, e as nuvens, muito altas, temperavam o ardor do sol. Inicialmente, o caminho fez-se ao longo das

ribas do wadi Berkouk, atravessando vários braços de rio em pontes feitas com materiais provenientes de ruínas de monumentos antigos. Para oeste, estendiam-se planícies intermináveis, de um amarelo pardacento, onde seria vão procurar abrigo contra os raios solares, felizmente muito atenuados. Durante as duas etapas desta primeira jornada, apenas se encontrou, no meio desta terra arenosa, uma gramínea delgada de folhas longas a que os nativos dão o nome de driss, de que os camelos gostam muito, constituindo um recurso valioso para as cáfilas do Djerid.

Entre a alvorada e o pôr do sol, a marcha prosseguiu sem qualquer incidente, e a tranquilidade do acampamento não foi perturbada até ao amanhecer. Viram-se alguns bandos de árabes a grande distância da margem norte do canal, subindo em direção às montanhas do Aurès. Mas estes não inquietaram o capitão Hardigan, que não procurou comunicar com eles.

No dia seguinte, 2 de abril, a marcha para Nefta prosseguiu nas mesmas condições da véspera, com tempo encoberto e calor suportável. No entanto, com a aproximação do oásis, a região transformava-se pouco a pouco, e o solo tornava-se menos estéril. A planície ia ficando mais verde com os numerosos pés de alfa, entre os quais serpenteavam os pequenos wadis. As artemísias reapareciam também, e sebes de nopal projetavam-se sobre os planaltos, onde tapetes de flores azul-claras, cravos romanos e campainhas, encantavam o olhar. Depois começaram a aparecer tufo de árvores, oliveiras e figueiras, que se sucediam na borda dos cursos de água, e, por fim, surgiram no horizonte bosques de acácias do Egípto.

A fauna destas paragens quase se resumia aos antílopes, que fugiam em bandos, com tal velocidade que desapareciam em poucos instantes. O próprio Vai-Avante, pensasse o que pensasse o dono, não teria conseguido batê-los em corrida. Quanto ao Ás-de-Trunfo, contentava-se em ladrar raivosamente sempre que alguns macacos sem cauda, muito numerosos na região dos chotts, saltitavam entre as árvores. Podiam ver-se igualmente búfalos e argalis, que não valia a pena perseguir, pois o reabastecimento estava previsto para Nefta.

As feras mais comuns nesta parte do Djerid são os leões, cujos ataques são de temer. Mas, desde que tinham começado as obras do canal, haviam sido a pouco e pouco expulsos para a fronteira argelina, bem como para as regiões vizinhas do Melrir.

No entanto, embora não houvesse a recear um ataque das feras, foi com dificuldade que homens e animais conseguiram defender-se dos escorpiões e das serpentes sibilantes – a que os naturalistas dão o nome de najas – que pululavam nas imediações do Rharsa. De resto, a abundância de répteis é tal que certas regiões não são pura e simplesmente habitáveis; é o caso, entre outros, do Djerid Teldja, que teve de ser abandonado pelos árabes. À noite, no acampamento, perto de um bosque de tamarindos, o Sr. de Schaller e os seus companheiros só puderam descansar depois de terem tomado as precauções mais minuciosas. E supõe-se que o sargento tenha dormido com um olho aberto e outro fechado, enquanto o Vai-Avante dormiu com os dois fechados. É verdade que o Ás-de-Trunfo estava sempre alerta e teria dado sinal se ouvisse o menor rastejar

suspeito que representasse uma ameaça para o cavalo ou para o dono.

Em resumo, não se produziu qualquer incidente durante esta noite, e as tendas foram desarmadas logo de madrugada. A direção seguida pelo capitão Hardigan continuava a ser a do sudoeste, de que o canal não se afastava desde Tozeur. Ao quilômetro 207, o canal subia para norte e, a partir desta curva, o pequeno grupo acompanharia o meridiano ao deixar Nefta, onde chegou nesse mesmo dia à tarde.

Talvez o comprimento do canal pudesse ter sido reduzido numa quinzena de quilômetros se tivesse sido possível chegar ao Rharsa num ponto do seu limite oriental na direção de Tozeur. Mas as dificuldades de execução teriam sido grandes. Antes de atingir o chott deste lado, tornar-se-ia necessário escavar um solo excessivamente duro, em que predominava a rocha. Levaria certamente mais tempo e seria mais dispendioso do que em certas partes da soleira de Gabes, e uma cota de trinta e cinco metros acima do nível do mar obrigaria a um trabalho considerável. Foi por este motivo que, após um estudo aprofundado desta região, os engenheiros da Companhia Franco-estrangeira haviam desistido do primeiro traçado para adotar outro que tinha início no quilômetro 207 a oeste de Nefta. A partir deste ponto seguia para norte.

Esta terceira e última seção do primeiro canal fora em grande parte completada, aproveitando as numerosas depressões, e atingia o Rharsa no fundo de uma espécie de pequena enseada que se encontrava a uma das cotas mais baixas deste chott, quase ao meio da sua orla meridional.

A intenção do Sr. de Schaller, em consonância com o capitão Hardigan, não era parar em Nefta dois dias. Bastava-lhes passar aí as últimas horas da tarde e a noite do dia seguinte para repousar e reabastecer o destacamento. Aliás, homens e cavalos não ficaram cansados durante este percurso de cento e noventa quilômetros em linha recta, efetuado desde Gabes, entre 17 de março e 3 de abril. Ser-lhes-ia mesmo fácil percorrer no dia seguinte a distância que os separava ainda do chott de Rharsa onde o engenheiro fazia questão de chegar na data precisa que fixara.

O oásis de Nefta, do ponto de vista da região, da natureza do solo e das produções vegetais, não difere significativamente do oásis de Tozeur. O mesmo amontoamento de casas no meio das árvores, a mesma disposição da casbá, a mesma ocupação militar. Mas o oásis está menos povoado, não contando então mais de oito mil habitantes.

Franceses e nativas acolheram muito bem o destacamento do capitão Hardigan e apresaram-se a alojá-lo o melhor possível. Havia nisto algumas razões de interesse pessoal, o que não nos deveria surpreender, tendo em conta o novo traçado. O comércio de Nefta ia beneficiar largamente com a passagem do canal nas proximidades do oásis. Todo o movimento que teria perdido se, a seguir a Tozeur, ele se dirigisse para o chott, regressaria ao oásis. Era quase como se Nefta estivesse em vésperas de se tornar uma cidade ribeirinha do novo mar. Assim, os habitantes não pouparam felicitações ao engenheiro da Sociedade Francesa do Mar Saariano.

No entanto, apesar das insistências no sentido de reter a expedição, nem que fosse por vinte e quatro horas, manteve-se a partida para o dia seguinte ao nascer do sol.

O capitão Hardigan continuava inquieto, pois recebera informações da inflamação dos espíritos que grassava entre os nativos na zona do Melrir, no qual ia desaguar o segundo canal, e estava ansioso de chegar ao fim desta parte da viagem de exploração. Ainda o sol não tinha feito a sua aparição acima do horizonte quando, com os homens reunidos e os cavalos e carros prontos, foi dado o sinal de partida. Os cerca de doze quilômetros que mede o canal desde Nefta até à curva seriam percorridos na primeira etapa, e a distância da curva ao Rharsa na segunda.

Não ocorreu nenhum incidente de percurso, e eram cerca das seis da tarde quando o capitão Hardigan fez alto ao fundo da enseada onde o canal, completamente terminado, desembocava no chott.

## VIII

### O CHOTT RHARSA

O acampamento foi montado, nessa noite de 4 para 5 de abril, no sopé das dunas, que apresentavam um relevo pronunciado e que guarneciam o fundo da pequena enseada. O local não continha nenhum abrigo. As últimas árvores desta região desolada tinham sido ultrapassadas pelo pequeno destacamento a três ou quatro quilômetros dali, entre Nefta e o chott. Estava-se no deserto arenoso onde apenas se esboçavam alguns resquícios de vegetação; era o Saara em toda a sua aridez.

As tendas foram armadas. Os carros, reabastecidos em Nefta, tinham o necessário para assegurar alimento durante alguns dias para homens e cavalos. De resto, contornando o Rharsa, o engenheiro deter-se-ia nos oásis, bastante numerosos nos bordos deste chott, onde encontrariam em abundância forragem fresca, que inutilmente haviam procurado no seu interior.

Era isso que o Sr. de Schaller explicava ao capitão Hardigan e ao tenente Villette, reunidos numa tenda, antes de começarem a refeição que o Sr. François se preparava para lhes servir. Um mapa do Rharsa, estendido em cima da mesa, permitia reconhecer a sua configuração. Este chott, cujo limite meridional dista pouco do paralelo trinta e quatro, estende-se para norte através da região que confina com as montanhas de Aurès, nas proximidades do povoado de Chebika. A sua

maior dimensão, medida precisamente sobre esta latitude de trinta e quatro graus, atinge os sessenta quilômetros, mas a área submersível cobre apenas mil e trezentos quilômetros quadrados, ou seja, como diz o engenheiro, entre três e quatro mil vezes a extensão do Champ de Mars, em Paris.

– É verdade – observou o tenente Villette —, o que é enorme para um Champ de Mars, parece bem medíocre para um mar.

– Sem dúvida, tenente – respondeu o Sr. de Schaller —, mas se somar a isso a área do Melrir, ou seja, seis mil quilômetros quadrados, vamos ter setecentos e vinte mil hectares para o Mar Saariano. E, por outro lado, é muito possível que, com o tempo, e por ação de um trabalho neptuniano, ele acabe por abarcar as sebkha Djerid e Fedjedj.

– Estou a ver, meu caro amigo – continuou o capitão Hardigan —, que continua a admitir essa possibilidade. Será que o futuro a reserva?

– Quem é capaz de prever o futuro? – respondeu o Sr. de Schaller. – O nosso planeta, não há dúvida, viu coisas mais extraordinárias, e não vos escondo que esta ideia, sem me obcecar, por vezes me absorve. Já deve ter ouvido falar num continente desaparecido que se chama Atlântida. Pois bem! Não é um Mar Saariano que hoje o cobre, mas o próprio Oceano Atlântico, e em latitudes perfeitamente determinadas. E não faltam exemplos deste tipo de cataclismos, embora, verdade seja dita, em proporções menores. Veja o que se passou na Insulíndia no século xix, quando houve a terrível erupção do Cracatoa; por que razão aquilo que se produziu ontem não se poderá repetir amanhã?

– O futuro é a grande caixinha de surpresas da humanidade – respondeu, a rir, o tenente Villette.

– Tem razão, meu caro tenente – afirmou o engenheiro —, e quando estiver vazia...

– O mundo acabará – concluiu o capitão Hardigan. Depois, pousando um dedo sobre o mapa, no ponto onde desaguava o primeiro canal, com o comprimento de duzentos e vinte e sete quilômetros: – Não devia ser construído um porto neste local?

– Exatamente aí, nas margens desta enseada – respondeu o Sr. de Schaller —, e tudo indica que virá a ser um dos mais frequentados do Mar Saariano. Estão estudados os planos, e certamente que serão edificados casas e armazéns, entrepostos e um bordj quando o Rharsa se tornar navegável. Aliás, na extremidade oriental do chott, o povoado de La Hammâ transformava-se já na previsão da importância marítima e comercial que esperava adquirir de acordo com o primeiro traçado, e que provavelmente lhe irá assegurar, apesar da alteração, a posição de porto avançado de Gafsa.

Para este povoado em pleno coração do Djerid, cuja localização o engenheiro apontava no mapa, na extremidade do Rharsa, tornar-se um porto comercial era um sonho que no passado teria parecido irrealizável. E, no entanto, o génio do homem ia concretizá-lo. Ele só teria uma coisa a lamentar: que o primeiro canal não pudesse ir desaguar à sua porta. Mas são conhecidas as razões que levaram os engenheiros a optar por chegar ao chott no fundo da enseada, que se chamava agora angra Roudaire, nome que seria depois dado ao novo porto, sem dúvida o mais importante do Mar Saariano.

O capitão Hardigan perguntou então ao Sr. de Schaller se tinha a intenção de levar a expedição a atravessar todo o Rharsa.

– Não – respondeu o engenheiro. – São as margens do chott que quero observar; espero encontrar aí talvez um material de construção precioso que nos possa ser de grande utilidade, quer aqui, quer noutros lados, pois está junto da obra, ainda que seja certamente de qualidade inferior ao material moderno, mas esse teríamos de o mandar vir.

– As caravanas não preferiam atravessar o chott? – quis saber o tenente Villette.

– E ainda o fazem, meu caro tenente, embora seja um caminho bastante perigoso sobre um solo pouco firme; mas é mais curto e mesmo menos penoso do que seguir ao longo das ribas juncadas de dunas. Mas é por aqui mesmo que iremos na direção oeste até ao ponto onde começa o segundo canal. Depois, na volta, após termos identificado os limites do Melrir, poderemos acompanhar a orla setentrional do Rahrsa e chegar a Gabes mais rapidamente do que viemos.

Era este o plano adotado, e, quando completasse o reconhecimento dos dois canais, o engenheiro teria contornado todo o perímetro do novo mar. No dia seguinte, o Sr. de Schaller e os dois oficiais colocaram-se à cabeça do destacamento. O Ás-de-Trunfo avançava saltitando e fazia esvoaçar os bandos de estorninhos que fugiam com um frufu abafado de asas. O grupo seguia o sopé interior das altas dunas que formavam o contorno do chott. Os receios de que o lençol líquido pudesse se estender deste lado, de forma a ultrapassar as bordas da depressão, eram infundados. As suas margens elevadas,

aproximadamente semelhantes ao cordão dunar da soleira de Gabes, não eram suscetíveis de ceder à pressão das águas, existindo uma segurança absoluta no que se refere a esta parte meridional do Djerid.

O acampamento foi levantado às primeiras horas do dia. A coluna reconstituiu-se na ordem habitual. A marcha quotidiana não devia sofrer qualquer alteração e manteria a sua média de doze a quinze quilômetros em duas etapas.

O que o Sr. de Schaller pretendia fundamentalmente era observar as margens que iriam conter as águas do novo mar e averiguar se não havia o perigo destas galgarem as bordas, inundando as regiões vizinhas. Assim, o pequeno destacamento acompanhava o sopé das dunas arenosas que se sucediam ao longo do chott, caminhando para oeste. Aliás, deste ponto de vista, parecia que o homem não tivera de alterar a obra da natureza. Quer o Rharsa tivesse sido ou não um lago em tempos recuados, estava preparado para o ser, e as águas do golfo de Gabes, que lhe chegariam através do primeiro canal, ficariam estritamente encerradas dentro dos limites previstos.

Entretanto, pelo caminho, era possível observar a depressão numa vasta área. Sob os raios de sol, a superfície desta bacia do Rharsa cintilava como se fosse revestida de uma folha de prata, de cristal ou de cânfora. Os olhos não conseguiam aguentar o brilho que dela emanava e era preciso protegê-los com vidros fumados para evitar as oftalmias, tão frequentes sob a luz argêntea do Saara. Por esta razão, os oficiais e os seus homens tinham-se prevenido. O sargento Nicol chegara mesmo a comprar umas cangalhas grossas para o seu

cavalo. Mas isso de usar óculos não parecia ficar muito bem ao Vai-Avante. Era um pouco ridículo, e o Ás-de-Trunfo já não era capaz de reconhecer o focinho do seu camarada atrás daquele aparelho óptico. Assim, nem o Vai-Avante, nem os outros cavalos estavam equipados com estas protecções, indispensáveis aos donos.

De resto, o chott apresentava todo o aspecto dos lagos salgados que secam no Verão por efeito dos calores tropicais. Mas uma parte da camada líquida vai-se infiltrar nas areias e rejeita os gases nela dissolvidos, pelo que o solo fica eriçado de intumescências, adquirindo a aparência de um terreno pejado de buracos de toupeiras; quanto ao fundo do chott, o engenheiro explicou aos dois oficiais que este se compunha de areia vermelha quartzosa misturada com sulfato e carbonato de cálcio. Esta camada estava coberta de depósitos de sulfato de sódio e de cloreto de sódio, formando uma verdadeira crosta de sal. Aliás, o terreno pliocénico onde se encontram os chotts e as sebkha fornece gesso e sal em abundância.

Deve notar-se que, nesta época do ano, o Rharsa não estava esvaziado de todas as águas que os wadis lhe fornecem durante o Inverno. Por vezes os cavalos afastavam-se dos ghourd, ou seja, das dunas envoltas, e detinham-se na borda de cavidades repletas de um líquido estagnado.

De longe, pareceu ao capitão Hardigan que um destacamento de cavaleiros árabes ainda andava para cá e para lá naquelas terras baixas e desérticas do chott; porém, com a aproximação dos seus homens, todo o grupo se pôs rapidamente em fuga, não a galope, mas a adejar.

Tratava-se simplesmente de um bando de flamingos azuis e cor-de-rosa, cuja plumagem fazia lembrar as cores de um uniforme, e voavam tão depressa que o Ás-de-Trunfo, embora tentasse persegui-los, não conseguia alcançar estes magníficos representantes da família das aves pernaltas. Mas, com as suas correrias, fazia miríades de aves deslumbrantes levantarem voo, e os gritos agudos que lançavam os boa-habibis, esses pardais ensurdecedores do Djerid, ressoavam no espaço.

No entanto, seguindo os contornos do Rharsa, o destacamento encontraria facilmente lugares para acampar, ao contrário do que sucederia no centro da depressão. Era esta a razão por que este chott era quase completamente inundável, ao passo que certas zonas do Melrir, dado terem uma cota positiva, continuariam emersas mesmo depois da introdução das águas mediterrâneas. Avançava assim de oásis em oásis mais ou menos habitados, destinados a tornarem-se marsâ, ou seja, portos ou enseadas do novo mar. São designados por toua em língua berbere, e nestes oásis o solo retoma toda a sua fertilidade, reaparecem em grande número as árvores, palmeiras e outras, e os pastos abundam, de tal maneira que o Vai-Avante e os seus camaradas não tinham que se queixar da escassez das forragens. Mas, uma vez ultrapassados estes oásis, o solo voltava a assumir a sua aridez natural. Aos mourdj cobertos de erva, sucedia-se o reg, um solo plano constituído por gravilha e areia.

Apesar de tudo, é preciso dizer que o reconhecimento deste bordo meridional do Rharsa se efetuou sem grande esforço. É verdade que, quando nenhuma nuvem mitigava os ardores do sol, no sopé destas dunas os

homens e os cavalos eram duramente expostos aos rigores do calor. Mas os oficiais argelinos e os spahis já estão habituados a climas escaldantes, e, no que diz respeito ao Sr. de Schaller, este é também um africano bronzeado pelo sol e pelas explorações, e foi precisamente esta circunstância que determinou que tivesse sido designado para assumir a direção das obras definitivas do Mar Saariano.

Os perigos só podiam provir da travessia dos hofra do chott, que são depressões mais pronunciadas e em que o solo é movediço e não proporciona qualquer apoio sólido; mas, no percurso seguido pela expedição, não era de recear que se enterrassem nas areias.

– É que estes perigos são muito sérios – repetia o engenheiro. – Durante a escavação do canal através das sebkha tunisinas, tivemos muitas ocasiões de o constatar.

– Com efeito – acrescentou o capitão Hardigan —, esta é uma das dificuldades já previstas por Roudaire para os levantamentos topográficos do Rharsa e do Melrir. Ele próprio conta que por vezes ficou enterrado até aos joelhos na areia salgada.

– E o que disse é verdade – afirmou o Sr. de Schaller. – Estas bacias estão cheias de buracos, a que os árabes dão o nome de “olhos de mar”, tão fundos que nenhuma sonda consegue medir a sua profundidade. Deste modo, são sempre de recear acidentes. Durante um reconhecimento do Sr. Roudaire, um dos cavaleiros e a respectiva montada foram engolidos num destes poços, e nem ligando umas às outras vinte varetas de espingarda se conseguiu tirá-los de lá.

– Portanto, tomemos as nossas precauções – recomendou o capitão Hardigan. – A prudência nunca é demais. Os meus homens estão proibidos de se afastar das dunas, a menos que tenhamos verificado o estado do solo. Só tenho medo que este diabo do Ás-de-Trunfo, que corre, é caso para dizer, a torto e a direito através da sebkha, desapareça de um momento para o outro. Nicol não tem mão nele.

– Se acontecesse uma infelicidade dessas ao cão – declarou o tenente Villette –, ele teria um grande desgosto!

– E tenho a certeza que o Vai-Avante morreria de tristeza! – acrescentou o capitão.

– É de fato uma amizade fora do comum que une estes dois bravos animais – observou o engenheiro.

– Absolutamente fora do comum – corroborou o tenente Villette. – Pelo menos Orestes e Pílates, Niso e Euríalo, Dámon e Pítio, Aquiles e Pátroclo, Alexandre e Eféstio, Hércules e Pirítoos eram da mesma raça, enquanto um cavalo e um cão...

– E um homem, pode também acrescentar, tenente – concluiu o capitão Hardigan. – Nicol, o Vai-Avante e o Ás-de-Trunfo formam um grupo de amigos inseparáveis, no qual o homem representa um terço e os animais dois!

O que o engenheiro dissera sobre os perigos do solo movediço dos chotts não tinha nada de exagerado. E no entanto as caravanas preferiam passar pela região do Melrir, do Rharsa e do Fedjedj. Esta rota abreviava o caminho e os viajantes beneficiavam de um percurso mais fácil em terreno plano. Mas elas só o faziam com o auxílio de guias que conheciam perfeitamente estas

zonas lacustres do Djerid e sabiam evitar os perigosos poços de areias movediças.

Desde a sua partida de Gabes, o destacamento não tinha ainda encontrado nenhuma das cáfilas que transportam as mercadorias, os produtos da terra, ou os produtos manufaturados, desde Biskra até ao litoral do Sirte Menor, e cuja passagem é sempre esperada com impaciência em Nefta, Gafsa, Tozeur, La Hammâ e em todas as cidades e aldeias da baixa Tunísia. Mas, durante a jornada de 9 de Abril, à tarde, houve um contato com uma dessas caravanas, vejamos em que circunstâncias.

Eram cerca das três horas. Após a primeira etapa do dia, o capitão Hardigan e os seus homens haviam retomado a marcha debaixo de um sol escaldante. Dirigiam-se para a forte curvatura que forma a extremidade ocidental do perímetro do Rharsa, alguns quilômetros adiante. O caminho agora tornava-se mais íngreme; o relevo das dunas começava a ser muito pronunciado e não era certamente deste lado que o bordo do chott poderia alguma vez ser forçado pelas novas águas.

À medida que se ia subindo, alcançava-se com o olhar um sector mais extenso para norte e para oeste. A depressão cintilava sob os raios solares. Cada partícula deste terreno salgado transformava-se num ponto luminoso. Para o lado esquerdo, nascia o segundo canal que ligava o Rharsa ao Melrir.

O engenheiro e os dois oficiais haviam desmontado. A escolta seguia atrás levando os animais pelo freio.

Num momento em que todos tinham parado sobre um planalto da duna, o tenente Villette, estendendo a mão,

diz: – Parece-me que estou a ver um grupo em movimento ao fundo do chott.

– Pode ser um grupo de pessoas, ou uma manada – respondeu o capitão Hardigan.

– É difícil dizer, dada a distância – acrescentou o Sr. de Schaller.

O certo é que, a cerca de três ou quatro quilômetros, se elevava à superfície do Rharsa uma espessa nuvem de poeira. Talvez não passasse de um bando de ruminantes que se deslocava em direção ao norte do Djerid.

Além disso, o cão dava sinais inequívocos, senão de inquietude, pelo menos de atenção, e o sargento gritou-lhe:

– Então, Ás-de-Trunfo, faro aguçado e orelhas alerta! O que há lá ao fundo?

O animal ladrou com força. Tinha as patas hirtas e a cauda a abanar. Estava quase a lançar-se a correr através do chott.

– Devagar... devagar! – disse Nicol, retendo-o junto de si. O movimento que se produzia no meio deste turbilhão

tornava-se cada vez mais forte à medida que as espirais de poeira se aproximavam. Mas era difícil determinar a sua causa. Por mais agudo que fosse o seu olhar, nem o Sr. de Schaller, nem os oficiais, nem ninguém do destacamento poderia dizer se esta agitação provinha de uma caravana em marcha ou de uma manada em fuga de qualquer ameaça através desta parte do chott.

Dois ou três minutos depois, já não restava qualquer dúvida sobre essa questão. Da nuvem faiscavam clarões

e ouviam-se detonações cujo fumo se misturava com o turbilhão de poeira. Nesta altura, o Ás-de-Trunfo, que o dono não conseguiu deter, escapou-se-lhe a ladrar furiosamente.

– Tiros! – exclamou o tenente Villette.

– Deve ser uma caravana que se defende contra um ataque das feras – disse o engenheiro.

– Ou então contra assaltantes – continuou o tenente —, pois parece que há disparos de resposta.

– A cavalo! – ordenou o capitão Hardigan.

No instante seguinte, os spahis, contornando o bordo do Rharsa, dirigiam-se para o teatro da luta.

Talvez fosse uma imprudência, ou pelo menos arriscado, empenhar os poucos homens da escolta nesta situação cuja causa se desconhecia. Provavelmente um bando de malfeitores do Djerid, que podia ser numeroso. Mas o capitão Hardigan e o seu destacamento não estavam habituados a recuar perante o perigo. Se, como havia razões para supor, os tuaregues ou outros nômades da região estivessem a atacar uma cáfila, era dever de honra de um soldado acorrer em seu auxílio. Assim, todo o grupo, abandonando a orla das dunas, cavalgou à desfilada através do chott, precedido do cão, que Nicol já não procurava chamar.

A distância, como se disse, não parecia ser demais de três quilômetros, e dois terços dela foram percorridos em dez minutos. Os tiros continuavam, vindos da esquerda e da direita, no meio de espirais de fumo e poeira. No entanto, o sopro de uma brisa de sudeste, que se levantava, começava a dissipar o turbilhão.

O capitão Hardigan pôde então aperceber-se da natureza desta luta que se declarara com tanta violência.

Tratava-se de fato, como se viria rapidamente a saber, de uma caravana cuja progressão acabava de ser interrompida nesta parte do chott. Partira cinco dias antes do oásis de Zeribet, a norte do Melrir, e dirigia-se para Tozeur, de onde seguiria para Gabes. O pessoal era constituído por uma vintena de árabes, que conduzia uma centena de camelos de todos os tamanhos.

Caminhavam acelerando as etapas, os animais à frente, com os seus carregamentos de sacos de tâmaras, e os cameleiros atrás, repetindo o grito que um deles proferia com voz rouca para incitar os animais.

A caravana, cuja viagem até então decorrera em boas condições, chegara à extremidade oeste do Rharsa, que se preparava para atravessar em todo o seu comprimento, conduzida por um guia experiente. Por infelicidade, logo que abordou as primeiras encostas do reg, surgiu de repente de trás das dunas um grupo de seis dezenas de cavaleiros.

Era um bando de assaltantes capaz de vencer facilmente a resistência do pessoal da cáfila. Poriam os cameleiros em fuga, ou massacrá-los-iam se fosse preciso, apoderar-se-iam dos animais e do seu carregamento e levá-los-iam para qualquer oásis longínquo do Djerid. E certamente que essa agressão ficaria impune, como tantas outras, dada a impossibilidade de descobrir os seus autores.

Os elementos da caravana tentaram uma resistência que se afigurava vã. Armados de espingardas e pistolas, fizeram uso delas, mas os agressores, mais numerosos, começaram também a disparar, e a cáfila, ao fim de dez minutos de luta, acabou por dispersar, com os animais aterrorizados a fugir em todas as direções.

Era o que se passava um pouco antes do capitão Hardigan ter ouvido as detonações. Mas ao avistarem o pequeno destacamento, os assaltantes, apercebendo-se de que os cavaleiros vinham na sua direção, suspenderam o ataque.

Nesse momento, o capitão Hardigan gritou com voz forte: – Carregar!

As carabinas estavam prontas, passando rapidamente das costas dos spahis para as mãos e depois para os ombros destes, e todos caíram como um tornado sobre os bandidos.

Os carros foram deixados para trás à guarda dos condutores; logo se voltaria para junto deles quando a caravana estivesse salva.

Os assaltantes não esperaram o embate. Teriam sentido que não tinham a força, ou melhor, a coragem para enfrentar este pelotão, cujo fardamento era bem conhecido, que avançava audaciosamente ao seu encontro? Teriam obedecido a outro impulso, que não fosse o do medo? O fato é que, antes do capitão e os seus homens estarem ao seu alcance, já tinham fugido na direção do noroeste.

No entanto, foi dada a ordem de fogo, e soaram algumas dezenas de tiros que atingiram vários fugitivos, mas não com a gravidade suficiente para os fazer parar.

O sargento fez porém questão de constatar, com orgulho, que o Ás-de-Trunfo recebera o baptismo de fogo, pois viu-o sacudir a cabeça de um lado para o outro e concluiu que uma bala lhe tinha zumbido junto às orelhas.

O capitão Hardigan não considerou oportuno perseguir os assaltantes, que se haviam afastado o mais

depressa que os cavalos permitiram. Aliás, desapareceram rapidamente por trás de um tell, um outeiro arborizado, que se elevava no horizonte. Nesta região que conheciam bem, achariam certamente um esconderijo onde seria difícil descobri-los. Não iriam com certeza voltar, pelo que a caravana não tinha que recear um novo encontro com eles no seu trajeto para leste do Rharsa.

O socorro chegara a tempo; alguns minutos mais tarde e os camelos teriam caído nas mãos desses piratas do deserto.

O engenheiro ficou então a saber, da boca do chefe da cáfila, o que se passara e em que condições ele e os seus cameleiros haviam sido atacados.

– Sabe – perguntou o capitão Hardigan – a que tribo pertence este bando?

– O nosso guia afirma que são tuaregues – respondeu o chefe.

– Dizia-se – referiu o engenheiro – que os tuaregues foram abandonando a pouco e pouco os oásis do oeste e se deslocaram para o leste do Djerid.

– Oh! Enquanto houver caravanas que o atravessem, não deixará de haver assaltantes para as pilharem – observou o tenente Villette.

– Eventualidade que já não será de recear após a inundação dos chotts – declarou o Sr. de Schaller.

Foi a vez do capitão Hardigan perguntar ao chefe se na região se ouvira falar da evasão de Hadjar.

– Sim, capitão, já há alguns dias que corre esse rumor.

– Não sabe se ele foi visto nas imediações do Rharsa ou do Melrir?

– Não, capitão.

– E não era ele que chefiava este bando?

– Isso posso afirmar – replicou o guia —, pois conheço-o e tê-lo-ia reconhecido. Mas é bem possível que estes assaltantes sejam alguns dos que ele chefiava há tempos, e, sem o vosso auxílio, capitão, teríamos sido roubados e talvez mesmo massacrados até ao último homem!

– Mas – continuou o engenheiro —, não é arriscado prosseguir a viagem?

– Penso que não – respondeu o chefe. – Estes patifes terão certamente voltado para alguma aldeia do oeste, e nós, em três ou quatro dias, estaremos em Tozeur.

O chefe reuniu então toda a gente. Os camelos que se haviam dispersado voltaram aos seus lugares; a caravana reconstituiu-se, sem ter a lamentar nenhuma morte, apenas com alguns feridos, e mesmo assim de pouca gravidade, que podiam seguir caminho. Depois, após ter agradecido mais uma vez ao capitão Hardigan e aos seus companheiros, o chefe deu o sinal de partida. Toda a cáfila se pôs de novo em marcha.

Poucos minutos depois, homens e animais haviam já desaparecido na volta de um tarf, ponta arenosa que se estende para o interior do chott, e os gritos do chefe da cáfila, a dar pressa aos cameleiros, perdiam-se pouco a pouco na distância.

Quando o engenheiro e os dois oficiais se reuniram de novo, após esta investida, que podia ter acarretado sérias consequências, trocaram impressões e expressaram as suas preocupações, suscitadas por este incidente, e foi o Sr. de Schaller quem primeiro falou:

– Então o Hadjar reapareceu na região!

– Era de esperar – respondeu o capitão. – Resta desejar que se termine a inundação dos chotts o mais depressa possível! É o único meio de acabar com estes malfeitores do Djerid!

– Por infelicidade – observou o tenente Villette —, vão ser precisos alguns anos para que as águas do golfo encham completamente o Rharsa e o Melrir.

– Quem sabe? – proferiu o Sr. de Schaller.

Nessa noite, o acampamento não foi perturbado pelos tuaregues, que não reapareceram na zona.

Na tarde do dia seguinte, 10 de abril, o destacamento fez alto no local onde começava o segundo canal, que ligava os dois chotts.

# IX

## O SEGUNDO CANAL

O segundo canal, que ligava o Rharsa e o Melrir ao chott Djerid, tinha um comprimento três vezes menor do que o do primeiro. Por outro lado, enquanto o relevo do solo entre Gabes e o Rharsa apresentava cotas que iam de quarenta e seis até quinze metros, a diferença de nível entre os dois últimos chotts, na soleira de Asloudje, não ultrapassava os dez metros.

É importante notar que, para além do Rharsa e do Melrir, existiam depressões com alguns quilômetros de extensão, cuja principal era o chott de El Asloudje, que haviam sido aproveitadas para a abertura do canal.

Deste modo, a escavação do segundo canal tinha exigido menos tempo que a do primeiro, e apresentara igualmente menos dificuldades, razão pela qual só foi efetuada mais tarde. Como os trabalhos definitivos podiam recomeçar, tendo a província de Constantina como base de operações e de reabastecimento, fora decidido, antes da partida de Gabes, que o Sr. de Schaller iria até ao Melrir, no fim do segundo canal, onde encontraria um estaleiro, dirigido por um agente muito competente das Ponts et Chaussées\*. Os operários deste estaleiro viriam de comboio até Biskra e, depois, em caravana ao longo da Farfaria, estando previsto que se poriam em contato com ele logo que estivessem instalados no local.

*\*Serviço público francês para estradas, pontes e canais. (N. T.)*

Uma vez efetuado o reconhecimento das obras, o Sr. de Schaller teria apenas de seguir os contornos do chott para regressar ao ponto de partida e dar a sua inspeção por terminada.

Quando o destacamento atingiu o fim do Rharsa, o engenheiro ficou muito surpreendido por não encontrar neste local nenhum dos operários, árabes ou outros, enviados de Biskra pela Sociedade.

O que se teria passado? Isto não deixava de ser um pouco inquietante, sobretudo depois do ataque da caravana e do reaparecimento de Hadjar.

Teria havido alteração do programa, sem que o engenheiro tivesse podido ser prevenido a tempo, ou mudança de direção da obra decidida à última hora?

O Sr. de Schaller fazia estas conjecturas, quando o capitão Hardigan lhe perguntou:

– Os trabalhos desta seção não estavam terminados?

– Estavam sim – respondeu o engenheiro. – Segundo os relatórios conhecidos, a escavação das soleiras entre as partes inundáveis teve de ser prolongada, com o declive necessário, até ao Melrir, que se encontra inteiramente abaixo do nível do mar.

– Então porque ficou surpreendido com a ausência dos operários?

– Porque o diretor da obra devia ter enviado, já há alguns dias, vários homens à minha frente, e, por mais que pense, não vejo nenhuma razão para que se tenham demorado em Biskra ou no Melrir.

– Então como explicar que não estejam aqui?

– Não encontro explicação – confessou o engenheiro —, a menos que algum incidente os tenha retido no

estaleiro principal, que se encontra na outra extremidade do canal.

– Em breve saberemos – disse o capitão Hardigan.

– Seja como for, já fiquei aborrecido e, ao mesmo tempo, muito preocupado por não encontrar aqui as pessoas de que precisava e cuja ausência contraria os meus projetos.

– Enquanto montamos o acampamento – propôs o capitão Hardigan —, quer ir ver um pouco mais adiante?

– De bom grado – respondeu o Sr. de Schaller.

Foi imediatamente chamado o sargento, que recebeu ordem de montar o acampamento para pernoitarem ali, perto de um maciço de palmeiras à beira do canal. Protegido pelas árvores, havia um tapete de erva verdejante, e via-se correr um pequeno regato. Não faltavam água nem pasto, e, no que respeita a provisões frescas, estas seriam facilmente renovadas num oásis situado na orla do El Asludje.

Nicol cumpriu imediatamente as ordens do seu capitão, e os spahis efetuaram os procedimentos habituais nos acampamentos organizados nestas condições.

O Sr. de Schaller e os dois oficiais, aproveitando a última claridade do dia, seguiram pela riba norte, que contavam percorrer durante um quilómetro.

Esta digressão permitiu ao engenheiro reconhecer que a vala estava completamente terminada neste ponto e o conjunto das obras em tão bom estado como esperava. O fundo das valas entre os chotts proporcionava uma passagem fácil das águas que haveriam de vir do Rharsa, quando este as tivesse

recebido do golfo, e o declive estava conforme aos projetos dos engenheiros.

O Sr. de Schaller e os seus companheiros não prolongaram o passeio para além de um quilómetro. Aliás, tanto quanto a vista podia alcançar para o lado do El Asludje, esta porção de canal estava deserta. Assim, e uma vez que queriam voltar antes de cair a noite, o engenheiro, o capitão Hardigan e o tenente Villette tomaram o caminho de regresso ao acampamento.

Numa tenda, que já se encontrava armada, o Sr. François serviu-os com a sua correcção habitual. Tomaram-se as medidas necessárias para a guarda da noite, e só restava tentar dormir para retemperar as forças de que iriam precisar para as etapas do dia seguinte.

Porém, embora no decurso do seu passeio o Sr. de Schaller e os dois oficiais não tivessem avistado ninguém, e esta parte do segundo canal se lhes afigurasse deserta, a verdade é que não o estava. Era indubitável que a equipe não se encontrava lá, e o engenheiro não vislumbrou o mínimo sinal da presença recente de trabalhadores. Mas o pequeno grupo fora visto por dois homens agachados por detrás de tufo espessos de driss numa brecha das dunas.

Se o ás-de-Trunfo estivesse presente, teria certamente dado pelos dois homens. Mas estes tomaram todo o cuidado em não se mostrar. Observaram a menos de cinquenta passos o movimento dos três estrangeiros que caminhavam ao longo da riba. E viram-nos depois regressar pelo mesmo caminho. Foi apenas com as primeiras sombras do crepúsculo que se arriscaram a aproximar-se do acampamento.

É certo que nessa altura o Ás-de-Trunfo deu alguns sinais de alerta com um rosar abafado, mas o sargento acalmou-o, depois de ter dado uma olhadela pelo exterior do acampamento, e o cão voltou a deitar-se ao lado do dono.

De início, estes nativos pararam na orla do pequeno bosque. Às oito horas já fazia escuro, pois nesta latitude o crepúsculo é de curta duração. Não há dúvida de que tinham ambos a intenção de observar demais perto aquele destacamento estacionado à entrada do segundo canal. Que tinha vindo fazer, e quem o comandava?

Sabiam que esses cavaleiros pertenciam a um regimento de spahis, pois tinham visto os dois oficiais durante a sua digressão em companhia do engenheiro. Mas quantos homens compunham o destacamento e que material escoltava para o Melrir? Era precisamente isso que eles queriam saber.

Assim, atravésSaaram a orla do bosque, rastejaram entre as ervas, e foram avançando de árvore em árvore. No meio da escuridão, conseguiram distinguir as tendas armadas à entrada do bosque e os cavalos deitados na erva.

Foi nesse momento que as rosnadelas do cão os puseram de sobreaviso, e regresSaaram às dunas sem que ninguém tivesse suspeitado da sua presença no acampamento.

Quando já não receavam ser ouvidos, trocaram entre si o seguinte diálogo:

- Então, é ele, o tal capitão Hardigan?
- Sim! Aquele mesmo que prendeu Hadjar.
- E também o oficial que estava sob as suas ordens?
- E o tenente. Reconheci-os.

- Como eles certamente te teriam reconhecido a ti.
- E a ti, nunca te viram?
- Nunca.
- Ótimo! Talvez seja possível. Estamos perante uma ocasião que temos de aproveitar e que não voltaremos a encontrar.
- E se o capitão e o tenente caírem nas mãos de Hadjar...
- Não terão possibilidade de fugir, como Hadjar fugiu do bordj.
- Quando os vimos, eram apenas três – continuou um dos nativos.
- Sim, mas os que estão acampados não são muitos – respondeu o outro.
- Quem era o terceiro? Não é um oficial.
- Não, deve ser um engenheiro da companhia maldita! Certamente veio cá, com a sua escolta, visitar mais uma vez as obras do canal, antes de as águas começarem a correr. Dirigem-se para o Melrir, e quando chegarem ao chott, quando virem...
- Que já não o podem inundar – exclamou o mais violento dos dois homens —, e que o seu Mar Saariano nunca se fará, irão parar, não continuarão a marcha, e então uma centena de fiéis tuaregues...
- Mas como preveni-los, para que cheguem a tempo?
- O oásis de Zenfig fica apenas a umas vinte léguas, e se o destacamento parar no Melrir, e se conseguirmos retê-lo por uns dias...
- Não é impossível, sobretudo agora que deixarão de ter motivo para seguir em frente.
- E se ficarem lá à espera que as águas do golfo se espalhem pelo chott, podem cavar aí as suas sepulturas,

pois antes de elas chegarem já estarão todos mortos!  
Vem, Harrig, vem!

– Sigo-te, Sohar!

Estes homens eram os dois tuaregues que haviam tomado parte na evasão de Hadjar: Harrig, que tinha combinado o negócio com o mercanti de Gabes; e Sohar, o irmão do chefe tuaregue. Deixaram ambos o local e desapareceram rapidamente em direção ao Melrir.

No dia seguinte, uma hora depois do nascer do sol, o capitão Hardigan deu o sinal de partida. Os homens montaram nos cavalos, já devidamente arreados, e o pequeno grupo seguiu, na ordem do costume, pela riba norte do canal.

O Sr. François, impecavelmente escanhoado de fresco, ocupava o seu lugar habitual na frente da coluna, e, como o cabo Pistache, a cavalo, seguia perto dele, conversavam os dois disto e daquilo.

– Então, vai tudo bem, senhor François? – perguntou Pistache com o seu bom humor de sempre.

– Às mil maravilhas – respondeu o digno criado do Sr. de Schaller.

– Esta digressão não lhe causa demasiados aborrecimentos e canseiras?

– Não, cabo, isto é só um passeio através de uma região interessante.

– Este chott ficará muito diferente depois da inundaçãõ.

– Muito diferente, é verdade – respondeu o Sr. François com um tom circunspecto e doutoral.

Com efeito, aquele homem minucioso e metódico era incapaz de comer as palavras. Pelo contrário, saboreava-

as e chupava-as como faz um gastrónomo com uma pastilha de gosto requintado.

– E quando penso – continuou Pistache – que aqui mesmo, onde os nossos cavalos caminham, nadarão peixes e navegarão barcos.

– É verdade, cabo, peixes de todos os tipos, e marsuínos, golfinhos e tubarões.

– E baleias – acrescentou Pistache.

– Não, isso não acredito, cabo; não haverá certamente água suficiente para elas.

– Oh! Sr. François, segundo me disse o sargento, serão vinte metros de profundidade no Rharsa e vinte e cinco no Melrir!

– Não em todo o lado, cabo, e estes gigantes do mundo precisam de água para poderem fazer as suas brincadeiras e soprar à sua vontade!

– Sopram com força, Sr. François?

– Eram capazes de encher de ar os foles de um alto-forno ou os órgãos de todas as catedrais de França!

Podemos imaginar como o Sr. François ficou satisfeito com a sua resposta tão peremptória, que não deixou de espantar um pouco o bravo Pistache.

Depois, continuou, descrevendo com a mão o perímetro do novo mar:

– E vejo já este mar interior cruzado por vapores ou por veleiros, dedicando-se à grande e à pequena cabotagem, indo de porto em porto; e sabe qual é o meu mais profundo desejo, cabo?

– Diga, Sr. François.

– É o de estar a bordo do primeiro navio que cruzar as águas novas destes antigos chotts argelinos! E tenho esperança que o senhor engenheiro tenha reservado

uma passagem nesse barco, e que eu o acompanhe numa volta a este mar, criado pelas nossas próprias mãos.

Na realidade, o digno Sr. François não estava longe de acreditar que era de certo modo um colaborador do patrão nesta construção futura do Mar Saariano.

Em resumo – e foi com esse voto que o cabo Pistache terminou esta interessante conversa –, uma vez que a expedição tinha começado tão bem, era de esperar que terminasse da mesma maneira.

Mantendo sempre o mesmo ritmo – duas etapas por dia, de sete a oito quilômetros cada uma – o Sr. de Schaller contava atingir em breve a extremidade do segundo canal. Quando o destacamento chegasse à borda do Melrir, tomar-se-ia a decisão de o contornar, ou pela margem norte ou pela margem sul. Aliás, isso tinha pouca importância, pois o projeto do engenheiro incluía um reconhecimento de todo o seu perímetro.

A primeira parte do canal foi percorrida nesta etapa. Esta seção começava no Rharsa e ia até à pequena depressão conhecida pelo nome de El Asludje, situada entre dunas com alturas de sete a dez metros.

Mas, antes de chegar ao Melrir, havia que atravessar ou contornar uma certa quantidade de pequenos chotts que se distribuía em todas as direções e formavam uma linha quase contínua de depressões menos profundas, entre ribas pouco elevadas, e que as águas do Mediterrâneo iriam forçosamente submergir. Daí a necessidade de uma balizagem do canal através destes chotts, indicando o caminho aos barcos de todos os tipos que em breve fariam a sua aparição neste novo mar criado pela ciência e pela vontade dos homens. Foi o que

se fez, quando se construiu o canal de Suez, na travessia dos Lagos Amargos, onde a condução dos navios seria impossível sem estas indicações precisas.

Também aqui os trabalhos estavam avançados; a ação de potentes máquinas escavara valas profundas até ao Melrir. Podemos imaginar que outras grandes obras se poderiam tentar no futuro, caso fossem necessárias, com as máquinas atuais -dragas gigantescas, perfuradoras às quais nada podia resistir, transportadores de entulho que rolavam em vias férreas improvisadas —, enfim com todo este material formidável, com que o comandante Roudaire e os seus sucessores nem podiam ter sonhado, e que os inventores e construtores conceberam e criaram, durante os anos decorridos entre o começo da execução do projeto Roudaire, o projeto mais avançado da Companhia Franco-estrangeira, abandonado por esta, como se sabe, e a retomada do empreendimento pela Sociedade Francesa do Mar Saariano, sob a direção do Sr. de Schaller.

Tudo o que fora feito até agora encontrava-se em bastante bom estado, de acordo com as previsões que o engenheiro expusera de forma tão eloquente na sua conferência de Gabes, quando se referiu às qualidades essenciais de conservação deste clima africano, que parece respeitar as próprias ruínas enterradas sob as areias e exumadas há relativamente pouco tempo. Porém, em torno dos trabalhos de construção do canal, quase, ou mesmo completamente, terminados, imperava a mais completa solidão! Onde outrora reinava o movimento de uma multidão de operários, não havia agora nada para além do silêncio profundo dos espaços despovoados, e não se via um único ser humano. Só as

obras abandonadas atestavam que a actividade, a perseverança e a energia humanas haviam passado por ali, conferindo momentaneamente a estes ermos uma aparência de vida.

Foi pois na solidão que o Sr. de Schaller realizou esta inspeção, antes de levar a bom termo projetos novos, e, havia boas razões para o supor, definitivos. No entanto, esta solidão, neste preciso momento, era inquietante, e o engenheiro sentiu uma verdadeira desilusão quando não viu vir ao seu encontro nenhum dos homens da equipe de Biskra, de acordo com o que estava combinado.

A decepção era cruel; mas o Sr. de Schaller cogitava que não se vai de Biskra até ao Rharsa do mesmo modo que de Paris a Saint-Cloud, e que, num trajeto tão longo, poderia ocorrer qualquer incidente, perturbando as previsões dos cálculos e alterando os horários. Mas não, não era possível, pois o agente telegrafara-lhe para Gabes, de Biskra, informando que tudo tinha corrido bem até esta última cidade e de acordo inclusivamente com as instruções que tinha recebido em Paris. Fora portanto no caminho, talvez na região pantanosa, frequentemente inundada e mal conhecida, da Farfaria, entre Biskra e a zona do Melrir onde ele estava prestes a chegar, que alguma coisa de inesperado havia interrompido a viagem daqueles que esperava lá encontrar. Quando nos lançamos no campo das hipóteses, não conseguimos de lá sair. Uma vem atrás da outra com uma continuidade obsessiva, e, neste momento, elas atormentavam a imaginação do Sr. de Schaller sem lhe fornecer qualquer explicação minimamente plausível ou mesmo verosímil. Insensivelmente, a sua surpresa e a sua desilusão transformavam-se numa real inquietude, e o fim da

etapa chegou sem que se alterasse a sua fisionomia lúgubre. Assim, o capitão achou por bem explorar o caminho à sua frente.

Por sua ordem, o sargento foi-se colocar, juntamente com alguns cavaleiros, a um ou dois quilômetros de cada lado do canal, enquanto o resto do destacamento prosseguia a marcha. A região estava deserta ou, mais exatamente, parecia que fora abandonada recentemente. No fim da segunda etapa, o destacamento fez alto, para pernoitar, na extremidade do pequeno chott. O local era completamente descarnado, sem nenhum oásis nas proximidades. Até aqui ainda não tinham montado o acampamento em condições tão deficientes. Não havia árvores nem pastos. Nada, a não ser este reg em que a areia se mistura com a gravilha, sem uma ponta de verdura ao nível do solo. Mas a coluna trazia forragem suficiente para assegurar a alimentação das montadas. Aliás, nas bordas do Melrir, o pequeno grupo, indo de oásis em oásis, encontraria com facilidade um local onde se reabastecer.

Felizmente que, à falta de wadis, corria água de diversos ras, ou nascentes, onde os homens e animais puderam saciar a sede. Parecia que queriam esgotá-las, de tal modo o dia tinha sido abrasador.

A noite foi tranquila, uma noite clara, de lua cheia, debaixo de um céu repleto de estrelas; como sempre, as imediações do acampamento ficaram vigiadas. Aliás, em terreno descoberto, nem Sohar, nem Harrig teriam podido aproximar-se sem serem detectados. Eles não se iriam expor, e certamente que estava nos seus planos deixar que o engenheiro, o capitão Hardigan e os seus

spahis penetrassem mais profundamente na parte argelina dos chotts.

No dia seguinte, de madrugada, o acampamento foi levantado. O Sr. de Schaller tinha muita pressa em chegar à extremidade do canal.

Era aí que estava aberta a vala que levaria as águas do golfo de Gabes até ao chott Melrir.

Mas continuava a não haver sinal da equipe que partira de Biskra, e cuja ausência permanecia um mistério. Que seria dela? O Sr. de Schaller perdia-se em conjecturas. Chegado ao local de encontro estritamente fixado, não encontrara ninguém, e esta ausência parecia-lhe repleta de ameaças.

– Certamente que se passou alguma coisa de grave – repetia ele incessantemente.

– Receio bem que sim – confessou por sua vez o capitão Hardigan. -Temos de chegar ao Melrir antes da noite.

A paragem do meio-dia foi curta. Não se desatrelaram os carros, não se desbridaram os cavalos – apenas o tempo de comerem qualquer coisa. No final desta última etapa, poderiam então descansar à vontade.

Em resumo, o destacamento andou tão depressa, sem ter encontrado ninguém no caminho, que, por volta das quatro horas da tarde, surgiram as elevações que rodeiam o chott. Para a direita, no Quilômetro 347, encontrava-se o último estaleiro da Companhia com as obras terminadas; a partir deste ponto, bastava atravessar o chott Melrir e o chott Sellem, à entrada daquele, para voltar a encontrar as cotas elevadas.

Como fez notar o tenente Villette, não se via um fumo no horizonte, e não se ouvia qualquer ruído.

Os cavaleiros estugaram os animais, e, como o cão se começou a adiantar, Nicol não conseguiu impedir a sua montada de se lançar na peugada do Ás-de-Trunfo.

Aliás, todos largaram a galope, e foi no meio de uma nuvem de poeira que os spahis fizeram alto na extremidade do canal. Ali, tal como no Rharsa, nenhum vestígio da chegada da equipe que devia vir de Biskra, e foi com estupefação e surpresa que o engenheiro e os seus companheiros viram o estaleiro todo revolvido, a vala parcialmente entulhada e a passagem fechada por uma barragem de areia, constatando por consequência a impossibilidade material das águas se lançarem nas profundezas do Melrir sem refazer as obras desde o início neste ponto!

# X

## NO QUILÔMETRO 347

Inicialmente pensara-se em chamar Roudaire-Ville ao ponto onde o segundo canal desaguava no Melrir. Depois, como o canal tinha o seu termo real na orla ocidental deste chott, optara-se antes pelo nome do presidente da Companhia Franco-estrangeira, reservando o de Roudaire para o porto a criar perto de Mráier ou de Sétil, em conexão com o trans—saariano ou com uma linha férrea que se fosse ligar a este. Finalmente, como se dera o seu nome à enseada do Rharsa, tinha-se mantido o hábito de chamar a este ponto o Quilômetro 347.

Já nem havia vestígios desta última seção do canal. As areias amontoavam-se em toda a sua largura e numa extensão demais de cem metros. Era possível que a escavação não estivesse completamente terminada neste local, mas nesta altura – e o Sr. de Schaller estava bem ciente disso – deveria haver quando muito uma barreira de espessura medíocre a obstruir a extremidade do canal, bastando poucos dias para desimpedir a vala. Era evidente que tinham passado por ali grupos de nômades doutrinados e fanatizados, que haviam devastado e destruído, talvez num só dia, o que o tempo tão bem preservara.

O engenheiro, imóvel sobre um estreito planalto que dominava o canal no seu ponto de junção com o chott, tendo junto dele os dois oficiais, enquanto o

destacamento estacionava no sopé da duna, contemplava melancolicamente todo este desastre, não podendo acreditar no que os seus olhos viam.

– Não faltam nômades na região capazes de ter feito isto – disse o capitão Hardigan. – Podem ser tribos amotinadas pelos seus chefes, tuaregues ou outras vindas dos oásis do Melrir! Estes salteadores de caravanas, enfurecidos contra o Mar Saariano, atacaram em massa o estaleiro do Quilômetro 347. Esta zona teria que estar vigiada noite e dia pelos maghzen, a fim de impedir as agressões dos nômades.

Estes maghzen, de que falava o capitão Hardigan, formam um complemento do exército regular de África. São spahis e zambas, encarregados do policiamento interior e das repressões expeditas. Seleccionados entre os homens inteligentes e de boa vontade que, por uma razão qualquer, não querem permanecer na sua tribo, o seu distintivo é o albornoz azul. Os xeques usam o albornoz castanho; o albornoz vermelho faz parte do uniforme dos spahis, constituindo também o sinal da investidura dos grandes chefes. Encontram-se esquadras de maghzen nos povoados importantes do Djerid. Mas, na previsão de um possível levantamento dos nativos, cujos sentimentos adversos eram conhecidos, seria preciso organizar um regimento inteiro para se deslocar de uma seção para outra durante a realização dos trabalhos. Quando o novo mar estivesse em exploração, quando os navios cruzassem os chotts inundados, já seria menor o receio destes ataques. Mas, até lá, era essencial que a região fosse sujeita a uma vigilância rigorosa. As hostilidades de que havia sido objeto esta

parte final do canal poder-se-iam repetir noutros lados, se as autoridades não assegurassem a ordem.

Neste momento, o engenheiro e os dois oficiais conferenciavam. Que haviam de fazer? Em primeiro lugar, procurar os homens que compunham a equipe vinda do norte. Como proceder? Em que direção orientar as buscas? E, no entanto, isto era de uma importância capital; conforme dizia o Sr. de Schaller, era preciso, antes demais, encontrá-los e sem demora, pois, nestas circunstâncias, a sua falta de comparência no local combinado tornava-se cada vez mais inquietante. Depois se veria. Se se trouxessem estes homens, operários e contramestres, os estragos podiam ser reparados em tempo oportuno; pelo menos ele estava convencido disso.

– Na condição de os proteger – disse o capitão Hardigan. – Ora, não é com o meu punhado de spahis que poderei cumprir a missão de tomar conta deles, admitindo que os encontramos, e de os defender contra bandos numerosos de assaltantes!

– Por isso, meu capitão – disse o tenente Villette —, temos necessidade absoluta de reforços, e de ir buscá-los o mais perto possível.

– E o mais perto possível é em Biskra – declarou o capitão Hardigan.

Com efeito, esta cidade está situada no noroeste do Melrir, à entrada do grande deserto e da planície do Ziban. Pertence à província de Constantina desde 1845, ano em que os argelinos a ocuparam. Durante muito tempo foi a possessão da França mais avançada no Saara, contava com alguns milhares de habitantes e tinha uma administração militar. Deste modo, a sua

guarnição poderia fornecer, pelo menos provisoriamente, um contingente que, juntamente com os spahis do capitão Hardigan, seria capaz de proteger eficazmente os operários, se fosse possível trazê-los de volta ao estaleiro.

Assim, se se procedesse com presteza, bastariam alguns dias para chegar a Biskra, muito mais próxima do que Tozeur e a igual distância de Nefta. Mas estas duas localidades não estavam em condições de fornecer os mesmos reforços que Biskra, e, por outro lado, fazendo esta opção, haveria a eventualidade de encontrar Pointar.

– Pois – observou o engenheiro —, de que serviria defender as obras se faltarem os braços para as reparar? O que importa é saber de que modo os operários foram dispersados e onde se terão escondido quando fugiram de Golaah.

– Sem dúvida – acrescentou o tenente Villette —, mas aqui não há ninguém que nos possa informar! Talvez se batêssemos os campos encontrássemos alguns nativos que nos pudessem dizer alguma coisa, se estivessem dispostos a isso.

– Em todo o caso – continuou o capitão Hardigan —, já não se trata agora de prosseguir o reconhecimento do Melrir; é preciso decidir se vamos a Biskra ou se voltamos para Gabes.

O Sr. de Schaller mostrava-se muito perplexo. Estava perante uma eventualidade que não tinha podido prever; o que se impunha agora, e no mais breve prazo, era a reconstrução do canal e tomar as medidas necessárias para o proteger de novos ataques. Mas não podia pensar nisso antes de se pôr à procura do pessoal operário, cuja

ausência tanto o havia perturbado à chegada ao segundo canal!

Quanto à razão que havia levado os nativos desta região a atentar contra as obras, não havia dúvida de que esta residia no descontentamento provocado pela inundação a breve prazo dos chotts argelinos. E quem sabe se daí não resultaria uma insurreição geral das tribos do Djerid, e se alguma vez se iria conseguir garantir a segurança neste trajeto de quatrocentos quilômetros entre a extremidademais afastada do Melrir e a soleira de Gabes!

— De qualquer modo — disse então o capitão Hardigan —, seja qual for a opção que tomarmos, vamos acampar neste local, e amanhã metemo-nos de novo ao caminho.

Não havia nada de melhor a fazer. Após uma etapa bastante fatigante debaixo de um céu de fogo, impunha-se fazer uma paragem até de manhã. Foi portanto dada a ordem de armar as tendas, destroçar a coluna, deixar os cavalos em liberdade no pasto do oásis, com as habituais medidas de segurança. De qualquer modo, não parecia haver nenhum perigo a ameaçar o destacamento. O ataque ao estaleiro devia ter ocorrido já há alguns dias. O oásis de Goleah e as suas imediações pareciam absolutamente desertos.

Enquanto o engenheiro e os dois oficiais trocavam impressões a este respeito, como se disse, o sargento e dois spahis dirigiram-se para o interior do oásis. O Ás-de-Trunfo acompanhava o dono. Ia farejando com o nariz metido nas ervas, e a sua atenção não parecia desperta, quando, de repente, parou e levantou a cabeça, como faz um cão de parar.

Pressentira o Ás-de-Trunfo algum animal a correr pelo bosque? Uma fera, leão ou pantera, prestes a atacar?

O sargento não teve dúvidas. Pela maneira de ladrar do inteligente animal, compreendeu o que queria dizer.

– Há por aí estranhos a rondar – declarou ele. – Se conseguíssemos apanhar um!

O Ás-de-Trunfo ia lançar-se a correr, mas o dono reteve-o. Se um nativa viesse para estes lados, era preciso não o afugentar. Por outro lado, certamente que teria ouvido o cão a ladrar, e talvez não quisesse esconder-se.

Não tardou muito que Nicol tivesse a resposta para as suas interrogações. Um homem, um árabe, caminhava no meio do arvoredo, olhando para a direita e para a esquerda, sem se incomodar com a possibilidade de estar a ser observado. E, quando avistou os três homens, dirigiu-se para eles num passo tranquilo.

Era um nativa, com uns trinta a trinta e cinco anos, vestido como os operários da baixa Argélia, contratados aqui e ali, ao sabor das obras, ou na época das colheitas, e Nicol conjecturou que o seu capitão podia tirar algum partido dele. Estava decidido a levar-lhe o nativa, a bem ou a mal, quando este, antecipando-se, lhe perguntou:

– Há franceses por aqui?

– Sim, um destacamento de spahis – respondeu o sargento.

– Leve-me ao comandante! – limitou-se a dizer o árabe. Assim, Nicol, precedido do Ás-de-Trunfo, que emitia umas

rosnadelas surdas, voltou à orla do oásis. Os dois spahis encerravam a marcha, mas o nativo não manifestava qualquer intenção de fugir.

O primeiro a vê-lo, quando transpôs a última fila de árvores, foi o tenente Villette, que exclamou: – Finalmente... alguém!

– Ora vejam! – disse o capitão – Este sortudo do Nicol fez uma bela descoberta.

– Com efeito – acrescentou o Sr. de Schaller –, e talvez este homem nos possa informar...

Passado um instante, o árabe encontrava-se na presença do engenheiro, e os spahis agruparam-se em torno dos seus oficiais.

Nicol contou então como tinha encontrado o homem. O árabe deambulava pelo bosque e, quando viu o sargento e os seus companheiros, veio ter com eles. No entanto, Nicol achou por bem acrescentar que o recém-chegado lhe levantava suspeitas e que achava que devia comunicar aos seus chefes este sentimento. O capitão procedeu imediatamente ao interrogatório daquele estranho que se apresentara voluntariamente:

– Quem és tu? – perguntou-lhe em francês.

E o nativo respondeu na mesma língua, muito bem falada: – Sou natural de Tozeur.

– E Como te chamas?

– Mezaki.

– De onde vinhas?

– Dali, de El Zeribet.

Era assim que se chamava um oásis argelino situado a quarenta e cinco quilômetros do chott, junto a um wadi do mesmo nome.

– E que vinhas aqui fazer?

– Ver o que estava acontecendo por aqui.

– Por quê? Eras um operário da Sociedade? – perguntou ansiosamente o Sr. de Schaller.

– Sim, fui há tempos, e há muitos anos que vigio as obras. O chefe Pointar me contratou logo quando chegou.

Esse era de fato o nome do engenheiro das Ponts et Chaussées a serviço da Sociedade, que tinha trazido a equipe de Biskra de que estavam à espera, e cuja ausência inquietava tanto o engenheiro. Finalmente ia ter notícias! Depois, o nativo acrescentou: – E eu o conheço bem, senhor engenheiro, pois vi-o mais de uma vez em ocasiões em que visitou a região.

Não havia por que duvidar do que dizia Mezaki; era um dos muitos árabes que a Companhia contratara outrora para a escavação do canal entre o Rharsa e o Melrir, e que os agentes da nova Sociedade do Mar Saariano procuravam afanosamente recrutar. Era um homem vigoroso, com aquela fisionomia calma, própria dos da sua raça; mas dos seus olhos negros saía um olhar vivo, um olhar de fogo.

– Muito bem, e onde estão os teus camaradas que supostamente viriam trabalhar no estaleiro? – perguntou o Sr. de Schaller.

– Estão lá para os lados de Zeribet – respondeu o nativo, estendendo o braço para norte. – Há uma centena no oásis de Gizeb.

– E por que foram embora? O acampamento foi atacado?

– Sim, por um bando de berberes.

Estes nativos, berberes ou de origem berbere, ocupam a região do Icham, que está situada entre o Tuat, ao norte, Tombuctu, ao sul, o Níger, a oeste, e o Fezzan, a leste. Têm muitas tribos – Arzchers, Ahaggars, Mahingas, Thagimas – quase sempre em luta com os árabes, e principalmente com os Chaambas argelinos,

que são os seus maiores inimigos. Mezaki contou então o que se passara no estaleiro cerca de oito dias antes.

Várias centenas de nômades, sublevados pelos chefes, tinham investido sobre os trabalhadores no momento em que chegaram ao estaleiro. Estes nômades tinham a profissão de guias de caravanas, que deixariam de poder exercer quando a marinha mercante começasse a fazer todo o comércio interior da Argélia e da Tunísia através do Mar Saariano.

Assim, com o reinício dos trabalhos, as diversas tribos puseram-se de acordo para destruir o canal que deveria trazer as águas do Sirte Menor. A equipe de Pointar não estava em condições de resistir a um ataque inesperado. Obrigados quase imediatamente a debandar, os trabalhadores, para fugir ao massacre, haviam se dirigido para o norte do Djerid. Seria perigoso voltar para Rharsa e, depois, para os oásis de Nefta ou de Tozeur, uma vez que podiam ser interceptados pelos atacantes, e foram então para os lados de Zeribet procurar refúgio. Os assaltantes e seus cúmplices tinham destruído o estaleiro, incendiado o oásis e danificado as obras com ajuda de nômades, que se juntaram a eles para esta ação de destruição. E, uma vez a vala atulhada, quando já não restava nada do talude, quando a saída do canal para o Melrir estava completamente obstruída, os nômades desapareceram tão subitamente como tinham chegado. Não havia dúvida de que, se o segundo canal, entre o Rharsa e o Melrir, não fosse guardado por forças suficientes, ficaria exposto a agressões deste gênero.

– Com efeito – disse o engenheiro, quando o árabe terminou a sua narrativa —, a autoridade militar tem de tomar medidas para proteger os estaleiros quando as

obras recomeçarem. Depois, o Mar Saariano saberá defender-se a si próprio!

Foi então a vez do capitão Hardigan fazer algumas perguntas a Mezaki: – Quantos homens compõem este bando de malfeitores?

– Entre quatrocentos e quinhentos, aproximadamente – respondeu o árabe.

– E sabe-se para que lado foram?

– Para o sul – afirmou Mezaki.

– E não se fala na intervenção dos tuaregues nesta história?

– Não, apenas dos berberes.

– O chefe Hadjar não voltou à região?

– E como poderia – respondeu Mezaki – se foi preso preso há três meses e continua encarcerado no bordj de Gabes?

Assim, este nativo desconhecia totalmente a evasão de Hadjar, e não seria através dele que se poderia ficar sabendo se o fugitivo havia sido visto de novo naquela zona. Mas o que ele estava em condições de dizer eram coisas sobre os operários de Pointar, e, perante uma pergunta que o engenheiro lhe fez a este respeito, Mezaki respondeu:

– Repito, eles fugiram para norte, para os lados de Zeribet.

– E Pointar está com eles? – perguntou o Sr. de Schaller.

– Nunca os deixou – respondeu o nativo —, e os contramestres também estão lá.

– Onde, neste momento?

– No oásis de Gizeb.

– É longe?

– É a cerca de vinte quilômetros do Melrir.

– E podes ir preveni-los de que chegamos ao estaleiro de Golaah com alguns spahis? – perguntou o capitão Hardigan.

– Posso, se quiserem – respondeu Mezaki —, mas se for sozinho é possível que o chefe Pointar fique hesitante.

– Vamos deliberar – concluiu o capitão, depois de ter mandado dar algum alimento ao nativo, que parecia muito precisado de comer e descansar.

O engenheiro e os oficiais afastaram-se para conferenciar.

Não tinham razão para pôr em dúvida a veracidade do que dizia este árabe, que, evidentemente, conhecia Pointar e reconhecera também o Sr. de Schaller. Não havia dúvida de que era um dos operários contratados para os trabalhos naquela seção.

Ora, nas circunstâncias atuais, o mais urgente, como já se disse, era encontrar Pointar e reunir as duas expedições. Por outro lado, se se prevenisse o comandante militar de Biskra, poderiam pedir reforços e talvez pôr as equipes de novo a trabalhar.

– Repito – dizia o engenheiro —, depois da inundação dos chotts, deixa de haver motivo para receio. Mas, antes de tudo, é preciso refazer a vala do canal, e, para isso, trazer os operários que desapareceram.

Foi pois esta, resumidamente, a opção que fizeram o engenheiro e o capitão Hardigan, tendo em conta as circunstâncias. Já não havia nada a temer do bando dos berberes, segundo as próprias palavras de Mezaki, pois tinha-se retirado para o sudoeste do Melrir. Portanto, já não havia perigo no Quilômetro 347 e o melhor seria montar um acampamento enquanto esperavam o

regresso dos operários. O tenente Villette, o sargento Nicol e todos os homens disponíveis acompanhariam Mezaki até ao oásis de Gizeb, onde, segundo este dizia, estava atualmente o chefe Pointar e a sua equipe. Nesta parte da região, atravessada por caravanas, e por conseguinte exposta aos ataques de malfeitores, isto era uma medida ditada pela prudência. Partindo no dia seguinte ao alvorecer, o tenente contava atingir o oásis de manhã e regressar à tarde, chegando ao estaleiro antes da noite. Provavelmente Pointar viria com o oficial, que lhe poria um cavalo à disposição. Quanto aos operários, fariam o trajeto por etapas e, se pudessem partir no dia seguinte, em quarenta e oito horas estariam reunidos no local da obra, e o trabalho seria imediatamente retomado.

Assim, a viagem de exploração em torno do Melrir estava momentaneamente suspensa.

Foram estas as decisões tomadas por comum acordo entre o engenheiro e o capitão Hardigan. Mezaki não pôs qualquer objeção, aprovando veementemente o envio do tenente Villette e dos cavaleiros ao oásis de Gizeb. Assegurava que os operários não hesitariam em regressar ao estaleiro logo que soubessem da presença do engenheiro e do capitão. Veriam depois se seria conveniente chamar de Biskra um forte contingente de maghzen para dar guarda ao estaleiro até o dia em que as primeiras águas do golfo de Gabes inundassem o Melrir.

# XI

## UMA EXPEDIÇÃO DE DOZE HORAS

Às sete horas da manhã, o tenente Villette e os seus homens deixavam o acampamento. O dia anunciava-se pesado e quente, a ameaçar tempestade, um desses violentos meteoros que com frequência se precipita sobre as planícies do Djerid. Mas não havia tempo a perder, e o Sr. de Schaller, com razão, queria absolutamente encontrar Pointar e o pessoal.

Não é preciso dizer que o sargento montava o Vai-Avante, e que este estava acompanhado do Ás-de-Trunfo.

À partida, os spahis tinham carregado nos cavalos os víveres para o dia, e aliás, mesmo não indo até Zeribet, haveria alimento assegurado no oásis de Gizeb.

Enquanto esperavam o retorno do tenente Villette, o engenheiro e o capitão Hardigan começaram a organizar o acampamento com a ajuda do cabo Pistache, do Sr. François, dos quatro spahis que não tinham sido integrados na escolta do tenente e dos condutores dos carros. Os pastos do oásis estavam bem verdes, sendo regados por um pequeno wadi que desaguava no chott.

A expedição do tenente Villette não devia durar mais de doze horas. Com efeito, a distância compreendida entre o Quilômetro 347 e Gizeb não ultrapassava vinte quilômetros. Este trajeto poderia ser feito durante a manhã, sem ser preciso forçar demais os cavalos. Depois, após uma paragem de duas horas, a tarde seria suficiente para o caminho de volta, juntamente com Pointar, o chefe do estaleiro.

Tinha-se facultado um cavalo a Mezaki, e pôde constatar-se que este era bom cavaleiro, como acontece com todos os árabes. Seguiu a trote à cabeça do grupo, junto do tenente e do sargento, sempre para nordeste desde que tinha deixado o oásis.

Uma grande planície estendia-se a perder de vista, semeada aqui e ali de esqueléticos grupos de árvores, sulcada pelo ribeiro. Era a verdadeira outtâ argelina em toda a sua aridez. Deste solo sobreaquecido, onde os grãos de areia brilhavam como gemas sob os raios de sol, emergiam pequenos tufo amarelados de drif.

Esta parte do Djerid estava inteiramente deserta. Nenhuma caravana a atravessava em direção a qualquer cidade saariana importante, como Ouargla ou Touggourt, nos limites do deserto. Nenhuma manada de ruminantes vinha mergulhar nas águas do wadi, que, aliás, era o que fazia o Ás-de-Trunfo, ao qual o Vai-Avante lançava olhares de inveja vendo-o saltar todo molhado.

O pequeno grupo subia a margem esquerda deste curso de água. E, a uma pergunta feita pelo oficial, Mezaki respondera:

– Sim, vamos seguir o wadi até ao oásis de Gizeb, que ele atravessa em toda a sua extensão.

– Este oásis é habitado?

– Não – respondeu o nativo. – Quando deixamos a aldeia de Zeribet, tivemos de levar víveres, pois já não restava nada no estaleiro de Goleah.

– Assim – disse o tenente Villette —, a intenção de Pointar era de fato voltar à seção para se encontrar com o engenheiro.

– Sem dúvida – confirmou Mezaki —, e vim cá ver se os berberes já se tinham ido embora.

– Tens então a certeza de que a equipe está em Gizeb?

– Sim, foi aí que a deixei e onde Pointar deve estar à minha espera. Se estugarmos os cavalos, chegaremos dentro de duas horas.

Acelerar a marcha era difícil com aquele calor pesado e o sargento chamou a atenção para isso. De resto, mesmo em andamento moderado, o oásis seria atingido pelo meio-dia, e, depois de um repouso de algumas horas, o tenente estaria de volta a Goleah antes da noite.

Mas a verdade é que, à medida que o sol subia, através das neblinas quentes do horizonte, o calor tornava-se cada vez mais intenso e os pulmões eram obrigados a respirar um ar abrasado.

– Com mil diabos, meu tenente – repetia o sargento —, acho que nunca tive tanto calor desde que sou africano! O ar que respiramos é fogo, e se bebêssemos água, esta começaria a ferver-nos no estômago! Ainda se nos pudéssemos refrescar pondo a língua de fora, como faz o Ás-de-Trunfo! Veja como tem a língua pendurada até ao peito.

– Faça o mesmo, sargento – respondeu a rir o tenente Villette —, embora isso não esteja conforme ao regulamento!

– Uf!... só iria ficar ainda com mais calor – replicou Nicol. – Mais valia fechar a boca e deixar de respirar!... Se fosse possível!

– O dia não vai acabar – observou o tenente – sem que se desencadeie uma tempestade.

– Penso que sim – respondeu Mezaki, que, na sua qualidade de nativa, sofria menos com estas temperaturas excessivas tão frequentes no deserto.

E acrescentou:

– Talvez cheguemos antes disso a Gizeb. Aí encontraremos o abrigo do oásis e poderemos esperar que a tormenta passe.

– Esperemos que sim – continuou o tenente. – As nuvens carregadas mal começam a despontar a norte e até aqui não tem havido vento.

– Ora, meu tenente – exclamou o sargento –, estas tempestades africanas não precisam de vento; aquilo anda sozinho como os pacotes de Marselha até Tunes! Parece que têm uma máquina na barriga!

Imune ao calor e à fadiga daí resultante, o tenente Villette forçava o ritmo da marcha. Tinha pressa de terminar esta etapa – uma etapa de vinte quilômetros, sem parar, através daquela planície sem abrigo. Esperava adiantar-se à tempestade, que teria pois todo o tempo de se abater durante a paragem de Gizeb. Os seus spahis poderiam então descansar e recobrar forças com as provisões que transportavam em sacos de lona a tiracolo. Depois, quando o grande calor meridiano tivesse passado, meter-se-iam de novo ao caminho, por volta das quatro da tarde e, antes do crepúsculo, estariam de regresso ao acampamento.

Porém, os cavalos sofreram tanto durante essa etapa, que os cavaleiros não conseguiram mantê-los a trote. O ar tornava-se irrespirável na iminência de tempestade. As nuvens, que teriam podido toldar o sol, espessas e pesadas, subiam com extrema lentidão, e o tenente chegaria certamente ao oásis muito antes de cobrirem o céu. Para lá do horizonte, ainda não descarregavam a sua electricidade, e ainda não se ouvia o ribombar longínquo dos trovões.

A marcha continuava sempre sem parar, e a planície, queimada do sol, permanecia deserta e parecia não ter fim.

– Ó mouro! – repetia o sargento, interpelando o guia —, nunca chega o teu maldito oásis? É claro, está além, no meio destas nuvens, e só vamos dar por ele quando elas se abaterem sobre nós.

– Não te enganaste na direção? – perguntou o tenente Villette a Mezaki.

– Não – respondeu o nativo —, e não podemos nos enganar, pois basta subir o wadi até Gizeb.

– Já devia estar à vista, dado que o horizonte está livre – observou o oficial.

– Ei-lo – contentou-se em responder Mezaki, apontando para longe.

Com efeito, desenhavam-se alguns maciços à distância de uma légua. Eram as primeiras árvores do oásis e com uma tirada a galope o grupo alcançá-lo-ia em pouco tempo. Mas pedir aos cavalos este último esforço era impossível, e o próprio Vai-Avante teria merecido ser chamado de Vai-Atrás, apesar da sua resistência, de tal modo se arrastava pesadamente.

Assim, eram quase onze horas quando o tenente transpôs a orla do oásis.

O que parecia estranho era o pequeno grupo não ter sido detectado, mesmo quando estava ainda longe, nesta planície, pelo chefe de estaleiro e seus companheiros, que, segundo Mezaki, esperavam em Gizeb. E tendo o tenente feito esta observação, o árabe, pelo menos aparentando surpresa, respondeu: – Será que já não estão mais aqui?

– E por que não haveriam de estar? – perguntou o oficial.

– Não tenho explicação para isso – declarou Mezaki. – Ainda ontem estavam. Talvez, com medo da tempestade, foram procurar refúgio no meio do oásis! Mas posso muito bem encontrá-los.

– Entretanto, meu tenente – disse o sargento —, acho que é melhor deixar os homens respirarem.

– Alto! – ordenou o oficial.

A cem passos dali abria-se uma espécie de clareira envolta por altas palmeiras onde os cavalos poderiam se recuperar. Não havia o que temer se quisessem sair de lá, além do que tinham muita água à disposição, fornecida pelo pequeno wadi que corria ao longo de um dos lados da clareira, e, seguindo depois para nordeste, contornava o oásis na direção de Zeribet.

Após terem tratado das montarias, os cavaleiros cuidaram de si mesmos e tiveram a única refeição prevista para fazerem em Gizeb.

Entretanto, Mezaki, subindo a margem direita do wadi, afastara-se algumas centenas de passos na companhia do sargento, precedido por Ás-de-Trunfo. A acreditar no árabe, a equipe de Pointar devia estar instalada nas vizinhanças, esperando seu regresso.

– E foi aqui que deixaste teus camaradas?

– Aqui – respondeu Mezaki. – Estávamos em Gizeb há alguns dias, e a menos que tivessem sido forçados a voltar para Zeribet...

– Com mil diabos! – declarou Nicol. – Se for preciso ainda ir até lá!...

– Espero que não – respondeu Mezaki —, e o chefe Pointar não pode estar longe.

– Seja como for – disse o sargento —, é melhor voltar para o acampamento. O tenente ficaria inquieto se a nossa ausência se prolongasse. E vamos comer. A seguir, percorreremos o oásis e, se a equipe ainda aqui estiver, saberemos encontrá-la.

Depois, dirigindo-se ao cão: – Não farejas nada, Ás-de-Trunfo?

O animal levantou-se ao ouvir a voz do dono, que repetia:

– Busca, busca...

O cão limitou-se a saltitar, e nada indicava que tivesse encontrado uma pista qualquer. Depois, abriu a boca num longo bocejo, cujo significado não podia escapar ao sargento.

– Sim, já sei – disse ele —, estás morrendo de fome, e não te importavas de comer qualquer coisa. E eu também. Estou com a barriga colada às costas! Seja como for eu me espantaria muito se Pointar e os seus homens tivessem acampado aqui e o Ás-de-Trunfo não descobrisse qualquer rastro deles.

O árabe e o sargento desceram de novo a riba do wadi e voltaram para trás. Quando puseram o tenente Villette ao corrente da situação, este não ficou menos surpreendido do que Nicol.

– Vê lá bem – disse ele a Mezaki —, tens a certeza de que não te enganaste?

– Tenho, pois para vir do local a que vocês chamam o Quilômetro 347, segui o mesmo caminho que tomei para ir para lá.

– E estás certo de que este é o oásis de Gizeb?

– Sim, Gizeb – afirmou o árabe —, e, seguindo o wadi que desce para o Melrir, era impossível enganar-me.

– Então, onde estarão Pointar e a sua equipe?  
– Noutra parte do bosque, pois não vejo por que haveriam de ter voltado para Zeribet.  
– Daqui a uma hora – concluiu o tenente Villette – vamos bater o oásis.

Mezaki foi buscar no saco os víveres que trouxera, sentou-se à parte na orla do oásis e começou a comer.

O tenente e o sargento, recostados junto a uma tamareira, tomaram a sua refeição em comum, enquanto o cão esperava com impaciência os bocados que o dono lhe lançava.

– E no entanto é muito estranho – repetia Nicol – que não tenhamos ainda visto ninguém, nem detectado qualquer vestígio de acampamento.

– E o Ás-de-Trunfo não farejou nada? – perguntou o oficial.

– Nada.

– Diga-me, Nicol – continuou o tenente, olhando para onde o árabe se encontrava —, haverá alguma razão para suspeitar deste Mezaki?

– A verdade, meu tenente, é que só sabemos de onde vem e quem é pelo que ele próprio nos disse. De início, desconfiei dele, e não escondi o que pensava. Mas até agora não encontrei motivo para suspeições. Aliás, que interesse teria em nos enganar? E porque nos havia de trazer a Gizeb se o chefe Pointar e os seus homens nunca tivessem posto aqui os pés? Estou ciente de que com estes diabos de mouros, nunca sabemos com o que contar, mas, vistas bem as coisas, foi ele mesmo que decidiu vir ao nosso encontro em Goleah. Não há dúvida de que reconheceu o engenheiro por já o ter visto. Tudo

leva a crer que era um dos árabes contratados pela Companhia!

O tenente Villette deixava falar Nicol, cuja argumentação parecia plausível. E no entanto, ter encontrado sem vitalma este oásis de Gizeb, enquanto, segundo o árabe, numerosos operários estariam aí reunidos, era bastante estranho. Se, ainda ontem, Pointar permanecia aqui com uma parte do seu pessoal, à espera de Mezaki, como era possível ele não ter dado pelo regresso deste? Porque não tinha vindo ao encontro deste pequeno grupo de spahis, que devia ter avistado de longe? E, se se havia embrenhado no ponto mais recôndito do bosque, ter-se-ia visto obrigado a isso? E por que razão? Podíamos admitir a possibilidade de ter subido até Zeribet? E, nesse caso, o tenente devia continuar o reconhecimento até lá? Não, certamente que não, e, uma vez constatada a ausência de Pointar e da sua equipe, ele só tinha que regressar rapidamente para ir ter com o engenheiro e com o capitão. Assim, não havia que hesitar; apesar do resultado da expedição a Gizeb, nessa mesma noite estaria de volta ao acampamento.

Era uma e meia quando o tenente Villette se levantou, já repousado e com as forças restauradas. Observou o estado do céu, agora mais coberto de nuvens, e disse ao árabe: – Vou dar uma volta pelo oásis antes de regressar, e tu servirás de guia.

– Às ordens – respondeu Mezaki, pronto para se meter ao caminho.

– Sargento – acrescentou o oficial —, traga dois homens e venham comigo. Os outros ficam aqui aguardando.

– Entendido, meu tenente – replicou Nicol, que fez sinal a dois spahis para o acompanharem.

Quanto a Ás-de-Trunfo, era evidente que seguiria atrás do dono, não sendo preciso dar-lhe qualquer ordem para tal.

Mezaki, que precedia o oficial e os seus companheiros, dirigiu-se para norte. Isto significava afastar-se do wadi, mas, no regresso, desceriam pela margem esquerda, de modo que o oásis teria sido percorrido em toda a sua extensão. Este, aliás, não cobriria mais de vinte e cinco a trinta hectares e, como não era habitado por nativas sedentários, constituía apenas um lugar de paragem para as caravanas que iam de Biskra para o litoral.

O tenente e o seu guia caminharam nesta direção durante meia hora. A ramagem das árvores não era tão espessa que impedisse a observação do céu, onde giravam pesadamente grandes volutas de vapor que agora atingiam o zénite. No horizonte propagavam-se já os rumores surdos da tempestade, e alguns relâmpagos rasgavam o ar nas zonas longínquas do norte.

Quando chegou ao limite extremo do oásis, o tenente parou. Diante dele estendia-se a planície amarelada, silenciosa e deserta. Se a equipe havia partido de Gizeb, onde, segundo afirmava Mezaki, este a tinha deixado no dia anterior, já devia estar longe, quer Pointar tivesse tomado o caminho de Zeribet ou o de Nefta. Mas era preciso obter a certeza de que ela não estava acampada em nenhum outro ponto do oásis, o que parecia bastante improvável, e as buscas continuaram no percurso de regresso ao wadi.

Durante ainda uma hora, o oficial e os seus homens embrenharam-se no meio das árvores, sem encontrar rastro do acampamento. O árabe parecia estar muito surpreendido. E, aos olhares interrogativos que lhe eram dirigidos, respondia invariavelmente:

– Eles estavam aqui... ainda ontem... o chefe e os outros. Foi Pointar que me enviou a Goleah. Certamente foram embora de manhã.

– Para onde... em tua opinião? – perguntou o tenente Villette.

– Talvez para o estaleiro.

– Mas nesse caso nos os teríamos encontrado quando viemos, penso eu.

– Não, eles não desceram ao longo do wadi.

– E por que teriam usado um caminho diferente do nosso?

Mezaki não soube responder.

Eram quase quatro horas quando o oficial voltou ao local de paragem. As buscas tinham-se revelado infrutíferas. O cão não tinha seguido nenhuma pista. Aparentemente, há muito tempo que ninguém passava pelo oásis, nem a equipe nem o pessoal de uma qualquer cáfila.

Nessa altura, o sargento não resistiu a um pensamento que o obcecava, e, aproximando-se de Mezaki, olhou-o bem de frente: – Ó mouro! – disse ele – Será que estiveste nos enganando?

Mezaki, sem baixar os olhos diante do sargento, teve um movimento de ombros de tal modo desdenhoso que Nicol lhe teria lançado as mãos ao pescoço se o tenente Villette não intervisse.

– Calma, Nicol – disse. – Vamos voltar para Goleah, e Mezaki vai conosco.

– Nesse caso, à guarda de dois dos nossos homens.

– Estou pronto – respondeu friamente o árabe, cujo olhar, durante um instante inflamado pela cólera, retomou a calma habitual.

Os cavalos, saciada a fome no pasto e a sede nas águas do wadi, estavam prontos para percorrer a distância que separava Gizeb do Melrir. O pequeno grupo estaria certamente de volta antes da noite.

Quando o tenente deu o sinal de partida, seu relógio marcava quatro horas e quarenta. O sargento colocou-se junto dele e o árabe tomou o seu lugar entre dois spahis que não o perdiam de vista. Convém fazer notar que os companheiros de Nicol partilhavam agora das suas suspeitas relativamente a Mezaki, e o oficial, embora não o quisesse deixar transparecer, não há dúvida de que sentia a mesma desconfiança. Assim, tinha pressa em juntar-se ao engenheiro e ao capitão Hardigan. Decidir-se-ia então o que seria mais conveniente fazer, pois a equipe não podia recomeçar no dia seguinte o trabalho no estaleiro.

Os cavalos caminhavam rapidamente. Sentia-se a sua excitação devido à trovoada que não tardaria em desencadear-se. A tensão eléctrica era extrema, e agora as nuvens estendiam-se de uma ponta à outra do horizonte. Os relâmpagos dilaceravam-no e entrecruzavam-se através do espaço, e os trovões ribombavam com aqueles fragores terríveis característicos das planícies do deserto, onde não encontram nenhum eco para os repercutir. De resto, nem o mais pequeno sopro de vento, nem uma só gota de

chuva. Abafava-se no meio desta atmosfera escaldante, e os pulmões só respiravam um ar de fogo.

No entanto, o tenente Villette e os seus companheiros fariam o seu caminho de regresso, sem demasiado atraso, à custa de um grande esforço, se a situação atmosférica não se agravasse. O que tinham sobretudo de recear era que a trovoadas se transformasse em tempestade. O vento, primeiro, e a chuva, a seguir, podiam surgir bruscamente, e nessa altura onde encontrariam abrigo no meio desta planície árida, onde nem uma árvore se via?

Era pois crucial chegar ao Quilômetro 347 o mais rapidamente possível. Mas os cavalos não conseguiam corresponder aos incitamentos dos cavaleiros. Em vão o tentavam! Por vezes, estacavam como se as patas tivessem ficado presas, e os flancos sangravam sob os golpes das esporas. Por outro lado, também os homens começaram a sentir-se sem forças, num estado que não lhes permitia transpor os últimos quilômetros do percurso. O Vai-Avante, sempre tão vigoroso, estava agora esgotado, e, a cada passada, o dono receava que ele caísse sobre a areia escaldante!

No entanto, com os encorajamentos e com os estímulos do tenente, por volta das seis horas da tarde estavam percorridos três quartos do caminho. Se o sol, muito baixo sobre o horizonte a oeste, não estivesse toldado por uma camada espessa de nuvens, poderiam avistar-se, à distância de uma légua, os depósitos cintilantes do chott Melrir. No extremo deste, avolumavam-se de uma forma imprecisa os maciços do oásis e, admitindo que faltasse uma hora para lá chegar, ainda não seria noite escura quando o pequeno grupo

atingisse as primeiras árvores. – Vamos, meus amigos, coragem – repetia o oficial. – Um último esforço!

Mas, por mais resistentes que fossem os homens, o tenente via aproximar-se o momento em que a desordem começaria a se introduzir no pequeno grupo. Havia já alguns cavaleiros que se deixavam atrasar, e, para não os abandonar, tinha que ficar à espera.

Só restava a esperança de que a trovoadas não fosse além do relampejar e do ribombar dos trovões. Teria sido melhor que o vento tornasse o ar mais respirável e que as enormes massas de vapor se convertessem em chuva! Era o ar que faltava, e os pulmões só muito dificilmente conseguiam funcionar no meio desta atmosfera asfixiante. O vento acabou por se levantar, mas com toda a violência induzida pela extrema tensão eléctrica do espaço. Estas correntes atmosféricas, de uma intensidade extraordinária, vinham em duas direcções, formando turbilhões no seu ponto de encontro. Um ruído ensurdecido, agudo e sibilante, veio juntar-se ao ribombar dos trovões. Como a chuva não tornava mais pesada a poeira do solo, formou-se um pião imenso que, girando sobre a sua ponta com uma velocidade extraordinária, sob a influência do fluido eléctrico, criava uma corrente de ar à qual era impossível resistir. Ouviam-se os gritos das aves arrastadas neste turbilhão do qual nem as mais fortes conseguiam libertar-se.

Os cavalos estavam no caminho desta tromba. Apanhados por ela, separaram-se uns dos outros e não tardou que alguns homens fossem atirados da sela. Deixou de se conseguir ver, não se ouvia nada e era impossível comunicar fosse de que maneira fosse. O

turbilhão envolvia tudo na sua corrida para as planícies meridionais do Djerid.

Nestas condições, o tenente Villette deixou de ter a noção da direção em que seguia. Era provável que os seus homens e ele próprio tivessem sido empurrados para o chott, mas afastando-se do acampamento. Felizmente que se abateu de súbito uma chuva torrencial. A tromba, fustigada pelas rajadas de vento, desfez-se no meio de uma escuridão já profunda.

O pequeno grupo estava agora disperso. Teve que voltar a reuni-lo, o que não foi fácil. Por outro lado, à luz dos relâmpagos, o tenente dera-se conta de que o oásis estava a menos de um quilômetro, um pouco para sudeste.

Finalmente, após chamamentos reiterados aproveitando as curtas bonanças, homens e cavalos foram de novo agrupados, quando, de súbito, o sargento gritou: – Onde se meteu o mouro?

Os dois spahis encarregados de vigiar Mezaki não souberam responder. Desconheciam o que era feito dele, pois haviam sido separados violentamente um do outro no momento em que a tromba os arrastava nos seus turbilhões.

– O patife raspou-se! – repetia o sargento. – Raspou-se, e o cavalo dele, ou melhor, o nosso, também. Enganou-nos, o mouro enganou-nos!

O oficial refletia na situação e calava-se. Quase de imediato ouviu-se ladrar furiosamente, e, antes que Nicol pensasse em detê-lo, já o cão se lançava para a frente e desaparecia aos saltos em direção ao chott.

– Aqui... Ás-de-Trunfo... já aqui! – gritou o sargento muito inquieto.

Mas, ou por não ter ouvido, ou por não ter querido ouvir, o cão eclipsou-se na obscuridade.

Vendo bem, é possível que o Ás-de-Trunfo tenha seguido o rastro de Mezaki, um esforço que Nicol não podia exigir ao seu cavalo, extenuado como os outros.

Foi então que o tenente Villette se interrogou se não teria acontecido um desastre, se, durante a sua viagem para Gizeb, o grupo que ficara em Goleah não fora ameaçado por algum perigo. O inexplicável desaparecimento do árabe tornava plausíveis todas as hipóteses, e, conforme Nicol não cessava de afirmar, o destaque tivera que se haver com um traidor.

— Para o acampamento — ordenou o tenente Villette —, e o mais rápido possível!

Nesse momento, a violência da trovoada ainda não tinha diminuído, porém o vento acalmara, como se disse atrás; mas a chuva, cada vez mais forte, cavava grandes e numerosos buracos na superfície do solo. Fazia, por assim dizer, noite escura, embora o sol tivesse acabado de desaparecer no horizonte. Caminhar para o oásis tornava-se difícil e nenhuma luz indicava a direção do acampamento.

Ora, esta era uma precaução que o engenheiro não teria descurado para orientar o regresso do tenente. Não era o combustível que faltava. A madeira seca abundava no oásis.

Apesar do vento, apesar da chuva, teria sido possível fazer uma fogueira cujo brilho fosse visível a uma distância mediana, e o pequeno grupo não devia estar agora a mais de meio quilômetro.

Eram estes os receios que assaltavam o tenente Villette, receios partilhados pelo sargento e que este

expressou junto do oficial.

– Em frente – respondeu o tenente —, e Deus queira que não cheguemos demasiado tarde!

Ora, precisamente, não seguiram na direção certa e o pequeno grupo alcançou o chott à esquerda do oásis. Foi necessário ir de novo para leste contornando a sua margem setentrional, pelo que já eram oito e meia quando fizeram alto na extremidade do Melrir.

Ninguém tinha ainda aparecido, mau grado os spahis terem assinalado o regresso com gritos repetidos.

A alguns minutos dali, o tenente atingiu a clareira onde deveriam estar os carros, as tendas...

Continuava a não se ver ninguém, nem o Sr. de Schaller, nem o capitão, nem o cabo, nem nenhum dos homens que ficaram com eles.

Apesar dos gritos de chamamento e dos tiros disparados, não houve nem uma resposta. Atearam fogo a alguns ramos resinosos, que lançaram um brilho esmaecido através do bosque.

Das tendas, nem sinal, e quanto aos carros, teve que se admitir que haviam sido pilhados e destruídos. As mulas que os puxavam, bem como os cavalos do capitão Hardigan e dos seus companheiros, tinham desaparecido.

Não havia dúvida de que o acampamento fora atacado. A intervenção de Mezaki destinara-se a favorecer este novo ataque no mesmo local, arrastando o tenente Villette e os seus spahis para Gizeb.

Escusado será dizer que o árabe não apareceu. Quanto ao Ás-de-Trunfo, apesar dos repetidos chamamentos do dono, a noite passou sem que tivesse voltado ao acampamento de Goleah.

## XII

### O QUE ACONTECEU

Após a partida do tenente Villette para o oásis de Gizeb, o engenheiro começara a tomar as suas disposições para uma estada que se poderia prolongar.

Com efeito, ninguém suspeitara de Mezaki, ninguém punha em dúvida que, nessa mesma noite, estaria de volta à seção juntamente com Pointar e um grupo de operários trazidos pelo tenente Villette.

No Quilômetro 347, tinham ficado, para além do Sr. de Schaller e do capitão Hardigan, o cabo Pistache, o Sr. François, quatro spahis e dois condutores de carros, ou seja, apenas dez homens no total. Começaram imediatamente a preparar um acampamento na orla do oásis, na vizinhança do estaleiro. Levaram para lá os carros, e, uma vez descarregado o material, armaram as tendas da forma habitual. Os condutores e os spahis escolheram um pasto para os cavalos, que lhes proporcionaria alimentação em abundância. O destacamento dispunha ainda de víveres para vários dias. Por outro lado, era provável que Pointar e os seus contramestres e operários não regressassem sem trazer tudo de que precisavam, e que a aldeia de Zeribet lhes poderia facilmente fornecer.

Aliás, contava-se com o apoio dos povoados mais próximos – Nefta, Tozeur e La Hammâ. Mais tarde, os nativas, como se disse, já não poderiam atentar contra esta grande obra dos continuadores de Roudaire.

Como era essencial que, desde o primeiro dia, o reabastecimento do estaleiro do Quilômetro 347 ficasse assegurado, o engenheiro e o capitão Hardigan decidiram enviar mensageiros a Nefta ou Tozeur. Escolheram para isso dois condutores de carros que conheciam perfeitamente o caminho, por o haverem percorrido muitas vezes com o pessoal das caravanas. Eram dois tunisinos nos quais se podia depositar toda a confiança. Partindo no dia seguinte de madrugada, estes homens, montados nos seus próprios animais, atingiriam rapidamente um povoado que poderia enviar, alguns dias depois, víveres para o Melrir. Seriam portadores de duas cartas, uma do engenheiro para um dos funcionários superiores da Companhia, e outra do capitão Hardigan para o comandante militar de Tozeur.

Após a refeição da manhã, tomada na tenda, ao abrigo das primeiras árvores do oásis, o Sr. de Schaller disse ao capitão:

– Agora, meu caro Hardigan, deixemos Pistache, o Sr. François e os nossos homens proceder aos últimos preparativos da instalação. Queria fazer uma ideia mais exata das obras a efetuar nesta última seção do canal.

E percorreu-a em toda a sua extensão, a fim de avaliar a quantidade de entulho que fora lançado no seu interior.

E disse ao seu companheiro: – Certamente que estes nativos eram em grande número, e isso explica por que razão Pointar e o seu pessoal não lhes pôde fazer frente.

– Embora estes árabes, tuaregues ou outros, possam ter atacado em grande força, expulsando os operários, como conseguiram destruir a obra a este ponto, e lançar

tantos materiais no leito do canal? Isso deve ter exigido muito tempo, ao contrário do que nos disse Mezaki.

– Só o consigo explicar de uma maneira – replicou o Sr. de Schaller. Não havia nada para escavar; era apenas preciso entulhar e arrasar as margens para o interior do canal. Como ali havia apenas areias, se eles utilizaram o material que Pointar e os seus homens certamente abandonaram na sua fuga precipitada, e talvez também outro remanescente das obras primitivas, a tarefa terá sido muito mais simples do que eu pensava.

– Nesse caso – explicou o capitão Hardigan –, umas quarenta e oito horas teriam sido suficientes.

– Penso que sim – respondeu o engenheiro –, e calculo que as reparações poderiam realizar-se em quinze dias, no máximo.

– Ainda bem – observou o capitão. – Mas há uma medida que se impõe: proteger o canal até à inundação completa dos dois chotts, não só nesta seção do grande chott do Melrir, como em todas as outras. O que se passou aqui poderá acontecer noutros lados. Não há dúvida de que as populações do Djerid, e em particular os nômades, estão com os ânimos exaltados, e que os chefes das tribos as inflamam contra esta criação de um mar interior, e são sempre de temer ataques da sua parte. Assim, as autoridades militares têm de ser prevenidas. Com as guarnições de Birkra, de Nefta, de Tozeur e de Gabes, não será difícil estabelecer uma vigilância efetiva e pôr a obra ao abrigo de outra incursão.

Era isto, fundamentalmente, o que havia a fazer demais urgente, e o governador-geral da Argélia e o residente-geral na Tunísia tinham de ser postos ao

corrente da situação sem demora. Cabia-lhes salvaguardar os diversos interesses envolvidos neste grande empreendimento.

Porém, é absolutamente certo – como o engenheiro referiu várias vezes – que o Mar Saariano, quando estivesse em exploração, defender-se-ia por si próprio. Mas é preciso não esquecer que, no início do processo, se calculava que a inundação das depressões Rharsa e Melrir exigiam pelo menos um período de dez anos. Mais tarde, depois de um estudo mais aprofundado dos terrenos, este período foi reduzido para metade. Todavia, só era preciso manter a vigilância nas diversas estações ao longo dos dois canais, e não na parte inundável dos chotts. Mas é indubitável que os duzentos e vinte e sete quilômetros do primeiro e os oitenta do segundo eram uma extensão muito grande para guardar durante muito tempo. E, para responder à observação que lhe fez a este respeito o capitão Hardigan, o engenheiro limitou-se a repetir o que já havia dito relativamente à inundação dos chotts: – Continuo a pensar que este solo do Djerid, na parte compreendida entre o litoral e o Rharsa e o Melrir, nos reserva surpresas. Trata-se, na realidade, de uma crosta salífera, e eu próprio constatei que sofria certas oscilações com uma amplitude considerável. É pois admissível que o canal se vá alargar e aprofundar com a passagem das águas, e era com esta possibilidade que Roudaire contava, e tinha razões para isso, para completar a obra. Seria a natureza a colaborar com o génio humano, o que não me surpreende nada! As depressões consistem em leitos secos de antigos lagos, que, de uma forma mais ou menos brusca ou gradual, se tornarão mais profundos sob a ação das águas do que o

atualmente previsto. Assim, é minha convicção que a inundação completa demorará menos tempo do que supomos. Repito, o Djerid não está imune a certos abalos sísmicos, e estes movimentos só podem modificá-lo num sentido favorável ao nosso empreendimento! Enfim, meu caro capitão, veremos... veremos! Pela minha parte, não sou daqueles que desconfiam do futuro, mas dos que contam com ele! E que diria se, em menos de dois anos, ou mesmo em menos de um ano, toda uma frota de navios mercantes cruzasse a superfície do Rharsa e do Melrir, cheios até às bordas?

– Aceito as suas hipóteses, meu caro amigo – respondeu o capitão Hardigan. – Mas, quer se realizem em dois anos ou num ano, nem por isso deixará de ser necessário proteger com forças suficientes o trabalho dos operários.

– Com certeza – concluiu o Sr. de Schaller. – Também partilho dessa opinião, Hardigan. A vigilância do canal tem de ser estabelecida em toda a sua extensão e sem mais demora.

Com efeito, esta medida impunha-se, pelo que, no dia seguinte, logo após o regresso dos operários ao estaleiro, o capitão Hardigan pôr-se-ia em contato com o comandante militar de Biskra, ao qual enviaria um mensageiro. Entretanto, a presença do seu punhado de spahis talvez fosse suficiente para defender a seção, e, nestas condições, não seria de recear um novo ataque dos nativos.

Terminada a inspeção, o engenheiro e o capitão regressaram ao acampamento, cuja instalação prosseguia, e só restava aguardar o tenente, que estaria certamente de volta antes de anoitecer.

Nas circunstâncias em que se encontrava atualmente a expedição, uma das questões mais importantes era a do reabastecimento. Até agora a alimentação fora assegurada, quer pelas reservas dos dois carros, quer pelos víveres adquiridos nos povoados e aldeias desta parte do Djerid. As provisões não faltavam, nem para os homens, nem para os cavalos.

Ora, uma vez reactivado o estaleiro do Quilômetro 347, haveria que garantir o aprovisionamento de uma forma mais regular durante várias semanas. Deste modo, ao mesmo tempo que avisaria as autoridades militares das guarnições vizinhas, o capitão pediria que lhe fossem fornecidos víveres durante toda a sua estada no oásis.

Recorde-se que, nesse dia 13 de abril, desde o nascer do sol que densas nuvens se acumulavam no horizonte. Tudo apontava para que, não só a manhã, como também a tarde, fossem asfixiantes. Não havia dúvida de que se preparava no norte uma trovoadas de intensidade extrema.

Respondendo às observações do cabo Pistache a este respeito, o Sr. François declarou: – Não me espantaria que o dia fosse de trovoadas, e desde esta manhã que espero a todo o momento o desencadear de uma luta dos elementos nesta parte do deserto.

– Então por quê? – perguntou Pistache.

– Pelo seguinte, cabo: quando estava me barbeando, ao alvorecer, todos os meus pelos se eriçavam, e tornaram-se tão duros que tive de passar a navalha por duas ou três vezes. Eu diria que de cada ponta se desprendia uma pequena faísca.

– É curioso – respondeu o cabo, sem pôr minimamente em dúvida a afirmação de um homem

como o Sr. François.

Que o sistema piloso desse homem digno gozasse de propriedades elétricas semelhantes às da pele de gato, era provavelmente uma fantasia. Mas Pistache aceitava isso de bom grado.

– E então... esta manhã? – continuou ele, encarando o rosto bem escanhado do seu companheiro.

– Esta manhã, por mais inacreditável que pareça, as minhas faces e o queixo estavam cobertos de cintilações.

– Gostaria de ter visto isso! – respondeu Pistache.

Além do mais, mesmo sem ter em conta as observações meteorológicas do Sr. François, era certo que uma trovoadas se aproximava vinda do nordeste, e a atmosfera ficava a pouco e pouco saturada de electricidade.

O calor tornava-se pesado. Assim, depois da refeição do meio-dia, o engenheiro e o capitão decidiram dormir uma sesta prolongada. Embora protegidos sob a tenda e esta estivesse erguida debaixo das primeiras árvores do oásis, chegava até eles um calor tórrido, e nem a mais leve aragem se propagava no espaço.

Este estado de coisas não deixava de inquietar o Sr. de Schaller e o capitão. A esta hora, a trovoadas ainda não se tinha abatido sobre o chott Selem. Mas a sua violência fazia-se certamente já sentir no nordeste, e mais precisamente sobre o oásis de Gizeb. Os relâmpagos começavam a cruzar o céu desse lado, embora não se ouvisse ainda o ribombar dos trovões. Admitindo que, por qualquer razão, o tenente não pudesse ter partido antes da trovoadas, tudo levava a pensar que aguardaria que esta passasse mantendo-se

abrigado debaixo das árvores, ainda que tivesse de adiar o regresso ao acampamento para o dia seguinte.

– É provável que não o vejamos esta noite – observou o capitão Hardigan. – Se Villette tivesse partido esta tarde por volta das duas horas, estaria agora à vista do oásis.

– Mesmo com a perspectiva de chegar com um dia de atraso – respondeu o Sr. de Schaller —, o nosso tenente terá feito bem em não se aventurar com um céu tão ameaçador! Seria muito pior se ele e os seus homens fossem surpreendidos em plena planície, onde não haveria abrigo possível.

– É também a minha opinião – concluiu o capitão Hardigan.

A tarde ia avançando e não havia sinais da aproximação do pequeno grupo, nem sequer os latidos do Ás-de-Trunfo, que viria certamente à frente. Agora os relâmpagos iluminavam continuamente o espaço a menos de uma légua. A pesada massa de nuvens havia ultrapassado o zénite e abatia-se lentamente sobre o Melrir. Em menos de meia hora a trovoada estaria sobre o acampamento, dirigindo-se a seguir para o chott.

Entretanto, o engenheiro, o capitão Hardigan, o cabo e dois dos spahis tinham ido até à orla do oásis. Diante dos seus olhos estendia-se a vasta planície, onde, aqui e ali, os depósitos salinos refletiam a claridade dos relâmpagos.

Em vão os seus olhares interrogavam o horizonte.

Nenhum grupo de cavaleiros surgia deste lado.

– Com certeza – disse o capitão – que o destacamento nem se meteu ao caminho, pelo que não vale a pena esperá-lo antes de amanhã.

– Penso o mesmo, meu capitão – respondeu Pistache.  
– Mesmo depois da trovoada, com o cair da noite, no meio da escuridão, seria difícil dirigirem-se para Goleah.

– Villette é um oficial experiente, e podemos confiar na sua prudência. Regressemos ao acampamento, pois a chuva não tarda.

Mal tinham percorrido uma dezena de passos quando o cabo estacou: – Escute, meu capitão – disse ele. Voltaram-se todos.

– Parece-me ouvir ladrar... Será o cão do sargento? Puseram-se todos à escuta. Não! Nenhum latido durante as curtas acalmias. Pistache tinha-se certamente enganado.

Assim, o capitão Hardigan e os seus companheiros retomaram o caminho do acampamento e, após terem atravessado o oásis, cujas árvores se curvavam sob a violência do vento, voltaram para as tendas.

Alguns minutos mais tarde, teriam sido acometidos pelas rajadas que sopravam com violência no meio de uma chuva torrencial.

Eram nessa altura seis horas. O capitão tomou as suas disposições para essa noite, que se anunciava como uma das piores desde que a expedição deixara Gabes.

Havia seguramente razão para pensar que o atraso do tenente Villette se devera ao início da tremenda trovoada que o reteria no oásis de Gizeb até ao dia seguinte.

Porém, o capitão e o Sr. de Schaller não deixavam de sentir uma certa apreensão. Embora não lhes tivesse ocorrido a possibilidade de Mezaki se ter apresentado como um dos operários de Pointar, sem o ser de fato, e de ter preparado alguma maquinação criminosa contra a

expedição enviada ao Melrir, como poderiam esquecer o estado de espírito das populações nômade ou sedentárias do Djerid, a agitação que reinava entre as diversas tribos contra a criação do Mar Saariano? Recentemente ocorrera um ataque dirigido contra o estaleiro de Goleah, ataque que provavelmente se repetiria se as obras da seção fossem retomadas. É certo que Mezaki afirmava que os agressores, depois de terem dispersado os operários, se haviam retirado para o sul do chott. Mas provavelmente outros bandos percorriam a planície e, se encontrassem o destacamento do tenente Vilette, este seria dizimado pela desproporção de forças!

No entanto, refletindo bem, estes temores deviam ser exagerados. E o engenheiro e o capitão não conseguiam deixar de pensar neles. Mas não podiam prever que, se algum perigo ameaçava alguém, não era o tenente Vilette e os seus homens no caminho de Gizeb, mas o Sr. de Schaller e os seus companheiros no oásis.

Por volta das seis e meia, a trovoadá atingia o seu auge. Várias árvores foram fulminadas por raios, e por pouco a tenda do engenheiro não foi atingida pelo fluido eléctrico. A chuva caía torrencial, e o solo do oásis, trespassado pelos mil riachos que corriam para o chott, transformava-se numa espécie de outtâ pantanosa. Ao mesmo tempo, o vento soprava com uma terrível impetuosidade. Os ramos partiam-se como vidro, e muitas palmeiras, arrancadas pela raiz, vogavam à deriva.

Não era possível pôr os pés fora da tenda. Felizmente os cavalos puderam ser abrigados a tempo debaixo de um enorme tufo de árvores capazes de resistir ao

furacão, e, apesar do terror que lhes causava a trovoadas, foi possível contê-los.

O mesmo não aconteceu com as mulas que foram deixadas na clareira. Apavoradas com os relâmpagos, e mau grado todos os esforços dos condutores, fugiram através do oásis.

Um dos spahis veio prevenir o capitão, que exclamou: – É preciso trazê-las de volta custe o que custar!

– Os dois condutores foram atrás delas – respondeu o cabo.

– Que dois homens os acompanhem – ordenou o oficial. -Se as mulas saírem do oásis, estão perdidas. Não podemos apanhá-las na planície!

Apesar das rajadas que se abatiam sobre o acampamento, dois dos quatro spahis lançaram-se na direção da clareira, guiados pelos gritos dos condutores que por vezes se ouviam.

De resto, embora a intensidade dos relâmpagos não tivesse diminuído, o mesmo não se passou com as rajadas, que se acalmaram bruscamente, com menos vento e menos chuva. Mas a escuridão era profunda, e os homens só se conseguiam ver uns aos outros com a claridade das fulgurações eléctricas.

O engenheiro e o capitão Hardigan saíram da tenda, seguidos pelo Sr. François, o cabo e dois spahis que tinham ficado no acampamento.

Escusado será dizer que, dada a hora já avançada e a violência da tempestade que se estenderia certamente por uma parte da noite, não era de modo algum de esperar o regresso do tenente Villette. Ele e os seus

homens só se meteriam ao caminho no dia seguinte, quando a marcha através do Djerid fosse praticável.

Quais foram pois a surpresa e também a satisfação do capitão e dos seus companheiros quando ouviram latidos do lado norte.

Desta vez, não havia engano possível: um cão vinha em direção ao oásis, aproximando-se rapidamente.

– Ás-de-Trunfo!... é ele! – gritou o cabo. – Reconheço o latido.

– Isso quer dizer que Villette não está longe! – respondeu o capitão Hardigan.

Com efeito, se o fiel animal precedia o destacamento, não o fazia demais de umas centenas de passos.

Nesse momento, sem que nada anunciasse o seu aparecimento, três dezenas de nativas, após terem rastejado ao longo da orla do oásis, precipitaram-se sobre o acampamento. Sem terem tempo para perceber o que lhes estava a acontecer, o capitão, o engenheiro, o cabo, o Sr. François e os dois spahis foram cercados e imobilizados antes de se poderem defender. E, aliás, sendo tão poucos, que teriam podido fazer contra aquele bando que acabava de os surpreender?

Num instante, tudo foi pilhado e os cavalos foram levados para o Melrir.

Os prisioneiros, separados uns dos outros, impossibilitados de comunicar, viram-se empurrados para a superfície do chott, seguidos do cão, que se tinha lançado no seu rastro. E estavam já longe quando o tenente Villette chegou ao acampamento, onde não encontrou sinal dos homens que deixara nessa manhã, nem dos cavalos, que certamente teriam fugido durante o furacão.

## XIII

### O OÁSIS DE ZENFIG

O chott Melrir, compreendendo, a norte, os pântanos de Farfaria e, a sul, outras depressões da mesma natureza, como o chott Merouan, assemelha-se, na sua forma geométrica, a um triângulo rectângulo. Do norte a leste, a sua hipotenusa desenha uma linha quase recta desde a direção de Tahir-Nassou até um ponto situado abaixo do paralelo trinta e quatro e da extremidade do segundo canal. O seu lado maior, com um relevo caprichosamente acidentado, corre ao longo do referido paralelo e estende-se, como a leste, através de chotts secundários. A oeste, o lado menor sobe até ao povoado de Tahir-Nassou, seguindo aproximadamente uma direção paralela à linha do trans—saariano, projetado no prolongamento da linha Philippe-ville-Constantina-Batna-Biskra, cujo traçado tinha de ser modificado para evitar a construção de um ramal ligando-a a um porto do novo mar, na margem oposta à da desembocadura do segundo canal.

A largura desta grande depressão – embora menos extensa do que a superfície do Djerid e do Fedjedj – mede cinquenta e cinco quilômetros entre o ponto onde termina a última seção do canal e o porto a criar na costa ocidental num ponto a fixar definitivamente entre o Signal de Chegga e o wadi Ital – uma vez que, aparentemente, o projeto de chegar a Mráier, situado mais a sul, estaria abandonado. Mas ela só pode ser inundada em seis mil quilômetros quadrados, ou seja,

seiscentos mil hectares, dado que a área restante tem uma cota superior ao nível do Mediterrâneo.

Na realidade, o novo mar ocuparia oito mil quilômetros quadrados no conjunto dos dois chotts, ficando emersos, após o enchimento completo do Rharsa e do Melrir, cinco mil quilômetros quadrados.

Estas partes não inundadas tornar-se-iam assim ilhas. Formariam, no interior do Melrir, uma espécie de arquipélago constituído por duas grandes ilhas. A primeira, chamada Hinguiz, teria a forma de um rectângulo dobrado no meio do chott, que dividiria em duas partes; a outra ocuparia a zona extrema compreendida entre os dois lados do ângulo recto, junto a Strarie. Ficariam igualmente alguns ilhéus, que se iriam distribuir principalmente para sudeste, em linhas paralelas. Quando os navios se aventurarem a passar nos estreitos deste arquipélago, terão de ter rigorosamente em conta os levantamentos hidrográficos estabelecidos para diminuir os riscos desta perigosa navegação.

A extensão dos dois chotts que as águas iam cobrir continha alguns oásis com as suas tamareiras e terrenos agrícolas. Bem entendido, estas propriedades tiveram de ser compradas aos seus detentores. Mas, segundo os cálculos do capitão Roudaire, a indemnização não tinha ultrapassado os cinco milhões de francos, a cargo da Companhia Franco-estrangeira, que contava recuperar esse dinheiro dos dois milhões e quinhentos mil hectares de terras e de florestas que o governo lhe havia cedido.

Um dos mais importantes oásis do Melrir ocupava entre três e quatro quilômetros quadrados no meio do Hinguiz, na sua parte exposta a norte. Após a inundaçãõ, a sua orla seria pois banhada pelas águas setentrionais

do chott. Este oásis era rico em tamareiras da melhor espécie, cujos frutos, exportados pelas cáfilas, são procurados nos mercados do Djerid. Tinha o nome de Zenfig, e as suas relações com os principais povoados – La Hammâ, Nefta, Tozeur e Gabes – resumiam-se às visitas de raras caravanas no período das colheitas.

Debaixo das grandes árvores de Zenfig, abrigava-se uma população de trezentos a quatrocentos nativas de origem tuaregue, uma das tribos mais inquietantes do Saara. As casas do povoado, cerca de uma centena, preenchiam toda esta parte do oásis que se ia transformar em zona ribeirinha. Na zona do centro e no exterior estendiam-se campos cultivados e pastos que asseguravam a alimentação da tribo e dos seus animais domésticos. Um wadi destinado a tornar-se um braço do novo mar, e mais alguns pequenos riachos da ilha, eram suficientes para as necessidades da população.

Como se disse, o oásis de Zenfig mantinha apenas relações esporádicas com os outros oásis da província de Constantina. Só os tuaregues nômades, que percorriam o deserto, iam ali reabastecer-se. Era um oásis temido e temível. As caravanas evitavam, na medida do possível, passar nas proximidades. Foram muitas as vezes em que bandos vindos de Zenfig as vieram atacar na zona do Melrir!

Note-se que os acessos ao oásis eram muito difíceis e perigosos. Em todo o Hinguiz, o solo do chott não apresentava consistência nenhuma. Por todo o lado havia areias movediças, capazes de tragar uma cáfila inteira. Através destas zonas constituídas por terrenos pliocenos e areias impregnadas de gesso e sal, havia apenas algumas veredas praticáveis, só conhecidas dos seus

habitantes, e que era preciso seguir para chegar ao oásis, sob pena de se ser engolido pelas areias movediças. Era evidente que o Hinguiz iria ficar facilmente acostável quando as águas cobrissem esta crosta mole onde os pés não conseguiam encontrar um ponto de apoio. Mas era precisamente isso que os tuaregues não queriam permitir. Era aí que se encontrava o foco mais activo e mais inflamado da oposição. De Zenfig partiam apelos incessantes a esta “guerra santa” contra os estrangeiros. Entre as diversas tribos do Djerid, a de Zenfig tinha uma posição de destaque, e a influência que exercia sobre a confederação não deixava de ser grande. E podia estendê-la com toda a segurança sem recear ser incomodada no seu refúgio quase inacessível. Mas esta situação predominante desvanecer-se-ia totalmente no dia em que as águas do Sirte Menor, inundando os chotts até à borda, fizessem do Hinguiz a ilha central do Melrir.

Fora no oásis de Zenfig que a raça tuaregue se tinha conservado na sua pureza original. Aí, os usos e costumes não sofreram nenhuma alteração. Os homens têm um porte elegante, a fisionomia grave, a atitude orgulhosa, o caminhar lento, impregnado de dignidade; usam um anel de serpentina verde que, segundo eles, confere mais força ao braço direito. Corajosos de temperamento, não receiam a morte. Envergam ainda o traje dos seus antepassados, a gandoura\* de algodão do Sudão, camisa branca e azul, calça apertada no tornozelo, sandálias de couro, a chechia\*\* fixa na cabeça por um lenço enrolado formando um turbante, no qual se prende o véu, que desce até à boca e protege os lábios da poeira.

*\*1. Gandoura (palavra árabe do Magreb): espécie de túnica sem mangas usada embaixo do albornoz. (N. T.)*

*\*2. Chechia: barrete de Zuavo (soldado da infantaria do exército francês da Argélia). (N. T.)*

As mulheres, magníficas, de olhos azuis, sobrancelhas espessas, pestanas longas, andam de rosto descoberto e nunca o ocultam, a não ser diante de estranhos, por respeito. Não encontramos mais de uma mulher nos lares tuaregues, que, contra os preceitos do Alcorão, não admitem a poligamia, embora aceitem o divórcio.

Nesta região do Melrir, os tuaregues formavam como que uma população à parte. Não se misturava com as outras tribos do Djerid. Os chefes só conduziam os fiéis para fora dos seus domínios na perspectiva de uma incursão proveitosa, para pilhar uma caravana ou exercer represálias contra um oásis rival. E, na realidade, estes tuaregues de Zenfig eram temíveis piratas que por vezes lançavam os seus ataques nas planícies da baixa Tunísia até à zona de Cabes. As autoridades militares organizaram expedições contra estes salteadores, mas eles tinham-se retirado sem demora para os seus longínquos refúgios no Melrir.

De resto, embora o targui seja sóbrio, não se alimentando de peixe nem de caça, consumindo apenas pouca carne, e lhe bastem as tâmaras, os figos, as bagas da “Salvadora pérsica”, a farinha, os lacticínios e os ovos, não deixa de ter escravos ao seu serviço, os imrhad, encarregados das tarefas pesadas, pois despreza toda a espécie de trabalho. Os ifguna, os marabutos e os vendedores de amuletos exerciam uma forte influência sobre a raça tuaregue, em particular nesta região do

Melrir. Eram estes fanáticos que pregavam a revolta contra o projeto de um Mar Saariano. Por outro lado, o targui é supersticioso, acredita nos espíritos, receia as almas do outro mundo, a ponto de não chorar os seus mortos com medo de os ressuscitar, e, nas famílias, o nome do defunto extingue-se com ele.

Era esta, em linhas gerais, a tribo de Zenfig, à qual pertencia Hadjar. Ela reconhecera-o sempre como seu chefe até ao dia em que caiu nas mãos do capitão Hardigan.

Era este também o berço da sua família, que detinha o poder absoluto sobre esta população especial de Zenfig, bem como sobre as outras tribos do Melrir. Na superfície do chott, em diversos pontos do Hinguiz e do vasto perímetro da depressão, existiam numerosos oásis.

A par de Hadjar, a sua mãe Djemma era objeto de grande veneração por parte das tribos tuaregues. Entre as mulheres de Zenfig, esse sentimento ia mesmo até à adoração. Todas partilhavam o ódio que Djemma cultivava contra os estrangeiros. Ela fanatizava-as do mesmo modo que o filho fanatizava os homens, e recordemos a influência que Djemma exercia sobre Hadjar -influência que todas as mulheres tuaregues possuem. Aliás, elas são mais instruídas do que os seus maridos e irmãos. Sabem escrever, enquanto o targui mal sabe ler, e, nas escolas, são elas que ensinam a língua e a gramática. A sua oposição ao projeto do capitão Roudaire tinha-se manifestado sem falhas desde o primeiro dia.

Era esta a situação antes da prisão do chefe tuaregue. As diversas tribos do Melrir, bem como a de Zenfig, iam ficar arruinadas com a inundação dos chotts.

Já não poderiam continuar a exercer a pirataria como modo de vida. Nem mais uma cáfila atravessaria o Djerid entre Biskra e Gabes. E, além do mais, seria mais fácil atingi-las nos seus refúgios, pois nessa altura os navios podiam aproximar-se e elas deixariam de contar, para se protegerem, com o solo movediço em que cavalos e cavaleiros se viam na iminência de ser engolidos a cada passo.

Sabemos já em que condições Hadjar fora feito prisioneiro, após um recontro com os spahis do capitão Hardigan, como fora encarcerado no forte de Gabes, e como, com a ajuda da mãe, do irmão e de alguns dos seus fiéis, Ahmet, Harrig e Horeb, conseguira evadir-se na véspera do dia em que um navio de guerra o ia transportar para Tunes, para aí ser julgado em conselho de guerra. Ficamos a saber agora que Hadjar, após a fuga, atravessou a região das sebkha e dos chotts e voltou ao oásis de Zenfig, onde Djemma não tardaria a reunir-se-lhe.

Entretanto, a notícia da prisão de Hadjar, quando foi conhecida em Zenfig, provocou no oásis uma extraordinária emoção. O chefe tuaregue ao qual os seus partidários se tinham devotado até à morte, nas mãos dos seus impiedosos inimigos? Podia haver alguma esperança de que lhes conseguisse escapar? Não estava já condenado antecipadamente?

Foi pois com enorme entusiasmo que o seu retorno foi saudado. O fugitivo foi levado em triunfo. De todos os lados soaram detonações de alegria; de todas as partes se ouviram bater os tabel, que são tambores, e tocar os rebaza, os violinos das orquestras tuaregues. Aproveitando este delírio incrível, bastaria um sinal de

Hadjar para que todos os seus fiéis se lançassem ao assalto dos povoados do Djerid!

Mas Hadjar soube conter as fogosas paixões dos tuaregues. Perante a ameaça do recomeço das obras, o mais urgente era garantir a segurança dos oásis do canto sudoeste do chott. Era preciso não deixar os estrangeiros transformarem o Melrir numa vasta bacia navegável, percorrida por navios em todos os sentidos. Assim, havia que começar por perturbar as obras do canal.

Mas, ao mesmo tempo, Hadjar soube que a expedição, comandada pelo capitão Hardigan, faria alto menos de quarenta e oito horas depois na extremidade do canal, onde devia encontrar uma outra vinda da província de Constantina.

Daí este ataque que Hadjar, em pessoa, desferiu contra a última seção, e que acabava de pôr em debandada os primeiros operários da Sociedade. A ação envolvera várias centenas de tuaregues. A seguir, com o canal meio entulhado, retomaram o caminho de Zenfig. E se Mezaki lá ficou, foi porque o seu chefe assim o determinou, e se este homem declarou que Hadjar não interviera no ataque ao estaleiro, foi para enganar o capitão, e se afirmara que os operários se tinham então refugiado em Gizeb, foi para que uma parte do destacamento para aí fosse enviado, e, por fim, se atualmente o engenheiro, o capitão e quatro dos seus companheiros estavam prisioneiros de Hadjar, foi porque, surpreendidos por três dezenas de tuaregues, emboscados sob as ordens de Sohar nas imediações de Goleah, tinham sido levados para o oásis de Zenfig, antes da chegada dos spahis do tenente Villette.

Juntamente com os seis prisioneiros, os tuaregues apoderaram-se dos cavalos que ficaram no acampamento, os do engenheiro, do oficial, do cabo e dos dois spahis. O Sr. François, que viera num dos carros da expedição desde a partida de Gabes, não estava a cavalo. Mas os cavalos e os mearis que haviam trazido o bando dos tuaregues, aguardavam a duzentos passos do estaleiro.

Os prisioneiros foram então obrigados a montar nos seus cavalos, enquanto um dos camelos foi reservado para o Sr. François que, atabalhoadamente, lá se alcandorou em cima do animal. Depois, o grupo desapareceu no meio daquela noite de tempestade, debaixo de um céu em fogo.

Refira-se que o cão do sargento Nicol chegara no momento do ataque, e Sohar, como não sabia que ele vinha à frente do destacamento, deixou-o ir atrás dos prisioneiros.

Prevendo este ataque organizado por Hadjar, os tuaregues tinham-se munido de víveres para alguns dias, e dois mearis, carregados de provisões, asseguravam a alimentação do bando até ao seu regresso.

Mas a viagem iria ser muito penosa, pois tratava-se de percorrer cerca de cinquenta quilômetros entre a extremidade oriental do chott e o oásis de Zenfig.

A primeira etapa levou os prisioneiros até ao local onde Sohar havia parado antes de atacar o acampamento de Goleah. Foi aí que os tuaregues se detiveram para repousar, depois de tomadas todas as precauções para evitar a fuga do capitão e dos seus companheiros. Estes pasSaaram uma noite horrível, pois as rajadas de vento só acalmaram com o aproximar da

manhã. E, como abrigo, dispunham apenas da folhagem de um pequeno bosque de palmeiras. Encolhidos uns contra os outros, enquanto os tuaregues circulavam à sua volta, não podiam fugir, mas pelo menos podiam falar. É claro que o tema da conversa era esta agressão tão inesperada de que tinham sido vítimas. Nada permitia afirmar que houvesse aqui mão de Hadjar. Mas o espírito de revolta que atravessava as diversas tribos do Djerid, e em particular do Melrir, mais do que explicava o que se estava a passar. Alguns chefes tuaregues deviam ter tido conhecimento da próxima chegada de um destacamento de spahis ao estaleiro. Teriam sabido por nômades que um engenheiro da Companhia vinha inspecionar a zona do Melrir, antes que os últimos golpes de picareta esventrassem a soleira de Gabes.

E o capitão Hardigan interrogou-se, e desta vez seriamente, se não teria sido enganado por aquele nativo que encontraram na véspera em Goleah, e partilhou as suas suspeitas com os companheiros.

– Deve ter razão, meu capitão – declarou o cabo. – Este animal nunca me inspirou confiança.

– Mas então – observou o engenheiro – o que é feito do tenente Villette? Nesse caso não encontrou Pointar nem os trabalhadores no oásis de Gizeb.

– Admitindo que ele chegou lá – continuou o capitão. – Se Mezaki for o traidor que suspeitamos, o seu único fito foi afastar Villette e os seus homens e desaparecer em seguida.

– Quem sabe se não vai juntar-se ao bando que nos atacou! – exclamou um dos spahis.

– Não me admiraria nada – confessou Pistache. – E quando pensamos que foi por pouco, nem um quarto de

hora, que o nosso tenente não chegou a tempo de carregar sobre estes malditos mouros e libertar-nos!

– É verdade – acrescentou o Sr. François —, o destacamento não podia estar longe, pois ouvimos os latidos do cão quase na altura em que os tuaregues atacaram de surpresa.

– Ah! Ás-de-Trunfo... Ás-de-Trunfo! – repetia o cabo Pistache. – Onde estará? Terá nos seguido? Ou terá voltado para o dono para o alertar?

– Está aqui! Está aqui! – exclamou nesse momento um spahi.

Pode imaginar-se o acolhimento que teve Ás-de-Trunfo. As carícias que lhe prodigalizaram e os beijos que Pistache lhe deu na cabeça!

– Sim... Ás-de-Trunfo, sim! Somos nós! E os outros! E o nosso sargento Nicol... o teu dono... conseguiu chegar?

O Ás-de-Trunfo teria respondido de boa vontade com latidos significativos, mas o cabo o fez calar-se. Os tuaregues deviam pensar que o cão estava com o capitão no acampamento de Goleah e era natural que os tivesse seguido.

E para onde os levariam? Para que parte do Djerid? Talvez para algum oásis perdido do chott Melrir, ou para as profundezas do imenso Saara?

Quando amanheceu, foram fornecidos alimentos aos prisioneiros, uma espécie de bolo de cuscuz e tâmaras, e, para beber, água de um wadi que banhava a orla do pequeno bosque.

De onde se encontravam, podiam ver todo o chott, cujos cristais salinos cintilavam ao sol levante. Mas, para leste, a vista estava obstruída por uma barreira de dunas

que se elevava desse lado. Era pois impossível distinguir o oásis de Goleah.

Foi portanto em vão que o Sr. de Schaller, o capitão Hardigan e os seus companheiros se viraram para leste, porventura na esperança de avistar o tenente a caminho desta parte do chott.

– Assim – repetia o oficial —, não há dúvida de que Villette chegou ontem à noite a Goleah. E, como já não nos encontrou, e tendo visto o acampamento abandonado, certamente que se pôs imediatamente à nossa procura.

– Isso se ele próprio não foi atacado quando subiu em direção ao oásis de Gizeb – observou o engenheiro.

– Sim, sim, tudo é possível – respondeu Pistache —, sobretudo com o Mezaki! Ah... se alguma vez me cair nas mãos, espero que me cresçam garras para lhe retalhar a pele de tratante!

Nesse momento, Sohar deu ordem de partida. E o capitão Hardigan dirigindo-se a ele, perguntou: – Que querem de nós? Sohar não respondeu.

– Para onde nos levam?

Sohar limitou-se a ordenar com brutalidade: – A cavalo.

Foi preciso obedecer e, o que foi particularmente desagradável, o Sr. François, nesse dia, não pôde fazer a barba.

Nesse instante, o cabo não conteve um grito de indignação: – Lá está ele! Lá está ele! – repetia.

Todos os olhares se viraram para a personagem que Pistache indicava aos seus companheiros.

Era Mezaki. Após ter conduzido o destacamento até Gizeb, havia desaparecido, e, durante a noite, viera

juntar-se ao bando de Sohar.

– Não há nada a dizer a esse miserável! – acrescentou o capitão Hardigan e, como Mezaki o olhava com insolência, voltou-lhe as costas.

E o Sr. François expressou-se da seguinte maneira: – Decididamente, este targui não parece ser uma pessoa recomendável.

– Tens toda a razão! – replicou Pistache, tratando por tu o Sr. François pela primeira vez, com o que este homem, tão distinto, se dignou não se sentir magoado.

À trovoada da véspera sucedeu um tempo ótimo. Nem uma nuvem no céu, nem um sopro à superfície do chott. A caminhada foi penosa. Não havia sinal de oásis nesta parte da depressão, e o grupo só encontraria o abrigo das árvores quando chegassem ao Hinguiz.

Sohar acelerava o passo. Tinha pressa de chegar a Zenfig, onde o esperava o irmão. De resto, nada podia ainda fazer pensar aos prisioneiros que tinham caído nas mãos de Hadjar. O capitão Hardigan e o Sr. de Schaller haviam chegado à conclusão de que esta última agressão não tivera por objeto a pilhagem do acampamento de Goleah, que não valia a pena. O ataque fora sim uma represália das tribos do Melrir, e quem sabe se o capitão e os seus companheiros não iriam pagar com a liberdade, e porventura com a vida, este projeto de um Mar Saariano!

Esta primeira jornada incluiu duas etapas, ou seja, no total, um trajeto de vinte e cinco quilômetros. O calor foi, senão sufocante, uma vez que o tempo não estava tempestuoso, pelo menos extremamente intenso. Quem sofreu mais durante a marcha foi certamente o Sr.

François, encavalitado no dorso de um meari. Pouco habituado aos solavancos deste tipo de montada, estava literalmente quebrado, e foi preciso atá-lo para não cair, tão duro era o trote do animal. A noite passou-se tranquilamente; o silêncio só era perturbado pelos rugidos roucos das feras que deambulavam pela superfície do chott. Durante estas primeiras etapas, Sohar deve ter seguido trilhos que conhecia bem para não se deixar atolar nas areias movediças. Mas, no dia seguinte, o caminho fez-se sobre o solo do Hinguiz, que se apresentava bastante consistente. Deste modo, as marchas deste 15 de Abril fizeram-se em melhores condições do que na véspera, e, ao cair da tarde, Sohar parava no oásis de Zenfig com os seus prisioneiros. E qual não foi a surpresa de todos, e a inquietação que sentiram, aliás mais do que justificada, quando se viram na presença de Hadjar!

## XIV

### NO CATIVEIRO

Os prisioneiros de Sohar foram levados para o antigo bordj do povoado. Desde há muitos anos que se encontrava em ruínas. As suas muralhas deterioradas coroavam uma colina de altura mediana na orla setentrional do oásis. Outrora, este castelo, que era um simples forte, fora utilizado pelos tuaregues de Zenfig durante as grandes lutas entre tribos em toda a região do Djerid. Todavia, após a pacificação, ninguém se preocupou em repará-lo nem em conservá-lo.

Um sour, destruído em muitos pontos, servia de cerca a este bordj, encimado por uma soumaah, espécie de minarete a que faltava já a cúpula, de onde se tinha uma vista que se estendia amplamente em todos os sentidos.

No entanto, mesmo arruinado, o bordj continha ainda algumas partes habitáveis na sua zona central. Duas ou três salas, que davam para um pátio interior, sem móveis, sem cortinas, separadas por paredes espessas, podiam servir de abrigo contra as rajadas durante o Verão e o frio durante o Inverno.

Foi para aqui que conduziram o engenheiro, o capitão Hardigan, o cabo Pistache, o Sr. François e os dois spahis, quando chegaram a Zenfig.

Hadjar não lhes havia dirigido uma só palavra, e Sohar, que os levou para o bordj sob a escolta de uma dúzia de tuaregues, não respondeu a nenhuma das suas perguntas.

Escusado será dizer que, quando o acampamento foi atacado, o capitão Hardigan e os seus companheiros não tiveram a possibilidade de lançar mão das suas armas, sabres, revólveres ou carabinas. Aliás, foram depois revistados, desapossados do pouco dinheiro que traziam, e aqueles grosseirões chegaram ao ponto de roubar a navalha de barba a um Sr. François legitimamente indignado.

Mal Sohar os deixou sós, o capitão e o engenheiro começaram a explorar o bordj.

– Quando estamos encarcerados numa prisão – observou o Sr. de Schaller —, a primeira coisa a fazer é visitá-la.

– E a segunda é evadirmo-nos – acrescentou o capitão Hardigan.

Assim, percorreram o pátio interior, no meio do qual se elevava o minarete. Foram obrigados a constatar que as muralhas que o cercavam, com uma altura de vinte pés, eram intransponíveis. Não conseguiram descobrir nenhuma brecha, como havia no sour exterior que limitava o caminho de ronda. Uma só porta, que se abria para esse caminho, dava acesso ao pátio central. Fora fechada por Sohar, e os seus grossos batentes, guarnecidos de chapas de ferro, eram impossíveis de arrombar. Ora, essa porta constituía a única saída, e, além disso, era improvável que as imediações do bordj estivessem sem vigilância.

A noite tinha caído, uma noite que os prisioneiros iriam passar numa completa escuridão. Não tinham possibilidade nenhuma de conseguir alguma luz. Alimentos também não havia. Durante as primeiras horas, esperaram em vão que lhes trouxessem víveres,

bem como água, dado estarem atormentados pela sede. A porta não se abriu.

Os prisioneiros esquadriharam o pátio na claridade do curto crepúsculo, tendo-se em seguida reunido num dos quartos adjacentes, onde alguns feixes de alfa seca lhes serviram de catre. Foi então que se abandonaram a reflexões bem tristes. No decurso da conversa que tiveram, o cabo, a certa altura, disse:

– Será que estes bandidos nos querem deixar morrer de fome?

Não, não era isso que havia a recear. Antes da última etapa, a dez quilômetros de Zenfig, o bando tuaregue interrompera a marcha e os cativos tiveram então direito à sua parte das provisões transportadas nos mearis. É claro que, à noite, o capitão Hardigan e os seus companheiros teriam gostado de comer qualquer coisa, mas a fome só se tornaria intolerável no dia seguinte se, de madrugada, não lhes fornecessem comida em quantidade suficiente.

– Vamos tentar dormir – disse o engenheiro.

– E sonhar que estamos diante de uma mesa bem servida -acrescentou o cabo —, com costeletas, pato recheado, salada...

– Continue, cabo – recomendou o Sr. François. – E já agora uma boa sopa de toucinho vinha mesmo a calhar!

Quais seriam as intenções de Hadjar relativamente aos prisioneiros? Certamente que havia reconhecido o capitão Hardigan. Não pretenderia castigá-lo, agora que estava nas suas mãos? Não o mandaria matar, a ele e aos seus companheiros?

– Creio que não – declarou o Sr. de Schaller. – Não é provável que tenhamos a vida em perigo. Pelo contrário,

os tuaregues têm interesse em conservar-nos como reféns e garantia para o futuro. Ora, para impedir que as obras do canal sejam concluídas, é de supor que Hadjar e os tuaregues repitam os ataques contra o estaleiro do Quilômetro 347, se os operários da Sociedade para lá voltarem. Hadjar pode falhar outra tentativa. Pode cair de novo nas mãos das autoridades, e, desta vez, seria tão bem guardado que não conseguiria fugir. Deste modo, é conveniente para ele que estejamos ainda em seu poder, até ao dia em que, ameaçado de voltar a ser preso, venha dizer: “A minha vida e a dos meus companheiros em troca dos prisioneiros.” Com certeza que a proposta não seria recusada. E penso que esse dia está próximo, dado que, a esta hora, o duplo golpe de audácia de Hadjar já deve ser conhecido, e em breve terá de se haver com tropas, maghzen e goums, enviadas para nos libertar.

– É possível que tenha razão – respondeu o capitão Hardigan. – Mas não podemos esquecer que Hadjar é um homem vingativo e cruel. Neste aspecto, a sua reputação está estabelecida. E pensar como nós pensaríamos, não está na sua natureza. Tem uma vingança pessoal a exercer.

– E precisamente contra si, meu capitão – observou o cabo Pistache —, uma vez que o apanhou há algumas semanas.

– É verdade, cabo, e surpreende-me mesmo que, depois de me ter reconhecido, e sabendo quem eu era, não tenha exercido logo alguma violência contra mim! De resto, veremos... O que é certo é que nos encontramos nas suas mãos e que ignoramos o destino

de Villette e de Pointar, do mesmo modo que eles desconhecem o nosso.

“Dito isto, não sou homem, meu caro de Schaller, para ser o preço da liberdade de Hadjar, nem para ser o troféu da sua vida de malfeitor.

“Custe o que custar, temos de fugir, e, quando me parecer ter chegado o momento propício, farei o impossível para sair daqui. No que me diz respeito, quero ser livre, e não um prisioneiro trocado quando me apresentar diante dos meus camaradas, e quero também conservar a vida para me voltar a encontrar face a face, com o revólver ou o sabre na mão, com o bandido que, usando da surpresa, se apoderou de nós.

Enquanto o capitão Hardigan e o Sr. de Schaller engendravam planos de evasão, Pistache e o Sr. François, embora decididos a seguir os seus chefes, contavam mais com o auxílio do exterior, e talvez mesmo com a inteligência do seu amigo Ás-de-Trunfo.

Esta era, de fato, a situação, e havia que reconhecê-lo.

Recordemos que, após a partida dos prisioneiros, o Ás-de-Trunfo os havia seguido até Zenfig, sem que os tuaregues se preocupassem em enxotá-lo. Mas, quando o capitão Hardigan e os seus companheiros foram conduzidos ao bordj, não deixaram o fiel animal entrar com eles. Isso teria sido intencional? Era difícil dizer. Do que não resta dúvida é que todos lamentavam o cão não estar ali com eles. E, no entanto, se o estivesse, o que poderia fazer para os ajudar, por mais inteligente e devotado que fosse?

– Não sabemos, não sabemos – repetia o cabo Pistache, conversando com o Sr. François. – Por instinto,

os cães têm ideias que os homens não têm. Se falássemos ao Ás-de-Trunfo do seu dono Nicol e do seu amigo Vai-Avante, talvez ele se lançasse à sua procura. É verdade que, tal como não podemos sair deste maldito pátio, o Ás-de-Trunfo também não o poderia fazer! Seja como for, gostava de o ter aqui! E oxalá estes brutos não o maltratem!

O Sr. François contentou-se em abanar a cabeça, coçando o queixo e as faces, já ásperos com o crescimento dos primeiros pelos.

Os prisioneiros, depois de terem esperado em vão que lhes trouxessem comida, limitaram-se a procurar um pouco de repouso, coisa de que sentiam muita necessidade. Estenderam-se sobre os feixes de alfa e lá conseguiram adormecer, uns mais tarde que outros. Acordaram ao amanhecer depois de uma noite muito mal passada.

– Lá por não termos jantado ontem à noite – objetou com justeza o Sr. François —, devemos concluir que hoje não vamos tomar pequeno-almoço?

– Seria desagradável, direi mesmo deplorável! – replicou o cabo Pistache, que bocejava abrindo tanto a boca que quase deslocava os queixos, não de sono, desta vez, mas de fome.

Os prisioneiros não tardaram a saber a resposta para essa questão, que tanto os interessava. Uma hora depois, Ahmet acompanhado de uma dúzia de tuaregues entrou no pátio para deixar bolo semelhante ao da véspera, carne fria e tâmaras, em quantidade suficiente para seis pessoas durante um dia. Uns poucos de cântaros continham água em abundância proveniente de um wadi que atravessava o oásis de Zenfig.

Mais uma vez, o capitão Hardigan quis saber o destino que o chefe tuaregue lhes reservava, e questionou Ahmet.

Este, tal como Sohar na véspera, não se dispôs a responder. Tinha certamente ordens a esse respeito e deixou o pátio sem ter pronunciado uma única palavra. Decorreram três dias e a situação não sofreu qualquer alteração. A evasão do bordj parecia impossível, pelo menos procurando transpor as altas muralhas, pois, sem uma escada, isso não tinha qualquer viabilidade. Se conseguissem saltar o muro, talvez o capitão Hardigan e os seus companheiros, ao abrigo da escuridão, pudessem fugir através do oásis. Aparentemente o bordj nem sequer estava vigiado pela parte de fora, e, nem de noite nem de dia, se ouviam passos no caminho de ronda. Na realidade, nem era preciso, dado que as muralhas representavam um obstáculo intransponível e a porta do pátio era impossível de arrombar.

De resto, desde o primeiro dia de cárcere que o cabo Pistache efetuara um trabalho de reconhecimento da disposição do oásis. Depois de denodados esforços, e muitas vezes com o risco de se ferir gravemente numa queda, conseguira subir a escada arruinada do minarete até ao topo, já sem a cúpula.

Daí, olhando pelas frestas mais altas, e usando de todos os cuidados para não ser descoberto, observou o amplo panorama que se apresentava à sua frente.

Debaixo dele, em volta do bordj, estendia-se o povoado entre as árvores do oásis de Zenfig. Para além deste, prolongava-se o território do Hinguiz numa extensão de três a quatro quilômetros de leste a oeste. Para o lado norte, erguia-se grande número de

habitações, muito brancas no meio da verdura sombria. Uma delas destacava-se pelo lugar que ocupava, pelo conjunto de edifícios entre os seus muros, pelo movimento que se produzia diante da porta e pelo número de estandartes que a brisa agitava por cima da entrada, o que fez o cabo concluir que se devia tratar da morada de Hadjar; e não se enganava.

Na tarde do dia 20, o cabo ocupou mais uma vez o seu posto de observação no cimo do minarete e verificou que havia uma grande animação no povoado, cujas casas se iam esvaziando a pouco e pouco. Através do oásis, viam-se muitos nativos que chegavam de diversos pontos do Hinguiz. E não se tratava de caravanas de comércio, dado que nenhum meari nem qualquer animal de carga os acompanhava.

Quem sabe se, convocada por Hadjar, não estaria prestes a reunir-se nesse dia uma assembleia em Zenfig? E, com efeito, em breve a praça principal foi invadida por uma multidão.

Vendo o que se passava, o cabo considerou que o capitão devia ser informado, e chamou-o.

O capitão Hardigan foi de imediato ter com Pistache no estreito refúgio do minarete, mas só com grande esforço conseguiu içar-se para junto dele.

Não havia engano nem dúvida possíveis: nesse momento estava reunida em Zenfig uma espécie de conferência envolvendo várias centenas de tuaregues. Do cimo da souma'ah, ouviam-se gritos, viam-se gestos, e essa efervescência só terminou com a chegada de um personagem, seguido de um homem e de uma mulher, que saíram da casa indicada pelo cabo como devendo ser a do chefe tuaregue.

– É o Hadjar! É ele! – exclamou o capitão Hardigan. -  
Reconheço-o.

– Tem razão, meu capitão – respondeu  
Pistache. – Também estou reconhecendo.

Era de fato Hadjar, com a mãe, Djemma, e o irmão,  
Sohar; logo que entraram na praça, foram aclamados.

Depois fez-se silêncio. Hadjar, rodeado pela multidão,  
tomou a palavra, e, durante uma hora, discursou perante  
aquela massa de nativas, por vezes interrompido por  
clamores entusiásticos. Mas, nem o capitão, nem o cabo,  
conseguiram ouvir o que disse. Quando a reunião  
acabou, ouviram-se novos gritos; Hadjar regressou à sua  
casa e o povoado readquiriu a tranquilidade habitual.

O capitão e Pistache desceram de novo para o pátio e  
contaram aos companheiros o que haviam observado.

– Penso – disse o engenheiro – que esta reunião foi  
feita para protestar contra a inundação dos chotts, e que  
será sem dúvida seguida de um novo ataque.

– Também sou dessa opinião – declarou o capitão  
Hardigan. – Isso poderá indicar que Pointar se voltou a  
instalar na seção de Goleah.

– A menos que ele estivesse se referindo a nós –  
disse o cabo Pistache – e que todos estes patifes se  
tivessem reunido com o único propósito de assistir ao  
massacre dos prisioneiros!

Àquela observação seguiu-se um longo silêncio. O  
capitão e o engenheiro trocaram um olhar que traía os  
seus pensamentos secretos. Havia razões para temer  
que o chefe targui estivesse decidido a exercer  
represálias, que quisesse dar o exemplo de uma  
execução pública e que, com esse objetivo, tivessem sido  
convocadas para Zenfig diversas tribos do Hinguiz. E, por

outro lado, como conservar a esperança de que pudesse chegar socorro de Biskra, ou de Goleah, dado que o tenente Villette certamente ignorava para que local os prisioneiros haviam sido levados, e nas mãos de que tribo tinham caído?

Ora, antes de descerem do minarete, o capitão Hardigan e o cabo percorreram com o olhar, uma última vez, toda a parte do Melrir que se estendia à sua frente. Estava deserto a norte e a sul, deserto igualmente na zona que se prolongava para leste e para oeste, dos dois lados do Hinguiz, que se transformaria numa ilha após a inundação do chott. Não se via uma única caravana em toda aquela vasta depressão. Quanto ao destacamento do tenente Villette, admitindo que as suas buscas o tivessem conduzido a Zenfig, que teria podido fazer, com o seu punhado de homens, contra o povoado?

Assim, só restava aguardar os acontecimentos, mas no meio de uma grande apreensão! De um momento para o outro, a porta do bordj podia abrir-se para dar passagem a Hadjar e aos seus sequazes.

Seria possível resistir-lhes, se o chefe targui ordenasse que fossem conduzidos à praça para serem mortos? E o que não acontecera naquele dia não poderia acontecer no dia seguinte?

No entanto, o dia passou sem que se tivesse registrado qualquer alteração na situação.

As provisões que lhes haviam deixado de manhã no pátio foram suficientes, e, quando a noite caiu, os prisioneiros deitaram-se na cama de alfa, na divisão onde haviam dormido nas noites anteriores.

Mas estavam recolhidos não havia ainda meia hora quando se ouviu um ruído no exterior. Seria um targui

que subia o caminho de ronda? A porta ir-se-ia abrir? Hadjar mandara buscar os prisioneiros?

O cabo levantou-se imediatamente e, agachado contra a porta, pôs-se à escuta.

Não era um ruído que lhe chegava aos ouvidos, mas uma espécie de ganido abafado e lamentoso. Um cão rondava junto ao sour exterior.

– Ás-de-Trunfo... É ele! É ele! – gritou Pistache. E, deitando-se na soleira da porta:

– Ás-de-Trunfo! Ás-de-Trunfo! – repetia ele. – És tu, meu bom cão?

O animal reconheceu a voz do cabo como teria reconhecido a do seu dono, Nicol, e respondeu com novos latidos semi-contidos.

– Sim, somos nós... Ás-de-Trunfo... somos nós! – repetia ainda Pistache. – Ah! se pudesses encontrar o sargento, e o seu velho amigo, o teu companheiro Vai-Avante... o Vai-Avante... ouves? E preveni-los que estamos fechados neste tugúrio!

O capitão Hardigan e os outros aproximaram-se da porta. Se pudessem servir-se do cão para comunicar com os companheiros! Talvez um bilhete preso na coleira! E, quem sabe, se, com o seu instinto, o fiel animal não seria capaz de encontrar o tenente? E Villette, ficando a saber onde estavam os companheiros, poderia tomar medidas para os libertar!

Em qualquer caso, era crucial que o Ás-de-Trunfo não fosse surpreendido no caminho de ronda à porta do bordj. Assim, o cabo repetia-lhe:

– Vai, cãozinho, vai!

O Ás-de-Trunfo compreendeu-o, pois foi-se embora, depois de ter lançado um último latido de despedida.

No dia seguinte, tal como acontecera na véspera, foram fornecidos víveres de madrugada e tudo levava a crer que ainda não seria nesse dia que a situação dos prisioneiros se iria modificar.

Na noite seguinte, o cão não apareceu; pelo menos Pistache, que estava de atalaia, não ouviu sinal dele. E receou que o pobre animal tivesse sido vítima de alguma maldade e que não o voltassem a ver.

Os dois dias que se seguiram não foram marcados por nenhum incidente, e não se verificou qualquer nova animação no povoado.

No dia 24, pelas onze horas, o capitão Hardigan, no posto de observação no cimo do minarete, notou um certo movimento em Zenfig. Traduzia-se num tumulto de cavalos e num ruído de armas que não era habitual. Ao mesmo tempo, a população deslocou-se em massa para a praça principal, para a qual se dirigiam muitos cavaleiros.

Seria este o dia em que o capitão Hardigan e os seus companheiros seriam conduzidos à presença de Hadjar?

Não, ainda não foi desta. Pelo contrário, anunciava-se uma próxima partida do chefe targui. A cavalo, no meio da praça, passava em revista uma centena de tuaregues, também eles montados.

Meia hora depois, Hadjar colocava-se à cabeça do grupo, e, ao sair do povoado, tomava a direção do Hinguiz.

O capitão desceu imediatamente para o pátio e contou o que se passava aos companheiros.

– É certamente uma expedição contra Goleah, onde as obras terão sido retomadas – disse o engenheiro.

– E quem sabe se Hadjar não vai encontrar Villette e o seu destacamento? – observou o capitão.

– Sim, tudo é possível, mas não é certo – respondeu o cabo. – Mas do que não resta dúvida é de que, já que Hadjar e os seus bandidos deixaram o povoado, é chegado o momento de fugir.

– Como? – perguntou um dos spahis.

Sim, como? Como aproveitar a ocasião que se apresentava? Os muros do bordj não continuavam intransponíveis? A porta, solidamente fechada do exterior, não permanecia inviolável? Por outro lado, de quem se poderia esperar auxílio?

Mas esse socorro veio, e vejamos em que condições. Na noite seguinte, tal como fizera da primeira vez, o cão emitiu ganidos abafados, ao mesmo tempo que raspava no chão junto ao solo.

Guiado pelo instinto, o Ás-de-Trunfo descobrira uma brecha sob aquela parte do sour, um buraco meio tapado com terra que estabelecia uma comunicação entre o exterior e o interior. E, de súbito, o cabo, que não esperava uma coisa daquelas, viu-o aparecer no pátio.

Sim! Ás-de-Trunfo estava junto dele, a saltar e a ladrar, e foi com dificuldade que acalmou o bravo animal.

Imediatamente, o capitão Hardigan, o Sr. de Schaller e os outros lançaram-se para fora do quarto, e, vendo o cão voltar ao buraco por onde acabara de passar, foram atrás dele.

O que encontraram foi a abertura de uma galeria estreita. Bastaria retirar algumas pedras e uma pequena quantidade de terra para que um homem aí pudesse penetrar. – Isto é que é sorte! – exclamou Pistache. É verdade. E bem inesperada. Era preciso aproveitá-la

nessa mesma noite, antes que Hadjar regressasse a Zenfig.

E, no entanto, atravessar o povoado e, a seguir, o oásis, não iria deixar de envolver grandes dificuldades! De que modo os fugitivos se poderiam orientar no meio daquela escuridão profunda? Não se arriscavam a ser descobertos pelo próprio grupo de Hadjar? E os cinquenta quilômetros que os separavam de Goleah, como iriam percorrê-los, sem víveres, e dispendo apenas como alimento dos frutos e das raízes do oásis?

Nenhum deles quis saber desses perigos. Não hesitaram um instante sequer em fugir. Seguiram o cão até ao buraco, pelo qual ele foi o primeiro a esgueirar-se.  
– Passa – disse o oficial a Pistache.

– Primeiro o meu capitão – respondeu o cabo.

Após terem tomado certas precauções para não provocar um desmoronamento da muralha, ao fim de uns dez minutos os prisioneiros encontravam-se no caminho de ronda.

A noite estava muito escura, nublada e sem estrelas. O capitão Hardigan e os companheiros não teriam sabido que direção seguir se o cão não estivesse lá para os guiar. Só tinham que confiar no inteligente animal. De resto, não se encontrava ninguém nas imediações, pelo que se deixaram deslizar pela encosta do bordj até à orla das primeiras árvores.

Eram onze horas da noite. Reinava o silêncio sobre o povoado, e as janelas das casas, verdadeiras frestas, não deixavam filtrar nenhuma luz.

Os fugitivos caminhavam com passos abafados e esgueiraram-se pelo meio das árvores. Até ao limite do oásis não encontraram viva alma.

Quando chegaram, surgiu-lhes na frente um homem que transportava uma lanterna acesa. Reconheceram-no e ele os reconheceu. Era Mezaki, que voltava para casa, situada naquele lado do povoado.

O árabe nem sequer teve tempo de emitir um grito. O cão saltou-lhe à garganta, fazendo-o cair ao solo já sem vida.

– Muito bem, Ás-de-Trunfo – disse o cabo.

O capitão e os companheiros já não tinham que se preocupar com o miserável que jazia morto na praça, e, em passo rápido, seguiram pela orla do Hinguiz em direção ao leste do Melrir.

## XV

### EM FUGA

Foi depois de ter refletido maduramente sobre o que havia a fazer na sequência da evasão que o capitão Hardigan se dirigiu para leste. É verdade que na direção contrária, um pouco além da orla ocidental do Melrir, estava a pista frequentada de Touggourt, que acompanhava o traçado do transsaariano, e de onde teria sido fácil chegar a Biskra com segurança num tempo normal. Mas ele não conhecia aquela parte do chott, uma vez que viera pelo leste de Goleah para Zenfig. Subir o Hinguiz para oeste, era não só entrar no desconhecido, mas também correr o risco de um confronto com homens de Hadjar, aí colocados para vigiar a eventual chegada de tropas provenientes de Biskra. Aliás, o percurso era mais ou menos igual entre Zenfig e o término do canal. Os operários podiam ter regressado em força ao estaleiro. Além disso, indo por Goleah, havia a possibilidade de encontrar o tenente Villette que devia estar a realizar as suas buscas naquela parte do Djerid. Finalmente, fora por esse lado que o Ás-de-Trunfo se tinha metido através do oásis, e, segundo pensava o cabo, teria “as suas razões para isso”, e era conveniente confiar na sagacidade do animal. Deste modo, disse:

– Meu capitão, temos de ir atrás dele! Ás-de-Trunfo não se engana! E, aliás, vê de noite como de dia! Digo-lhe, é um cão com olhos de gato!

– Sigamos então – respondeu o capitão Hardigan.

Era o melhor que havia a fazer. No meio daquela escuridão profunda, no dédalo do oásis, os fugitivos arriscar-se-iam a errar em torno do povoado sem se afastarem dele. Felizmente que, guiados pelo Ás-de-Trunfo, atingiram rapidamente a orla setentrional do Hinguiz e tiveram então apenas que seguir ao longo desta.

Era muito importante não se afastarem, pois, no exterior, o Melrir tinha um solo perigoso, cheio de voragens das quais seria impossível alguém livrar-se. As passagens praticáveis que circulavam entre elas só eram conhecidas dos tuaregues de Zenfig e dos povoados vizinhos, que trabalhavam como guias, e que, na maior parte dos casos, só ofereciam os seus serviços para atacar as caravanas.

Os fugitivos caminhavam em passo estugado e não tiveram nenhum encontro funesto até que, ao nascer do dia, pararam num bosque de palmeiras. Dada a dificuldade de progredir no meio das trevas, calculavam que, nessa etapa, não teriam percorrido mais de sete ou oito quilômetros. Faltariam portanto uns vinte para atingirem a extremidade do Hinguiz, e, a partir daí, mais ou menos outros tantos através do chott, até ao oásis de Goleah.

Aí chegado, o capitão Hardigan, fatigado pela marcha nocturna, decidiu descansar uma hora. O bosque estava deserto, e os povoados mais próximos ocupavam o limite meridional dessa futura ilha central. Seria portanto fácil evitá-los. De resto, tanto quanto a vista alcançava para leste, não se observavam sinais do grupo de Hadjar. Tendo partido de Zenfig há uma quinzena de horas, já devia estar longe.

Embora a fadiga obrigasse os fugitivos a pararem para descansar, essa pausa não seria suficiente para recobrar forças se não conseguissem obter alimentos. Os víveres haviam-se esgotado durante as últimas horas passadas no bordj, e agora só podiam contar com os frutos colhidos durante a travessia dos oásis do Hinguiz, ou seja, apenas tâmaras, bagas e eventualmente certas raízes comestíveis que Pistache conhecia bem.

Como todos tinham fuzil e isca combustível, podiam cozer as raízes num fogo de lenha seca, o que lhes proporcionaria uma alimentação mais substancial.

Assim, havia razões para confiar que o capitão Hardigan e os companheiros pudessem saciar a fome, e também a sede, dado que o Hinguiz era percorrido por vários wadis. Talvez conseguissem mesmo capturar alguma caça, quadrúpedes ou aves, com a ajuda do Ás-de-Trunfo. Mas todas estas possibilidades desapareceriam quando atravessassem as planícies arenosas do chott, os terrenos salíferos onde só cresciam alguns tufos de driss, impróprios para comer.

Mas, pensando bem, se os prisioneiros haviam demorado dois dias para vir de Goleah a Zenfig, conduzidos por Sohar, precisariam demais tempo para fazer o caminho inverso? Certamente que sim, e os motivos eram dois: o primeiro é que, desta vez, não tinham cavalos, e o segundo é que, dado não conhecerem as passagens praticáveis, a marcha seria forçosamente retardada a procurá-las.

– Na realidade, são apenas cinquenta quilômetros – observou o capitão. – Ao final do dia teremos completado metade do caminho. Após uma noite de descanso, retomamos a marcha, e, mesmo que precisemos do

dobro do tempo para a outra metade, depois de amanhã à noite teremos as ribas do canal à vista.

Após esta paragem de uma hora, e depois de terem ingerido apenas tâmaras, os fugitivos seguiram ao longo da orla do bosque, dissimulando-se o melhor possível. O tempo estava encoberto. Eram escassos os raios de sol que se filtravam entre os farrapos de nuvens. Sentia-se a ameaça de chuva, que, por sorte, não caiu.

A primeira etapa terminou ao meio-dia. Não tinha havido nenhum alerta. Não tinham encontrado um único nativa. O bando de Hadjar já estaria certamente trinta ou quarenta quilômetros para leste.

A paragem durou uma hora. Não havia falta de tâmaras, e o cabo desenterrou raízes, que puseram a cozer sob as cinzas.

O grupo lá se alimentou precariamente, e o Ás-de-Trunfo teve de se contentar com o que havia.

Quando a noite chegou, já haviam percorrido vinte e cinco quilômetros desde Zenfig, e o capitão Hardigan parou na extremidade leste do Hinguiz.

Estavam na borda do último oásis, para além do qual se estendiam as vastas solidões da depressão, a imensa área cintilante de depósitos salinos, na qual, sem um guia, a progressão ia ser tão difícil quanto perigosa. Mas, enfim, os prisioneiros estavam longe da prisão, e se Ahmet e outros se tivessem lançado na sua perseguição, pelo menos não lhes haviam descoberto o rastro.

Todos estavam a precisar muito de repouso. Por maior que fosse a sua vontade de chegar o mais cedo possível a Goleah, tiveram de passar a noite naquele local. Aliás, aventurarem-se no meio da escuridão nos terrenos movediços a seguir ao Hinguiz teria sido de uma grande

imprudência. Já seria difícil fazê-lo em pleno dia! Nessa época do ano e àquela latitude, não precisavam de se preocupar com o frio, pelo que se instalaram junto de um tufo de palmeiras.

Era certamente aconselhável um deles vigiar as imediações do acampamento, e o cabo ofereceu-se para ficar de guarda durante as primeiras horas, sendo depois rendido pelos dois spahis. Assim, enquanto os companheiros caíam num sono pesado, ficou no seu posto juntamente com o Ás-de-Trunfo. Mas, mal tinha decorrido um quarto de hora, Pistache não conseguiu resistir ao sono. E foi quase inconscientemente que, primeiro, se sentou e, depois, se deitou no chão, enquanto os olhos se fechavam sem que pudesse impedi-lo.

Felizmente que o fiel Ás-de-Trunfo montou melhor a guarda, pois, um pouco antes da meia-noite, os seus latidos abafados despertaram os dorminhocos.

– Alerta! Alerta! – gritou o cabo, que se levantara de rompante.

Num ápice, o capitão Hardigan pôs-se de pé.

– Escute, meu capitão – disse Pistache.

Ouvia-se um grande tumulto do lado esquerdo do tufo de árvores, um ruído de ramos quebrados e de arbustos arrancados, a algumas centenas de passos de distância.

– Será que estamos a ser perseguidos pelos tuaregues de Zenfig e que nos descobriram o rastro?

Poder-se-ia duvidar que os tuaregues, mal se apercebessem da evasão, se tivessem lançado no encalço dos prisioneiros?

O capitão Hardigan pôs-se à escuta e, partilhando da opinião do cabo, disse:

– Não... não são nativas! Estes teriam tentado surpreender-nos! Não fariam este barulho!

– Mas então? – perguntou o engenheiro.

– São animais, feras que deambulam pelo oásis – declarou o cabo.

Com efeito, o acampamento não estava ameaçado pelos tuaregues, mas por um ou mais leões, cuja presença não deixava de constituir um grande perigo. Se se lançassem sobre o acampamento, seria possível resistir-lhes, sem uma arma para se defenderem?

O cão dava sinais de mais viva agitação. O cabo teve muitas dificuldades em acalmá-lo, impedir que ladrasse e que corresse para o local de onde provinham os urros que retumbavam furiosamente.

Mas o que se passava? As feras lutavam entre si, disputavam uma presa com furor? Teriam descoberto os fugitivos debaixo das árvores? Iriam atacá-los?

Decorreram alguns minutos de profunda ansiedade. Se tivessem sido descobertos, os animais não tardariam a ir ter com eles! Mais valia esperar nesse local e, em primeiro lugar, trepar para as árvores, a fim de evitar um ataque.

Foi essa a ordem que deu o capitão Hardigan, e ela ia ser executada quando o cão, escapando das mãos do cabo, desapareceu em direção à parte direita do acampamento.

– Aqui... Ás-de-Trunfo! Aqui! – gritou Pistache.

Mas o animal, ou não o ouviu, ou não quis ouvi-lo, e não retrocedeu.

Nesse momento, o barulho e os urros pareceram afastar-se. A pouco e pouco diminuíram, acabando por

cessar. E os únicos ruídos ainda perceptíveis eram os latidos do Ás-de-Trunfo, que não tardou a reaparecer.

– Foram-se embora. As feras foram-se embora! – disse o capitão Hardigan. – Não deram pela nossa presença! Já não temos nada a temer.

– Mas, o que tem o Ás-de-Trunfo? – exclamou Pistache, que, ao acariciar o cão, sentiu as mãos úmidas de sangue. – Estará ferido? Terá sido atingido pelas garras de um animal?

Não, o Ás-de-Trunfo não se queixava, apenas saltitava, ia para a direita e voltava logo a seguir. Dir-se-ia que procurava levar o cabo para aquele lado. O capitão, vendo que este se preparava para o acompanhar, ordenou: – Não, não saia daí, Pistache. É melhor esperar o nascer do dia e depois veremos o que fazer.

O cabo obedeceu. Cada um retomou o lugar que ocupava antes de se ouvirem os primeiros urros das feras e do seu sono ter sido tão abruptamente interrompido.

Sono que já não sofreu novas interrupções, e, quando os fugitivos despertaram, o sol começava a irromper no horizonte a oriente do Melrir.

Mas eis que o Ás-de-Trunfo envereda pelo bosque e regressa com vestígios de sangue fresco no pelo.

– Decididamente – disse o engenheiro –, deve haver por aí um animal ferido ou morto. Talvez um dos leões que entraram na luta.

– É pena que não seja carne comestível, pois agora viria a calhar! – disse um dos spahis.

– Vamos ver – respondeu o capitão Hardigan.

Todos seguiram o cão que os guiava sempre a ladrar e, a cerca de cem passos, encontraram um animal

deitado numa poça de sangue.

Não era um leão, mas um antílope de grande envergadura, que as feras tinham morto, e pelo qual sem dúvida se haviam batido e depois abandonado, tal o furor que as excitava umas contra as outras.

– Ah! Excelente... excelente! – exclamou o cabo. – Eis uma peça de caça que nunca teríamos conseguido apanhar! Vem mesmo a propósito, e assim ficamos com uma reserva de carne para toda a viagem!

Fora realmente um golpe de sorte. Os fugitivos deixavam de estar limitados às raízes e às tâmaras. Os spahis e Pistache puseram-se imediatamente ao trabalho e separaram os melhores bocados do antílope, não esquecendo de dar a sua parte ao Ás-de-Trunfo. Conseguiram assim alguns quilos de boa carne, que levaram para o acampamento. Fez-se um fogo, colocaram-se alguns pedaços sobre brasas, e, se dissermos que todos se regalaram com uns suculentos grelhados, não vale a pena alongarmo-nos mais.

Com efeito, depois daquele almoço inesperado, em que os frutos foram substituídos pela carne, todos retemperaram as forças. Uma vez terminado o repasto, por entre a satisfação geral, o capitão Hardigan disse:

– A caminho! Não podemos perder tempo, pois não estamos livres de uma perseguição dos tuaregues de Zenfig.

Assim, antes de deixarem o acampamento, os fugitivos observaram com grande atenção toda a orla do Hinguiz que se prolongava em direção ao povoado. Estava deserta, e, em toda a extensão do chott, a leste como a oeste, não se via viva alma. Com efeito, as feras e os ruminantes nunca se aventuravam naquelas regiões

desoladas, e os próprios pássaros não as sobrevoavam. E porque o fariam, se os diversos oásis do Hinguiz lhes proporcionavam recursos que a árida superfície do chott nunca lhes poderia fornecer?

De resto, a esta observação feita pelo capitão Hardigan, o engenheiro respondeu: – Eles serão hóspedes habituais. Veremos aves marinhas, pelo menos goelanos, gaivotas, fragatas e maçaricos, quando o Melrir se tiver transformado num grande lago, e, sob as águas, deslizarão os peixes e os cetáceos mediterrânicos! E estou já a imaginar as frotas de guerra e os navios mercantes singrando, a todo o pano ou a todo o vapor, no novo mar!

– Mas o chott ainda não foi inundado, senhor engenheiro – declarou o cabo Pistache –, e é minha opinião que devemos aproveitar este fato para voltar ao canal. Não podemos ficar à espera que um barco venha nos buscar onde estamos.

– Sem dúvida – respondeu o Sr. de Schaller –, mas continuo achando que a inundação completa do Rharsa e do Melrir se efetuará em menos tempo do que o previsto.

– Desde que não demore mais de um ano – replicou, a rir, o capitão Hardigan. – Isso seria demais para nós! Mal os preparativos estejam terminados, dou ordem de partida.

– Vamos, Sr. François – disse então o cabo Pistache. – Vai ser preciso dar à perna, e oxalá que possa parar num povoado onde haja uma barbearia, senão acabamos por ficar com barbas de lobisomem!

– De lobisomem! – murmurou o Sr. François, que já não se reconhecia quando via a cara refletida nas águas de um wadi.

Nas condições em que estavam os fugitivos, os preparativos não podiam ser longos nem complicados. No entanto, o que os atrasou um pouco nessa manhã foi a necessidade de assegurar a alimentação para os dois dias de marcha até Goleah. Só dispunham dos pedaços de antílope que tinham sobrado. Ora, durante a travessia do Melrir, em que não havia lenha, como fazer fogo? Aqui, ao menos, o combustível não faltava e o solo estava juncado de ramos quebrados pelas violentas rajadas do Djerid.

Deste modo, o cabo e os dois spahis encarregaram-se de resolver o problema.

Em meia hora, grelharam nas brasas os nacos daquela excelente carne. Depois, quando arrefeceram, Pistache dividiu-os em seis partes iguais e cada um guardou a sua, envolvida em folhas frescas.

Eram sete horas da manhã, a avaliar pela posição do sol acima do horizonte, que se levantava no meio de brumas avermelhadas anunciando um dia quente. Desta vez, durante as etapas que tinham pela frente, o capitão e os seus companheiros não iriam dispor do abrigo das árvores do Hinguiz contra os ardores dos raios solares.

A essa circunstância funesta acrescentava-se uma outra, cujo perigo era dos mais sérios. Enquanto os fugitivos tinham seguido a orla sombria do oásis, o risco de serem vistos e, portanto, perseguidos, estivera em grande medida diminuído. Mas, quando percorressem a descoberto as longas nebka do chott, quem sabe se a sua passagem não seria detectada? E, caso o seu caminho se cruzasse com o de algum bando de Hadjar, onde poderiam esconder-se a fim de evitar o encontro? E

se nesse dia, ou no dia seguinte, Hadjar e o seu grupo regressassem a Zenfig?

Se somarmos a isto as dificuldades de caminhar nos terrenos movediços do Melrir, cujas passagens seguras nem o capitão, nem o engenheiro conheciam, poderemos avaliar os perigos que envolvia o trajeto de vinte e cinco quilômetros entre a ponta do Hinguiz e o estaleiro de Goleah!

O capitão Hardigan e o Sr. de Schaller estavam bem cientes da situação, e, após reflexão, decidiram que tinham de arriscar! Todos eles eram pessoas cheias de energia, vigorosas e capazes de grandes esforços.

– Vamos! – disse o capitão.

– Sim, vamos que para a frente é que é o caminho – respondeu o cabo Pistache.

## XVI

### O TELL

Passava um pouco das sete horas quando o capitão Hardigan e os companheiros deixaram a ponta do Hinguiz. A natureza particular do solo exigia que se avançasse com grande precaução. Os depósitos de sal da superfície não permitiam avaliar se oferecia uma resistência suficiente e se, a cada passo, não se corria o risco de alguém se afundar numa voragem.

O engenheiro, com base nas sondagens do capitão Roudaire e nas que ele próprio havia efetuado, sabia com o que contava no que respeita à composição destes terrenos, que constituem o fundo das sebkha e dos chotts. Na parte superior, estende-se uma crosta salífera, sujeita a certas oscilações muito sensíveis. Por baixo, as areias misturam-se com margas, por vezes fluidas, compostas por dois terços de água, o que lhes retira toda a consistência. Por vezes as sondas só encontram rocha a grandes profundidades. Não é, portanto, de surpreender que homens e cavalos desapareçam nestas camadas semilíquidas, como se o solo se desmoronasse debaixo deles, sem que seja possível salvá-los.

Os fugitivos acalentavam a esperança de, à saída do Hinguiz, encontrarem vestígios da passagem de Hadjar e do seu grupo de tuaregues por esta parte do chott. Não pasSaara ainda tempo suficiente para que as pegadas deixadas na crosta branca tivessem sido apagadas, pois havia alguns dias que o vento e a chuva poupavam o

leste do Melrir. Neste caso, bastaria segui-las para não se afastarem das passagens bem conhecidas dos nativos até ao oásis de Goleah, para o qual presumivelmente se dirigia o chefe targui. Mas foi em vão que o Sr. de Schaller procurou esse rastro, pelo que tiveram de concluir que o bando não contornara a orla do Hinguiz até à sua ponta extrema.

Durante a caminhada, o capitão e o engenheiro iam à frente, precedidos pelo cão que corria fazendo o papel de batedor. Antes de tomarem esta ou aquela direção, procuravam determinar a composição do solo, exame que o grande lençol salífero tornava bastante difícil. A marcha fazia-se lentamente. Assim, naquela primeira etapa, que terminou por volta das onze horas, percorreram apenas um troço de quatro a cinco quilômetros. Foi então necessário pararem, para descansar e para comer. Não se avistava um oásis, nem um bosque, nem sequer um tufo de árvores. Apenas uma ligeira tumescência arenosa, à distância de uns cem passos, quebrava a uniformidade da planície.

– Não temos alternativa – disse o capitão Hardigan. Dirigiram-se todos para essa pequena duna e sentaram-se

do lado protegido dos raios de sol. Cada um tirou da sua bolsa um bocado de carne. Mas foi em vão que o cabo procurou um ras para recolher um pouco de água. Nenhum wadi atravessava essa parte do Melrir, e só conseguiram mitigar a sede com as poucas tâmaras colhidas no último acampamento.

Por volta do meio-dia e meia, retomaram a marcha e avançaram, mau grado o cansaço e as enormes dificuldades do percurso. Tanto quanto era possível, o

capitão Hardigan procurava manter a direção leste, baseando-se na posição do sol. Mas, quase a cada instante, o solo vacilava debaixo dos seus pés. Nessa parte a depressão tinha uma cota bastante baixa e certamente que, quando o chott fosse inundado, seria entre o Hinguiz e a desembocadura do canal que apresentaria a sua maior profundidade, ou seja, cerca de trinta metros abaixo do nível do mar.

Foi o que observou o engenheiro, que acrescentou: – Assim, não me espanta que, deste lado, o solo seja mais movediço do que noutras zonas. Durante a estação das chuvas, estes fundos vão receber a água de todos os regatos do Melrir, pelo que nunca adquirem consistência.

– É pena que não possamos evitá-los – observou o capitão. – Subir para norte ou descer para sul, sem ter a certeza de encontrar melhor caminho, seria uma perda de tempo, e não podemos atrasar-nos um só dia. A direção que tomamos leva-nos ao oásis mais próximo que nos é possível atingir, e mais vale não alterar o rumo.

– Sem dúvida – declarou o Sr. de Schaller. – Mas também é indubitável que Hadjar e o seu bando, se se dirigiram ao Quilômetro 347, não seguiram este caminho.

Com efeito, não encontraram nenhum vestígio da sua passagem.

Que caminhada mais fatigante e vagarosa! E que dificuldade em seguir sempre pelas passagens seguras! O Ás-de-Trunfo, que ia à frente, recuava sempre que sentia ceder a crosta branca. Nessa altura, era preciso parar, experimentar o terreno, desviar a progressão para a esquerda ou para a direita, por vezes cinquenta metros, e o caminho alongava-se em múltiplas

sinuosidades. Nestas condições, essa segunda etapa não permitiu percorrer mais de légua e meia. Ao fim da tarde, pararam, esgotados, e, a menos que a isso fossem obrigados por uma necessidade imperiosa, não poderiam aventurar-se numa caminhada nocturna.

Eram cinco horas da tarde. O capitão Hardigan compreendera que os seus companheiros se sentiam incapazes de prosseguir. Porém, o local não era propício para um acampamento nocturno. Estavam numa área absolutamente plana. Nem sequer um ressalto do terreno para se encostarem. Nenhum ras onde fosse possível recolher um pouco de água potável. Nem um tufo de driss naqueles terrenos baixos, naqueles hofrah onde se acumulavam os cristais salinos. Algumas aves atravessavam rapidamente essa região desolada para voltar aos oásis mais próximos, sem dúvida a várias léguas de distância, e onde os fugitivos não saberiam chegar!

Nesse instante, o cabo aproximou-se do oficial e disse-lhe: – Meu capitão, salvo o devido respeito, penso que há uma alternativa melhor do que acampar neste local, onde nem os cães tuaregues quereriam ficar!

– E qual é, cabo?

– Olhe... se não estou enganado, não é uma espécie de duna que se eleva lá ao fundo, com algumas árvores em cima?

E, esticando a mão na direção nordeste, Pistache apontava para um ponto do chott, quando muito a uns três quilômetros de distância.

Todos os olhares se viraram naquela direção. O cabo não se enganava. Por sorte havia ali uma pequena colina arborizada, um tell, sobre o qual se perfilavam três ou

quatro árvores bem raras nessa região. Se o capitão Hardigan e os seus companheiros conseguissem lá chegar, talvez pudessem passar a noite em condições menos más.

– Temos de ir para ali, custe o que custar – declarou o oficial.

– Tanto mais que – acrescentou o Sr. de Schaller – não nos afastaremos muito do nosso caminho.

– Além disso – observou o cabo –, quem sabe se para aquele lado o fundo do chott não será melhor para os nossos pobres pés!

– Vamos, meus amigos, mais um esforço! – ordenou o capitão.

E todos o seguiram.

Podia acontecer que do outro lado desse tell, como acabava de dizer Pistache, o fundo fosse mais alto, e, no dia seguinte, os fugitivos talvez encontrassem um terreno mais firme, mas o mesmo não se verificou durante a última hora dessa etapa.

– Nunca lá chegarei – repetia o Sr. François.

– Vai ver que sim, se se apoiar no meu braço! – respondeu o solícito cabo.

Ainda não tinham percorrido bem dois quilômetros quando o sol começou a desaparecer. A lua, no início do primeiro quarto, seguia-o de perto e em breve ir-se-ia esconder por trás do horizonte. Ao crepúsculo, já de si muito curto nessa baixa latitude, sucederia uma escuridão profunda. Era pois muito importante aproveitar os últimos instantes do dia para chegar ao tell.

O capitão Hardigan, o Sr. de Schaller, o cabo, o Sr. François e os dois spahis caminhavam em fila vagarosamente. O solo tornava-se cada vez pior. A crosta

cedia sob os pés, as areias, por baixo dele, desciam, deixando subir a água que as impregnava. Por vezes, os homens enterravam-se até aos joelhos naquela camada fluida, e não era fácil libertarem-se. Aconteceu mesmo que o Sr. François, ao afastar-se demasiado dos companheiros, se atolou até à cintura, e teria sido completamente tragado por um daqueles buracos, os “olhos de mar”, de que já se falou, se não tivesse estendido os braços.

– Socorro... ajudem! – gritou ele, debatendo-se com todas as forças.

– Aguarde... aguarde! -gritou, por seu lado, Pistache.

O cabo, que seguia à frente, parou e voltou para trás a fim de o ajudar. Todos fizeram alto ao mesmo tempo que ele. Mas o Ás-de-Trunfo foi o mais rápido a reagir, e, nuns poucos de saltos, chegou junto do desgraçado Sr. François, que já só tinha a cabeça e os braços emersos, e que se agarrou com toda a força ao pescoço do robusto animal.

Finalmente o respeitável homem conseguiu sair da voragem, todo úmido e coberto de marga.

E embora não fosse o momento mais apropriado para agradecer, o cabo disse-lhe:

– Não tinha nada a recear, Sr. François, se o Ás-de-Trunfo não se tivesse adiantado, eu tê-lo-ia tirado dali, nem que fosse puxando-o pela barba!

É difícil imaginar o que foi a caminhada, ou, mais propriamente, o deslizamento durante ainda uma hora na superfície desta outtâ. Os fugitivos só podiam avançar com risco de se atolarem até à cintura. Rastejavam na areia, perto uns dos outros, para se ajudarem mutuamente em caso de necessidade.

Nessa parte da depressão, o fundo continuava a baixar. Era como que uma grande bacia onde se iam acumular as águas dos ras alimentados pela rede hidrográfica do chott.

Só havia uma hipótese de salvação: atingir o tell assinalado pelo cabo Pistache. Aí, junto às árvores que coroavam o cume, haveria certamente de novo um solo resistente, e, nessas condições, os fugitivos teriam toda a segurança para passar a noite.

Mas, no meio da escuridão, tinham grande dificuldade em orientar-se. O próprio tell mal se distinguia. Já não sabiam se deviam ir para a direita ou para a esquerda.

Por agora, o capitão Hardigan e os companheiros progrediam ao acaso, e só o acaso os poderia manter no caminho certo.

A certa altura, o Ás-de-Trunfo, na realidade o verdadeiro guia do grupo, emitiu uns latidos precipitados. Parecia que o cão se encontrava a uma distância de uma centena de passos para o lado esquerdo e sobre um terreno elevado.

– O outeiro é ali – disse o cabo.

– Sim – acrescentou o Sr. de Schaller. – Tínhamo-nos desviado.

Não havia dúvida de que o cão encontrara o tell e trepara até às árvores, e os seus repetidos latidos eram certamente um convite para que fossem ter com ele.

Foi o que aconteceu, mas à custa de enormes esforços, bem como de alguns perigos! O solo começou a subir gradualmente, ao mesmo tempo que se tornava mais sólido. À superfície sentiam-se agora alguns tufos de driss rugosos aos quais os dedos se podiam agarrar, e

foi assim que, depois de Pistache ter dado uma última ajuda ao Sr. François, atingiram todos o tell.

– Finalmente... cá estamos! – exclamou o cabo, acalmando o Ás-de-Trunfo que saltitava à sua volta.

Nessa altura já passava das oito horas. Agora só havia uma coisa a fazer: estenderem-se debaixo das árvores e passarem uma noite repousada. Mas, enquanto o cabo, o Sr. François e os dois spahis não tardaram a adormecer, foi em vão que o Sr. de Schaller e o capitão Hardigan esperaram pelo sono. Demasiadas preocupações e inquietudes mantiveram-nos acordados. A verdade é que se sentiam como náufragos atirados para uma ilha desconhecida, sem saberem se alguma vez de lá poderiam sair. Será que encontrariam passagens praticáveis junto a esse tell? Quando amanhecesse deveriam aventurar-se de novo num solo movediço? E quem sabe se, na direção de Goleah, o fundo do chott não baixaria ainda mais?

– A que distância pensa que nos encontramos de Goleah? – perguntou o capitão Hardigan ao engenheiro.

– Entre doze e quinze quilômetros – respondeu o Sr. de Schaller.

– Nesse caso, já fizemos metade do percurso?

– Penso que sim.

Com que lentidão se escoavam as horas dessa noite de 26 para 27 de Abril! Certamente que o engenheiro e o capitão invejaram os companheiros, cuja fadiga fazia mergulhar num sono de chumbo, de que não despertariam nem com o ribombar dos trovões. Mas, mau grado a atmosfera carregada de electricidade, não se declarou nenhuma trovoada, embora, apesar da brisa

ter amainado, se produzissem certos ruídos que perturbavam o silêncio.

Era cerca da meia-noite quando estes ruídos, aos quais a breve trecho se foram juntar outros mais fortes, se fizeram ouvir.

– O que se passa? – perguntou o capitão Hardigan, pondo-se de pé junto da árvore que lhe servira de encosto.

– Não sei – respondeu o engenheiro. – Será uma trovoada ao longe?

– Não! Parece-me um fragor que se propaga através do solo!

Isto não tinha nada de surpreendente. Como já se disse, quando se efetuaram os estudos geodésicos, Roudaire constatou que a superfície do Djerid sofria oscilações de uma amplitude bastante considerável que perturbaram mais de uma vez os seus trabalhos.

Essas oscilações eram certamente devidas a um fenómeno sísmico com origem nas camadas inferiores do solo. Havia pois razões para pensar que um abalo do gênero poderia alterar os fundos tão pouco estáveis da hofra, uma das depressões mais acentuadas do Melrir.

O cabo, o Sr. François e os dois spahis acabavam de acordar com aqueles estrondos subterrâneos cuja intensidade tendia a aumentar.

Nessa altura, o Ás-de-Trunfo deu sinais de grande agitação. Por várias ocasiões desceu até à base do tell, e, na última vez que voltou a subir, vinha todo molhado, como se tivesse estado completamente mergulhado em água.

– Sim, é água! Água! – repetia o cabo. – E parece água do mar!... Não, desta vez não é sangue!

Essa observação relacionava-se com o que se tinha passado na outra noite no acampamento na ponta do Hinguiz, quando o cão aparecera com o pêlo impregnado de sangue de um animal morto pelas feras.

E o Ás-de-Trunfo sacudia-se, salpicando Pistache.

Assim, havia em torno dessa colina um lençol de água suficientemente profundo para que o cão lá pudesse ter mergulhado. Porém, o capitão e os companheiros tinham lá chegado rastejando numa marga deliquescente, e não através de qualquer camada líquida.

Teria ocorrido um abaixamento do solo, que trouxera à superfície a água dos terrenos inferiores, e transformara o tell numa ilha?

Foi com grande impaciência e enorme apreensão que os fugitivos esperaram pelo nascer do dia. Voltar a dormir, era impossível. Aliás, a intensidade das perturbações subterrâneas continuava a aumentar. Parecia que as forças plutônicas e neptunianas lutavam entre si sob os fundos do chott, que se iam modificando. Por vezes, produziam-se mesmo abalos tão violentos que as árvores se vergavam como que por ação de uma rajada de vento e quase eram arrancadas pela raiz.

Em dado momento, o cabo, que acabara de descer até à base do tell, verificou que as primeiras camadas se encontravam mergulhadas em água com uma profundidade já de dois a três pés.

De onde vinha a água? Aquelas perturbações do solo tê-la-iam empurrado através das margas subterrâneas até à superfície do chott? E não seria mesmo possível que, sob a ação desse extraordinário fenómeno, a cota desta superfície tivesse descido, e bastante abaixo do nível do Mediterrâneo?

Era essa pergunta que o Sr. de Schaller fazia a si mesmo. Encontraria resposta para ela quando o sol reaparecesse no horizonte?

Até começar a surgir a primeira claridade do dia, o rumor longínquo que parecia provir de leste não deixou de ecoar no espaço. Ao mesmo tempo, e a intervalos regulares, produziram-se abalos suficientemente fortes para que o tell estremecesse pela base, ao longo da qual a água se precipitava com o ruído de ressaca de uma maré enchente contra as rochas da costa.

A certa altura, enquanto o grupo tentava apreender pelo ouvido o que os seus olhos não podiam ver, o capitão Hardigan disse:

– Será possível que o Melrir se tenha enchido com as águas subterrâneas que subiram à superfície?

– Seria muito improvável – respondeu o Sr. de Schaller. -Creio que há uma explicação mais plausível.

– Qual é?

– É que fossem as águas do golfo a tê-lo inundado, invadindo, a partir de Gabes, toda esta região do Djerid.

– Nesse caso – exclamou o cabo —, não teríamos outro remédio senão salvarmo-nos a nado!

Finalmente, estava prestes a alvorecer, mas a claridade que se desenhava a oriente do chott era muito ténue, e uma espessa neblina parecia estender-se no horizonte.

Estavam todos de pé, junto às árvores, com o olhar fixo naquela direção, esperando apenas os primeiros clarões da aurora para avaliar a situação. Mas, por infelicidade, a sua espera saiu frustrada!

## XVII

### O DESENLACE

Uma espécie de neblina estendia-se sobre a duna e em seu redor, tão espessa que os primeiros raios de sol não poderiam dissipá-la. Não se via nada a quatro passos de distância, e os ramos das árvores estavam mergulhados num denso nevoeiro.

– Decididamente, há aqui dedo do diabo! – exclamou o cabo.

– Estou em crer que sim! – respondeu o Sr. François.

No entanto, havia razões para esperar que, dentro de algumas horas, quando a luz do sol se tornasse mais intensa à medida que este caminhava para o zénite, estas brumas acabassem por se dispersar, e nessa altura a vista sobre o Melrir ficaria desanuviada.

Não havia nada a fazer para além de ter paciência e, embora fosse mais do que nunca necessário economizar víveres, impossíveis de renovar, tiveram que consumir uma parte, e a verdade é que só restavam provisões para dois dias. O problema da sede foi mitigado com a água salobra recolhida na base do tell.

Decorreram assim três horas. Os ruídos haviam diminuído a pouco e pouco. Levantava-se uma brisa bastante forte, que fazia estalar as ramagens das árvores, e, com a ajuda do sol, não faltaria muito para que essas brumas densas se dissipassem.

Finalmente, o nevoeiro começou a desvanecer-se em torno do tell. O esqueleto da rama das árvores ficou à

vista. E esqueleto é o termo exato, dado que todas aquelas árvores estavam mortas, sem um fruto e sem uma folha. Depois, uma rajada de vento fez levantar a névoa definitivamente, expulsando-a para oeste.

E então uma grande extensão do Melrir ficou descoberta.

Em consequência do abaixamento do fundo dessa hofra, a sua superfície estava parcialmente inundada, e uma cintura líquida, com uma largura de uns cinquenta metros, envolvia o tell. Para lá desta, nos níveis mais elevados, reapareciam os lençóis de cristais. Nas zonas baixas, a água refletia os raios solares entre extensas planícies arenosas cuja cota lhes permitia manterem-se em seco.

O capitão Hardigan e o engenheiro percorreram toda a linha do horizonte com o olhar. O Sr. de Schaller, então, disse:

– Não há dúvida, produziu-se qualquer fenómeno sísmico importante. Os fundos do chott baixaram e as camadas líquidas do subsolo invadiram-no.

– Pois bem, antes que a marcha se torne impraticável em todo o lado – respondeu o capitão —, é preciso pormo-nos a caminho, e imediatamente!

Todos se preparavam para descer quando estacaram de súbito, perante o espectáculo aterrorador que se apresentava aos seus olhos.

A cerca de meia légua para norte, via-se uma horda de animais que corriam a toda a velocidade, vindos de nordeste. Era uma centena de feras e de ruminantes, leões, gazelas, antílopes, argalis e búfalos que fugiam em direção ao oeste do Melrir. E só um terror comum podia anular a ferocidade de uns e a timidez dos outros,

fazendo com que, num extraordinário desvario, tivessem como único fito escapar ao perigo que representava a debandada geral dos quadrúpedes do Djerid.

– Mas o que se passa ali? – repetia o cabo Pistache.

– Sim... o que é aquilo? – perguntava o capitão Hardigan.

E o engenheiro, a quem era dirigida a pergunta, deixou-a sem resposta.

Foi então que um dos spahis gritou: – Será que estes animais se vão deslocar na nossa direção?

– E como fugir? – acrescentou o outro.

Nesse momento, a horda encontrava-se a menos de um quilômetro e aproximava-se com a rapidez de um comboio expresso. Mas, aparentemente, esses animais, na sua corrida desnordeada, não tinham dado por aqueles seis homens que se haviam refugiado no cimo de um tell. Com efeito, num movimento conjugado, desviaram-se para a esquerda e acabaram por desaparecer num turbilhão de poeira.

Aliás, obedecendo a uma ordem do capitão Hardigan, os seus companheiros haviam-se deitado debaixo das árvores para não serem descobertos. Foi então que viram passar ao longe bandos de flamingos também em debandada, enquanto milhares de aves batiam as asas vigorosamente fugindo em direção às margens do Melrir.

– Mas o que se está a passar? – continuava a repetir o cabo Pistache.

Eram quatro da tarde e a causa desse estranho êxodo revelou-se rapidamente.

Um lençol líquido, vindo de leste, começava a estender-se sobre a superfície do chott, e a breve trecho a planície arenosa ficou totalmente inundada, embora

apenas sob uma fina camada de água. Os depósitos salinos haviam desaparecido a pouco e pouco até onde o olhar alcançava, e agora era um imenso lago que refletia os raios de sol.

– Teriam as águas do golfo invadido o Melrir? –  
aventou o capitão Hardigan.

– Agora tenho a certeza que foi isso que aconteceu –  
respondeu o engenheiro. – Estes ruídos subterrâneos que  
ouvimos provinham de um tremor de terra. Ocorreram  
perturbações consideráveis no solo. Daqui resultou um  
abaixamento do fundo do Melrir e talvez de toda esta  
parte leste do Djerid. O mar, após ter destruído o que  
restava da soleira de Gabes, inundou-a até ao Melrir!

Esta explicação devia ser a correcta. Estava-se na  
presença de um fenómeno sísmico cuja importância  
ainda não se encontrava completamente compreendida.  
E, por efeito dessas perturbações, era possível que o Mar  
Saariano se tivesse feito por si próprio e com uma  
dimensão maior do que a sonhada pelo capitão Roudaire.

Porém, um novo barulho, ainda longínquo, começava  
a ressoar no espaço.

Já não era através do solo, mas através do ar que ele  
se propagava com uma intensidade crescente.

De repente, para nordeste, elevou-se uma nuvem de  
poeira, da qual se viu sair um grupo de cavaleiros, que  
fugiam como o haviam feito os animais, o mais depressa  
que podiam.

– Hadjar! – gritou o capitão.

Sim! Era o chefe targui, que, juntamente com os seus  
companheiros, cavalgava a toda a brida para escapar aos  
turbilhões de um monstruoso macaréu que se levantava  
atrás deles, estendendo-se a toda a largura do chott.

Tinham decorrido duas horas desde a passagem dos animais e o sol estava prestes a desaparecer. Com a inundação a propagar-se, o tell afigurava-se como o único refúgio possível para o bando – uma ilhota no meio desse novo mar.

Hadjar e os tuaregues, que se encontravam a menos de um quilômetro, certamente que o haviam visto, pois dirigiram-se para ele num galope desenfreado. Conseguiriam chegar lá antes do macaréu? E que seria então dos fugitivos que, desde a véspera, se refugiavam debaixo daquele tufo de árvores?

Porém, a montanha líquida corria mais depressa. Era uma gigantesca vaga sísmica, uma sucessão de ondas espumosas, com uma força irresistível, que progredia com tal velocidade que os melhores cavalos não conseguiriam ultrapassá-la.

Foi então que o capitão Hardigan e os seus companheiros presenciaram este terrível espectáculo: uma centena de cavaleiros, apanhados pelo macaréu no meio de uma onda de espuma, desapareceram juntamente com os seus cavalos, e, na última claridade do crepúsculo, só se viam cadáveres arrastados pela enorme vaga em direção ao oeste do Melrir.

Nesse dia, quando o sol terminou o seu curso diurno, pôs-se sobre um horizonte marítimo!

Que noite para os fugitivos! Embora tivessem conseguido escapar a um encontro, primeiro com as feras e, depois, com os tuaregues, havia o perigo de a inundação chegar ao cimo do seu refúgio.

Mas era impossível sair dali, e foi com pavor que ouviram a água subir a pouco e pouco no meio daquela profunda escuridão, preenchida por um ruído de ressaca.

Podemos imaginar o que foi aquela noite, com o fragor das águas que, impelido por uma forte brisa de leste, se fazia ouvir continuamente. E o ar enchia-se dos gritos das inúmeras aves marinhas que agora voavam sobre a superfície do Melrir!

O novo dia nasceu. A enchente não havia chegado ao topo do refúgio, e parecia ter atingido o seu máximo, com o chott repleto de água até às bordas.

Não se via nada à superfície dessa imensa planície líquida! A situação dos fugitivos parecia desesperada. Os alimentos não chegavam até ao final do dia e não era possível obter mais naquela ilha árida. Fugir, mas como? Construir uma jangada com as árvores e embarcar? Mas como cortá-las? E depois, essa jangada seria muito difícil de dirigir, e, com o vento terrível que se fazia sentir, corria-se o risco de ela ser empurrada para longe das margens do Melrir pela ação de correntes impossíveis de contrariar.

– Vai ser complicado sairmos desta situação – disse o capitão Hardigan, depois de ter espreado o olhar sobre o chott.

– Mas, meu capitão – respondeu o cabo Pistache –, pode acontecer que venham em nosso auxílio. Nunca se sabe...

O dia ia passando sem que as circunstâncias se alterassem. O Melrir transformara-se num lago, tal como certamente havia acontecido com o Rharsa. E até onde teria ido a inundação se os taludes do canal tivessem sido destruídos em toda a sua extensão?

Nefta e outros povoados não teriam sido arrasados pelo fenómeno sísmico ou pelo macaréu que se lhe seguiu? E, finalmente, será que o desastre foi ao ponto

de atingir toda esta parte do Djerid até ao golfo de Gabes?

Entretanto, a noite aproximava-se e, desde a refeição da manhã, que o capitão e os seus companheiros nada tinham para comer. Tal como haviam constatado ao chegarem ao tell, nenhum fruto pendia das árvores. Só havia madeira seca. E nem um único pássaro, nem sequer uma abecoinha daquelas que se viam passar em bandos ao longe, ia pousar na ilhota; e nem um estorninho, que teria feito as delícias de um estômago torturado pela fome. E, se já havia algum peixe nas novas águas, foi em vão que o cabo Pistache procurou comprová-lo. E depois, como mitigar a sede se aquele lençol líquido era tão salgado como o mar?

Ora, por volta das sete e meia, no momento em que os últimos raios de sol iam extinguir-se, o Sr. François, que olhava na direção nordeste, disse, com uma voz em que, aliás, não se pressentia a menor emoção:

– Vejo fumo.

– Fumo? – exclamou o cabo Pistache.

– Fumo – repetiu o Sr. François.

Todos os olhares se viraram na direção indicada.

Não havia dúvida, era fumo que o vento empurrava para o tell, e que agora se começava a ver distintamente.

Os fugitivos permaneceram mudos, tomados pelo medo de que ele se desvanecesse e que o navio de onde provinha rumasse para o largo, afastando-se do tell!

Então a explicação avançada pelo engenheiro era verdadeira! As suas previsões tinham acabado de se tornar realidade!

Durante a noite de 26 para 27, as águas do golfo espalharam-se pela superfície da parte oriental do Djerid! A partir daí, passava a existir uma comunicação entre o Sirte Menor e o Melrir, e esta era navegável, pois um navio, certamente passando pelo canal, tinha podido seguir essa rota marítima através da região das sebkha e dos chotts.

Vinte e cinco minutos depois do barco ter sido descoberto, começou a ver-se a chaminé, e depois o casco, o casco do primeiro navio a cruzar as águas do novo lago.

– Sinais! Vamos fazer sinais! – gritou um dos spahis.

De que modo poderia o capitão Hardigan assinalar a presença dos fugitivos no estreito topo daquela ilhota? O outeiro seria suficientemente elevado para que a equipegem o pudesse avistar? E o navio, que mal se distinguia, não se encontrava ainda a mais de duas léguas marítimas na direção nordeste?

Por outro lado, a noite pusera termo ao curto crepúsculo, e, a breve trecho, o fumo deixou de ser visível na escuridão.

E então o spahi, deixando-se invadir pelo desespero, exclamou: – Estamos perdidos!

– Pelo contrário, estamos salvos! – respondeu o capitão. Os nossos sinais, que não se podiam ver durante o dia, podem ser vistos à noite!

E acrescentou:

– Deitemos fogo às árvores!

– Sim, meu capitão! – berrou positivamente o cabo Pistache. – Vamos atear fogo às árvores e elas arderão como fósforos!

Imediatamente feriram lume na pederneira e apanharam ramos caídos por ali, que foram depois empilhados junto aos troncos das árvores. Surgiu uma labareda que se propagou aos ramos superiores, enquanto vivos clarões dissipavam as trevas em torno da ilha.

– Se não vêem as nossas fogueiras – exclamou Pistache —, é porque são todos cegos naquele barco!

No entanto, o incêndio do tufo de árvores não durou mais de uma hora. Toda aquela madeira seca foi rapidamente consumida e, quando a última claridade se extinguiu, não se sabia se o navio se havia aproximado do tell, pois nem sequer assinalou a sua presença com um tiro de canhão.

A ilha estava agora mergulhada em trevas profundas. A noite passou sem que, aos ouvidos dos fugitivos, tivesse chegado um silvo de vapor, um roncar de hélice ou o ruído das pás da roda de um barco batendo nas águas do chott.

– Ali! Ali! – gritou Pistache com a primeira claridade da aurora, enquanto o Ás-de-Trunfo latia com todas as forças.

O cabo não estava enganado.

Um pequeno navio, arvorando na carangueja o pavilhão francês, estava fundeado a duas milhas de distância. Quando as chamas tinham iluminado aquele ilhéu desconhecido, o comandante alterara a rota e rumara a sudoeste. Mas, por prudência, como o ilhéu deixara de se ver após a extinção das labaredas, lançara a âncora e ficara fundeado durante a noite.

O capitão Hardigan e os companheiros lançaram gritos, a que logo responderam vozes, entre as quais reconheceram, num escaler que veio ao seu encontro, as do tenente Villette e do sargento Nicol.

Era o *Benassir de Tunes*, um vapor de pequena tonelagem, que chegara a Gabes havia seis dias, o primeiro a lançar-se intrepidamente no novo mar.

Alguns minutos decorridos, o escaler acostava à base do tell, que havia sido a salvação dos fugitivos, e o capitão Hardigan abraçava o tenente, o sargento abraçava o cabo Pistache e o Ás-de-Trunfo saltava para o colo do dono. Nicol só a muito custo reconheceu o Sr. François naquele homem barbudo e bigodudo, que, logo que se visse a bordo do Benassir, antes demais nada iria escanhoar-se.

Vejamos o que se passara então nas últimas quarenta e oito horas.

Um tremor de terra acabara de modificar toda a região oriental do Djerid entre o golfo e o Melrir. Após a ruptura da soleira de Gabes e o abaixamento do solo numa extensão demais de duzentos quilômetros, as águas do Sirte Menor tinham-se precipitado pelo canal, que não possuía capacidade suficiente para as conter.

Assim, haviam invadido a região das sebkha e dos chotts, inundando não só o Rharsa em toda a sua extensão, mas também a vasta depressão do Fejey-Tris. Felizmente que os povoados de La Hammâ, Nefta, Tozeur e outros não haviam sido engolidos, em virtude de se encontrarem num terreno elevado, podendo figurar agora no mapa como portos marítimos.

No que respeita ao Melrir, o Hinguiz tornara-se uma grande ilha central. Mas, ainda que Zenfig tivesse sido poupada, pelo menos o chefe Hadjar e o seu bando de salteadores, surpreendidos pelo macaréu, foram dizimados até ao último.

Tinha sido em vão que o tenente Villette tentara encontrar o capitão Hardigan e os seus companheiros. As buscas não conduziram a nenhum resultado. Depois de ter inspecionado as imediações do Melrir do lado do estaleiro do Quilómetro 347, onde os operários da seção nunca haviam aparecido, pois a expedição de Pointar ficara a aguardar uma escolta enviada de Biskra, dirigiu-se a Nefta com o propósito de organizar uma expedição através das diversas tribos tuaregues.

Aí encontrou os condutores e os dois spahis que, devido a um incidente fortuito, escaparam ao destino dos chefes.

Ora, encontrava-se neste povoado quando se deu o tremor de terra, e ainda lá estava quando o comandante do Benassir, que partira de Gabes logo que a inundaçã o permitiu, foi procurar obter informações sobre o Rharsa e o Melrir.

O comandante do aviso recebeu imediatamente a visita do tenente e, uma vez posto ao corrente da situação, propôs-se admiti-lo como passageiro a bordo, juntamente com o sargento. O mais urgente era procurar o capitão Hardigan, o engenheiro de Schaller e os seus companheiros. Assim, o Benassir, navegando a todo o vapor, após ter atravessado o Rharsa, penetrou nas águas do Melrir, a fim de esquadrihar os oásis das margens, bem como os da Farfaria, que a inundaçã o não submergira.

Ora, na segunda noite de navegação, o comandante, alertado pelas chamas, havia tomado a direção do tell, mas, nesse mar novo e com uma equipe reduzida, apesar dos pedidos de Villette, remeteu para o dia seguinte qualquer comunicação com o ilhéu, e agora os fugitivos encontravam-se todos a bordo, sãos e salvos.

O aviso, logo que recebeu os seus novos passageiros, retomou o rumo de Tozeur, onde o comandante tinha a intenção de os deixar e de onde pretendia enviar, pela via mais rápida, informações aos seus superiores, prosseguindo então a viagem de reconhecimento até aos limites extremos do Melrir.

Deste modo, foi quando o Sr. de Schaller e os seus companheiros desembarcaram em Tozeur que o capitão Hardigan voltou a encontrar os homens do seu destacamento. E com que alegria estes o receberam, a ele e aos seus companheiros!

Mesmo a coluna desaparecida de Biskra estava representada por um telegrama proveniente de Tunes, no qual Pointar, obrigado a recuar com os seus homens até Biskra, pedia novas instruções.

Foi aí também que o Vai-Avante, o velho camarada, reencontrou o Ás-de-Trunfo, e seria impossível descrever as manifestações de satisfação que os dois amigos trocaram entre si!

E tudo isto no meio de uma multidão quase sempre entusiasta, mas sobretudo superexcitada devido a todos os acontecimentos que rodearam o cataclismo, que se comprimia em torno dos primeiros exploradores do novo mar.

De súbito, o engenheiro viu-se perante um desconhecido que abria caminho à força de cotoveladas.

Este começou por saudá-lo em voz baixa, para lhe dizer imediatamente a seguir, com um forte sotaque exótico:

– É com o Sr. de Schaller, em pessoa, que tenho a honra de falar?

– Parece que sim – respondeu este.

– Pois bem, caro senhor, tenho o prazer de o informar que, nos termos de uma procuração devidamente autenticada por registro notarial, confirmada pelo Sr. presidente do tribunal de primeira instância com jurisdição sobre a sede social da Companhia Franco-Estrangeira, visada por exequátur na Residência-geral de França em Tunes – na margem da qual se encontra a seguinte menção: registrado folio 200 verso, casa 12, recebido 3,75 F, décimas incluídas, assinatura ilegível —, sou o mandatário dos liquidatários da referida Companhia com os mais amplos poderes, nomeadamente os de negociar e, se necessário, de obter um compromisso, estando os ditos poderes devidamente homologados. Não se surpreenderá, caro senhor, se, agindo nesta qualidade, lhe solicitar, em seu nome, que me informe das obras efetuadas por ela e que o senhor se comprometeu a utilizar.

Na alegria transbordante que o invadia pouco a pouco, depois de ter reencontrado os companheiros e de ver a sua obra terminada de uma forma tão extraordinária, aquele homem tão frio, tão metódico, tão senhor de si nas circunstâncias mais difíceis, voltou a ser, por um instante, o homem jovial de outrora, quando, no pátio da Escola Central, ele, o candidato classificado em primeiro lugar no concurso de admissão, estimulava os calouros com a verve endiabrada dos veteranos. E foi num tom galhofeiro que se dirigiu ao interlocutor e disse:

– Senhor mandatário com os mais amplos poderes, ouça um conselho de amigo: mais vale comprar ações do Mar Saariano.

E enquanto prosseguia o seu caminho por entre manifestações e felicitações, começou a calcular o orçamento dos novos trabalhos que iriam figurar no relatório que queria enviar ainda no próprio dia aos administradores da Sociedade.

**FIM**